UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA – IFISP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RACISMO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS ADOLESCENTES NEGRAS EM SANTANA DO LIVRAMENTO – RS: UM ESTUDO DE CASO COMPARATIVO ENTRE O BAIRRO CAROLINA E O BAIRRO CENTRO.

FLAVIA GIRIBONE ACOSTA DUARTE

Pelotas

2017

FLAVIA GIRIBONE ACOSTA DUARTE

RACISMO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS ADOLESCENTES NEGRAS EM SANTANA DO LIVRAMENTO – RS: UM ESTUDO DE CASO COMPARATIVO ENTREO BAIRRO CAROLINA E O BAIRRO CENTRO.

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle

Pelotas

2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas Catalogação na Publicação

D812r Duarte, Flavia Giribone Acosta

Racismo e a construção das identidades das adolescentes negras em Santana do Livramento - RS : um estudo de caso comparativo entre o bairro Carolina e o bairro Centro / Flavia Giribone Acosta Duarte ; Marcus Vinicius Spolle, orientador. — Pelotas, 2017.

133 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Identidade. 2. Racismo. 3. Adolescentes negras. 4.

Ações afirmativas. I. Spolle, Marcus Vinicius, orient. II. Título.
CDD : 305.8

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Flavia Giribone Acosta

Racismo e a construção das identidades das adolescentes negras em Santana do Livramento - RS: um estudo de caso comparativo entre o bairro Carolina e o bairro Centro

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestraem Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 31 de março de 2017.

Banca examinadora:

.....

Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle (Orientador), Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

.....

Profa. Dra. Cassiane de Freitas Paixão, Doutora em Educação pela Universidade do Vale dos Sinos.

.....

Prof. Dr. Sérgio Botton Barcellos, Doutor em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

.....

Prof. Dr. Fernando de Figueiredo Balieiro, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos.

Agradecimentos

À minha família e amigos que sempre acreditaram e me motivaram a seguir por esse caminho. Os incentivos que recebi ao longo da minha trajetória até aqui vieram de familiares e amigos que talvez nem tenham percebido a importância de seus atos. À Anita Giribone (in memoriam) agradeço de forma especial.

Ao professor e meu orientador Marcus Vinicius Spolle pela paciência e pelas sugestões oportunas e por acreditar e confiar no meu potencial de trabalho.

À Capes pela possibilidade de fazer este trabalho com mais tranquilidade e apoio.

Às adolescentes que se dispuseram a conversar comigo e que sem elas nada disso teria sido possível. Agradeço também aos diretores e professores que também fizeram parte do trabalho e aos movimentos negros de Santana do Livramento.

Aos meus colegas e amigos do Mestrado e também aos professores que fizeram parte desse ciclo da minha vida no programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. Agradeço muito o apoio e a força dada durante os dois anos.

Resumo

DUARTE, Flavia Giribone Acosta. **Racismo e a construção das identidades das adolescentes negras em Santana do Livramento – RS: um estudo de caso comparativo entre o bairro Carolina e o bairro Centro.** 2017. 209 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

A compreensão de como as adolescentes negras moradoras de Santana do Livramento percebem a construção de suas identidades e como elas experienciam o racismo é o tema dessa dissertação. Este trabalho visa entender como estas jovens negras estão vivenciando seus processos de identificações sendo estudantes do ensino médio de escolas estaduais e como moradoras do bairro Carolina e do bairro Centro, da cidade supracitada. Isto foi feito através de uma pesquisa qualitativa utilizando entrevistas semiestruturadas como forma de se aproximar às ideias e percepções das adolescentes pesquisadas. Assim, tem-se como objetivo geral compreender como as adolescentes negras estão construindo suas identidades na periferia e no centro de Santana do Livramento e como elas se posicionam com relação ao racismo. Alémdisso, têm-se como objetivos específicos: analisar como as alunas estão dialogando com o processo de construção de suas identidades, como lidam com o racismo e as ações afirmativas realizadas no âmbito escolar; compreender a relação que as adolescentes têm com os movimentos negros e se estes compõem a construção de suas identidades; e perceber de que forma as adolescentes articulam suas identidades frente às possibilidades de mobilidade social. Verificou-se que as construções das identidades em foco e seu contexto cultural estão sendo influenciados de forma significativa pela implementação da Lei 10.639/03 e de forma sutil pelas atividades dos movimentos negros de Santana do Livramento. A construção das identidades a partir da interseccionalidade das categorias raça, gênero e classe, das adolescentes do terceiro ano, trouxe outros elementos para o debate que se mostraram relevantes e fortemente presentes nas construções de suas identidades, como a reação a situações de racismo, as influências da família, da religião, da autoestima, cabelo e beleza, bem como do ambiente escolar.

Palavras-chave: identidade; racismo; ações afirmativas; adolescentes negras.

Abstract

DUARTE, Flavia Giribone Acosta. **Racism and the construction of identities of black adolescents in Santana do Livramento – RS: a comparative case study between Carolina neighborhood anddowntown.** 2017. 209 f. Dissertation (Master inSociology) – Postgraduateprogramin Sociology. Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

The comprehension of howblack adolescents resident in Santana do Livramento perceive the construction of their identities and how they dialogue with racism is the subject of this dissertation. This work seeks to comprehend how these black adolescents are experiencing their identification processes being high school students of state public schools and residents in Carolina neighbourhood or downtown, of the aforementioned city. This qualitative research used semi-structured interviews as a way to approach the ideas and perceptions of the adolescents.Thus, the main objective was to comprehend how black adolescents are building their identities in the suburbs and downtown in Santana do Livramento and how they position themselves related to racism. In addition, the specific objectives are: to analyze how the students are interacting with their process of identity construction, how they deal with racism and affirmative actions that took place in the school context; to comprehend the relation between the adolescents and the black movementsand if these movements are part of their identity construction; and to realize how the adolescents articulate their identities in order to enable a social mobility. It was verified that the construtions of identities in focus and their cultural context are being affected significantly by the implementation of Law 10.639/03 and subtly by the activities of the black movements in Santana do Livramento. The construction of identities from the intersectionality of race, gender and class categories, of the last year high school teenagers, brought other elements for the debate that were relevant and strongly present in the constructions of their identities, as the reaction to racism situations and the influences of the family, religion, self-esteem, hair and beauty, jointly to the school environment.

Key-words: identity; racism; affirmative actions; black adolescents.

Lista de figuras

Figura 1	Mapa do Rio Grande do Sul.....	17
Figura 2	Mapa dos bairros Carolina e Centro.....	24
Figura 3	Entorno da escola do bairro Centro.....	65
Figura 4	Entorno da escola do bairro Carolina.....	66
Figura 5	Entorno da escola do bairro Carolina.....	67

SUMÁRIO

Introdução..... 01

CAPÍTULO 1 - A questão racial no Brasil..... 10

1.1. Raça e racismo..... 10

1.2. Desigualdade racial..... 17

1.3.Movimentos negros e ações afirmativas..... 25

1.3.1. Movimentos negros..... 25

1.3.2. Ações afirmativas..... 31

CAPÍTULO 2 – Construção das identidades e agenciamento: raça, gênero, classe: uma perspectiva interseccional..... 36

CAPÍTULO 3 – As adolescentes de Santana do Livramento (bairro Carolina e bairro Centro) e a construção de suas identidades..... 45

3.1. Identidade e racismo..... 45

3.2. A autoafirmação na escola e na religião e as construções das identidades na fronteira..... 62

3.3. Beleza, autoestima e gênero sob a perspectiva das adolescentes..... 88

Considerações..... 117

Referências..... 125

Apêndices..... 129

Apêndice A - Modelo da entrevista semi-estruturada com as adolescentes..... 130

Apêndice B – Modelo da entrevista semi-estruturada com os fundadores dos movimentos negros..... 132

Apêndice C – modelo da entrevista semi-estruturada com professores e diretores..... 133

Introdução

A compreensão de como as adolescentes negras moradoras de Santana do Livramento percebem a construção de suas identidades e como elas experienciam o racismo é o tema dessa dissertação. Este trabalho visa entender como estas jovens negras estão vivenciando seus processos de identificações sendo estudantes do ensino médio de escolas estaduais e como moradoras do bairro Carolina e do bairro Centro, da cidade supracitada.

Além disso, busca-se apreender se estes processos de identificação podem ter sido influenciados por políticas públicas de ações afirmativas epor atividades realizadas pelos movimentos negros santanenses, bem como compreender como estas adolescentes significam o racismo em suas vidas. A política de ação afirmativa que será analisada aqui é a Lei 10.639/03 e sua implementação na escola. Esta lei obrigou uma alteração na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) da educação nacional fazendo com que a escola tenha fundamental importância no processo de construção identitária de seus alunos.

A obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na escola, segundo Silvério (2012), faz parte de um conjunto de mudanças e transformações profundas na nossa sociedade. Para este autor, é um marco na educação do país. Com isso, percebem-se ainda mais o papel da escola, sua atuação e o que ela representa neste ciclo de mudanças sociais.

O município, onde será realizada esta pesquisa, localiza-se na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, fazendo divisa com o Uruguai e a uma distância de 498 km da capital Porto Alegre. Segundo Albornoz, os primeiros a habitar essa região foram os índios Charruas, Bohanes, Chanás, Yarós e Minuanos, formando a Grande Nação Charrua, e os guaranis vindos da Amazônia (ALBORNOZ, 2000). De acordo com a autora, estes foram seguidos de espanhóis e logo em seguida de imigrantes portugueses e italianos, dentre outros (ALBORNOZ, ibidem).

Com relação à população negra residente na cidade de Santana do Livramento, Mattos (2010) esclarece que, no ano de 1858, os dados populacionais indicavam uma população de indivíduos livres de 1598, um número de 67 libertos e 803 escravos (MATTOS, 2010).

Em decorrência de todos esses processos de ocupação histórica surge a configuração que existe atualmente. Segundo Dorfman (2008), além de todas estas influências ainda se tem o fato de ser um território de fronteira onde este espaço geográfico acaba sendo um componente no processo identitário do indivíduo. Para a mesma autora é importante ressaltar que mesmo que os dois países demarquem suas normas, eles não conseguem fazer com que a fronteira seja estanque. Pelo contrário, há um fluxo continuo de pessoas, objetos e informações. A população acaba por criar sua forma de lidar com a economia local, desenvolvendo práticas que apresentam semelhanças em ambos os lados, o que, segundo Dorfman (2008), pode ser entendido como a formação de uma região: a região-fronteira.

Esta contextualização, tanto do município, quanto da população do mesmo, é um fator importante para esta pesquisa, na medida em que é onde se dá o processo de identificação das adolescentes investigadas. Assim, além da diversidade étnica no processo histórico da cidade, Santana do Livramento é um município peculiar, fazendo fronteira com a cidade uruguaia de Rivera.

Esta fronteira é uma fronteira seca, pois une os dois países por terra e muitas vezes não se percebe onde termina um país e começa o outro. Essa particularidade faz com que o município de Santana do Livramento, bem como o de Rivera, tenham moradores brasileiros e uruguaios e se torne recorrente o fenômeno, nestas duas cidades, dos conhecidos “doble chapa” [1].

Os espaços sociais nas fronteiras são carregados de significações e ressignificações, pois as demandas locais fazem com que os agentes se identifiquem entre si e se afastem, dependendo de suas necessidades e interesses. Na fronteira, pode-se dizer que existem grupos raciais ou étnicos como brasileiros, uruguaios, palestinos, estrangeiros, gaúchos e fronteiriços. Dorfman lista estes grupos como grupos presentes na fronteira entre Rivera e Santana do Livramento. “Identificar-se e identificar a cada grupo corresponderá a conjuntos depráticas cotidianas” (DORFMAN, 2008).

---

[1]– “Doble chapa” é um termo usado para denominar o individuo, filho de pai brasileiro e mãe uruguaia, ou vice-versa, que, por isso, tenha dupla nacionalidade e livre acesso nos dois países.

Essa mescla de nacionalidades e idiomas faz parte do processo de identificação dos moradores da região. O bairro Carolina se localiza a 6 km do centro comercial de Santana do Livramento, sendo um dos motivos da escolha do local, pois poderá se perceber as peculiaridades do bairro pelo afastamento do centro comercial. Carolina não fica apenas a 6 km do centro da cidade, mas está apartado da zona central, precisando atravessar uma rodovia para se chegar até ele, o que estimula a divisão e onde os moradores acabaram por ter uma vida somente dentro deste e dos bairros vizinhos. Já o bairro Centro fica no centro comercial da cidade e grudado a cidade vizinha Rivera. Sendo assim, a pesquisa perpassa esses aspectos locais de nacionalidade, idioma e sentimento de pertencimento, aspectos estes que contextualizam as vivências dos sujeitos investigados em uma cidade de fronteira.

As identidades em foco e seu contexto cultural serão trabalhados juntamente com outros temas e atores importantes, como os movimentos negros santanenses e a implementação da Lei 10.639/03. Quanto às políticas públicas, busca-se compreender como se articulam essas ações nas escolas estaduais desses bairros da cidade. Para isso, será analisada a Lei 10.639/03, que está sendo implementada nas escolas com o intuito de proporcionar o ensino da história da África e da cultura afro brasileira, lembrando que a lei foi decretada em 2003.

O processo de construção está em andamento e modificação contínua. Este se dá de acordo com as interações dos indivíduos no espaço social em que estão inseridos. Os sujeitos dessa pesquisa são mulheres, negras, jovens, de determinada classe social, inseridas em um contexto fronteiriço, onde “a classe se articula com outros eixos de diferenciação como o racismo, o heterossexismo ou a casta no delineamento de formas variáveis de oportunidades de vida para categorias específicas de mulheres” (BRAH, 2006, p. 342). Este é um dos pontos relevantes desta pesquisa, pois se tentou compreender como as categorias se articulam de tal forma a oportunizar ou não possibilidades para estas mulheres. Trata-se de possibilidades tanto profissional, no sentido de mobilidade social ou de acesso à educação, quanto pessoal, no sentido de alcançarem seus objetivos, no bairro e fora dele.

A pesquisa almejou ouvir essas jovens, pois, segundo Ribeiro (2016), no momento em que a mulher negra fala sobre si contribui para novas possibilidades de enfrentamento e ações políticas. Para Spivak (2010), o pesquisador não fala pelo sujeito, mas cria possibilidades para que a fala aconteça. O pesquisador seria um elo entre o agente e “o ser ouvido”.

A importância de se visualizar a interseccionalidade entre raça, classe, gênero e outras variantes encontradas numa zona de fronteira, onde os sujeitos estão inseridos, e o contexto em que eles se relacionam se torna primordial para uma compreensão maior da realidade em que as adolescentes vivem. O entrelaçamento desses elementos, levantados por Spivak, mostra que os processos de identificações passam por vários caminhos e se conectam e se desconectam dependendo das necessidades ou interesses das adolescentes em questão.

No momento em que esses espaços são formados, abrem-se meios de articulação para que o agente possa falar e, quando falar, possa ser ouvido. “Não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar ‘contra’ a subalternidade” (SPIVAK, 2010, p.14). A autora acrescenta ainda a impossibilidade de o subalterno ter uma história e a impossibilidade de falar, mas que o subalterno feminino estaria ainda mais na obscuridade se comparada à situação de um subalterno masculino. E que a questão da mulher seria bem mais problemática. “Evidentemente se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (SPIVAK, 2010, p. 84).

Esta pesquisa buscou compreender as adolescentes negras e suas percepções numa tentativa de afastar qualquer ideia essencializada da mulher negra, mas sim buscando trabalhar gênero sob um enfoque onde o mesmo é um processo em transformação, uma construção feita socialmente. De acordo com Louro (1997), o conceito de gênero traz consigo um caráter fundamentalmente social e relacional, tendo a “pretensão de entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos” (LOURO, 1997, p. 22). Sendo assim, o gênero faz parte da identidade do sujeito assim como a classe, raça, nacionalidade.

De acordo com Corrêa (2001), temos duas definições ou classificações humanas enraizadas em nossa natureza, que são as de sexo e as de raça. Por conseguinte, essas definições, sendo vistas como parte da essência humana, teriam que ser discutidas relacionalmente. “Talvez por isso os estudos sobre o corpo estejam se tornando tão evidentes nos estudos de gênero nesses últimos anos: é no corpo que essas marcas classificatórias são impressas” (CORRÊA, 2001, p. 27).

Por esta razão, optou-se por trabalhar com as adolescentes do terceiro ano do ensino médio, pois são alunas que estão terminando este ciclo e carregam uma bagagem de vivências dentro da escola. Tendo em vista que o terceiro ano é a etapa final do ensino médio, essas adolescentes podem fazer uma análise do que experienciaram no ambiente escolar e fazer uma reflexão acerca das suas percepções sobre o processo de identificações e as intersecções de categorias que são enfatizadas ou minimizadas dependendo de suas necessidades e interesses.

O problema de pesquisa surgiu a partir das experiências vividas pela pesquisadora no bairro Carolina e no bairro Centro na cidade de Santana do Livramento, cidade esta na qual trabalhou-se durante anos como professora concursada da rede pública e presenciou-se diversas situações que aguçaram a curiosidade e anseio de refletir, por meio de estudos, sobre este fenômeno social.

Assim, este trabalho parte de inquietações da pesquisadora buscando compreender o fenômeno social em questão, onde esta temática ainda não foi investigada. Santana do Livramento não conta com estudos desta natureza. Não há registros de trabalhos de pesquisa ou nenhum tipo de relatório similar sobre a construção das identidades negras nesta cidade, onde vários fatores dialogam entre si.

Com isso, torna-se pertinente esta escolha de um aprofundamento na área, pois não há conhecimento e informação sobre o objeto que se pretende estudar. Ou seja, este trabalho é relevante para a sociologia, bem como para conhecermos melhor como as adolescentes negras constroem suas identidades, conhecer o espaço social onde elas estão inseridas e as

possibilidades de mobilidade social, bem como se mostra relevante para a cidade de Santana do Livramento de uma forma geral.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como as adolescentes negras estão construindo suas identidades na periferia e no centro de Santana do Livramento e como elas se posicionam com relação ao racismo. Os objetivos específicos são: analisar como as alunas estão dialogando com o processo de construção de suas identidades, como lidam com o racismo e as ações afirmativas realizadas no âmbito escolar; compreender a relação que as adolescentes têm com os movimentos negros e se estes compõem a construção de suas identidades; perceber de que forma as adolescentes articulam suas identidades frente às possibilidades de mobilidade social.

Sendo assim, foram levantadas as seguintes hipóteses: 1. As alunas não percebem o espaço social escolar como único formador ou participante ativo de uma construção pessoal e social, percebendo pouca mudança social ou de comportamento depois da implementação da lei no seu espaço escolar; 2. As adolescentes têm pouca relação com os movimentos negros e estes compõem o processo identitário através de atividades promovidas para aumentar a auto-estima dessas adolescentes; 3. As adolescentes negras terminam o ensino médio com algumas perspectivas de mudanças e mobilidade social.

Com relação à escolha do método, este se deu pensando na melhor forma de analisar as percepções das adolescentes. Assim, esta pesquisa fez uso de entrevistas como recurso para a análise das histórias orais das jovens pesquisadas. As histórias de vida esclarecem pontos importantes que deve-se ser conhecido para entendermos a construção de suas identidades.

Segundo Alberti (2004) a história oral é um método de pesquisa que deve ser visto como um meio de conhecimento. Esse método foi escolhido, pois se adequa melhor ao objeto que foi pesquisado, sendo o mais apropriado para a abordagem que se queria fazer.

> Uma pesquisa de história oral pressupõe sempre a pertinência da pergunta "como os entrevistados viam e vêem o tema em questão? ': Ou: "O que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode

> informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?"(ALBERTI, 2004, p.30).

Este método faz com que se preste mais atenção às versões dadas pelos sujeitos. A escolha se deu devido ao tipo de questões que seriam colocadas para os sujeitos.

Com relação à escolha dos entrevistados, ou seja, a quem entrevistar, esta escolha se deu de acordo com os objetivos da pesquisa. Com isso, foi-se determinado que seriam entrevistadas adolescentes negras estudantes de escolas públicas que estivessem cursando o último ano do ensino médio. Além das adolescentes, foi-se necessário entrevistar também fundadores dos movimentos negros da cidade, bem como professores e diretores. Foram feitas algumas entrevistas, na fase exploratória da pesquisa, como forma de melhor perceber se esse método seria o adequado e a melhor forma de ser realizado. Esta pesquisa exploratória também foi importante, pois se pôde perceber a disponibilidade dos entrevistados para fazer parte da pesquisa.

Com relação ao número de entrevistadas, o mesmo não foi estipulado a principio por acreditar que este número se daria no decorrer da pesquisa. Sendo assim, a pesquisa foi concluida com onze entrevistas de adolescentes negras acreditando ser um número suficiente que foi ao encontro dos objetivos traçados. Conforme Alberti (2004), “é somente durante o trabalho de produção das entrevistas que o número de entrevistados necessários começa a se descortinar com maior clareza”, pois é na prática que os pesquisadores poderão conhecer e adquirir a experiência necessária para se poder avaliar (ALBERTI, 2004, p. 34). Para a autora, é o próprio pesquisador que perceberá e poderá avaliar qual o número que será suficiente de acordo com seus objetivos.

O tipo de entrevista escolhido foi o das entrevistas de história de vida, pois tem como centro o próprio indivíduo na história, “sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou,vivenciou ou de que se inteirou” (ALBERTI, 2004, p. 37).

Este tipo de pesquisa não se propõe encaixar os depoimentos em locais pré-determinados, mas sim, busca uma tentativa de “anular a noção de

dominância e estabelecer uma dignidade de aspectos de construções identitárias dos grupos (MEIHY, 2006, p. 198).

Foi feita uma pesquisa qualitativa e os dados foram coletados no segundo semestre de 2016. Num primeiro momento fez-se uso de informações que constam nas secretarias das escolas com relação à autoclassificação dos alunos dentro das categorias de cor/raça/etnia como forma de conhecer melhor a realidade a ser estudada. Foi pedido nas duas secretarias a listagem de alunos do terceiro ano do ensino médio com as classificações de raça/etnia. Na sequência foram separadas as jovens que constavam na lista como pardas ou pretas. Uma aluna que estava na escola no momento das entrevistas acabou fazendo parte da pesquisa, mas na lista da escola ela aparece como raça não declarada.

Um dado relevante encontrado foi com relação ao número total de alunos que fizeram o Enem por escola. Este é considerado um dado importante no momento em que mostra o número de alunos de cada escola, podendo ser feito um comparativo dos alunos do centro e os dos bairros, por exemplo[2].

As entrevistas foram feitas no espaço escolar, bem como em espaços agendados com os membros dos movimentos negros santanenses. Foram entrevistadas quatro alunas de uma escola do bairro Carolina e sete de uma escola do centro do município, bem como dois fundadores de movimentos negros santanenses, três professoras e uma diretora.

Os dados estatísticos de 2013, fornecidos pela Secretaria da Educação do estado do Rio Grande do Sul, revelam que Santana do Livramento conta com um total de 77 estabelecimentos de ensino, sendo 25 estaduais, 01 federal, 37 municipais e 14 particulares. As instituições públicas que oferecem ensino médio são doze, sendo três delas de ensino profissional, todas as três localizadas no centro da cidade. Das nove restantes, quatro ficam localizadas no centro da cidade e as outras cinco nos bairros: Armour, Carolina, Cohab do Armour, Planalto, Prado.

Esta dissertação consta de introdução, três capítulos, considerações e referências.No decorrer deste trabalho, será discutida, no Capítulo 1, a questão

[2] http://www.escol.as/

racial no Brasil, ondeserão debatidos os temas raça, racismo e desigualdade racial, trazendo alguns dados de pesquisa que ajudarão a exemplificar a situação de desigualdade que se vive no país e na região em debate. Na sequência, serão apresentados os tópicos sobre os movimentos negros e ações afirmativas, dialogando com as situações que serão encontradas durante o processo de investigação da pesquisa. O Capítulo 2 se trata da construção da identidade e agenciamento de raça, gênero e classe,a serem discutidas sob uma perspectiva interseccional. No Capítulo 3 serão abordadas as percepções das adolescentes negras das construções de suas identidades. Para uma melhor análise dessas percepções, foram feitas três categorias que serão analisadas juntamente com as falas das jovens entrevistadas. Por fim, serão feitas considerações acerca das análises dos dados.

CAPÍTULO 1 – A questão racial no Brasil

1. 1. Raça e Racismo

Como este trabalho teve o intuito de analisar as intersecções e processos de identificações, especificamente relacionado à identidade negra, alguns termos serão recorrentes ao longo do texto. Um deles é o termo “raça” seguindo o conceito proposto por Guimarães (2009). Para este autor, raça é um conceito utilizado como uma forma de classificação social, não correspondendo a nenhuma realidade natural, ou seja, faz parte de um mundo social. Guimarães (2009) defende o uso do termo “raça”, usado pelas Ciências Sociais, como “um conceito propriamente sociológico que prescinda de qualquer fundamentação natural, objetiva ou biológica” (GUIMARÃES, 2009, p. 22).

O termo raça persiste nas perspectivas dos movimentos sociais de defesa dos contingentes historicamente discriminados. Numa variante social e cultural, raça seria

> Um modo de constituição de padrões de solidariedade entre os afetados pelo problema, favorecendo assim sua ação coletiva em defesa da integridade física, legal e/ou territorial; pela adoção de medidas de promoção de qualidade de vida desses contingentes; de resgate positivo da trajetória histórica e cultural de seus ancestrais e; em prol de mudanças de padrões estéticos e simbólicos tradicionalmente atribuídos a essas determinadas características físicas (PAIXÃO, 2013, p. 35).

Assim, este autor esclarece que o uso deste termo estaria sendo trabalhado como vem sendo feito pelos movimentos sociais antirracistas, que fazem uso de um pensamento racializado, mas que luta pelo combate ao racismo. Segundo Guimarães (2009), racialismo é usado no sentido de crença na existência de raças humanas, o que aprincípio não constitui racismo, ou seja, não significa acreditar na inferioridade moral, intelectual ou cultural de alguma raça.

Para Paixão (2013), concordando com Guimarães, um pensamento racializado não necessariamente precisa ser racista. O não uso do termo não faria com que os que sofrem o drama superassem o problema do racismo.

Como afirma Paixão, “o segredo do racismo à brasileira são as disparidades raciais que garantem a qualidade de modos de interação entre brancos e negros no Brasil” (PAIXÃO, 2013, p. 134). Ou seja, a paz garantida através de um ordenamento onde cada um sabe seu lugar, não ultrapassando, nem circulando por áreas que não foram estipuladas como suas para evitar o confronto e mostrar uma falsa harmonia entre as pessoas.

A organização social racista limita as motivações e aspirações dos que Hasenbalg chama de “não-brancos”, vindo acompanhada de um comportamento discriminatório e todos os efeitos que este causa. Ressalta também que as práticas discriminatórias, abertas ou não, são usadas como mecanismos sociais para obstruir uma possível mobilidade social. As práticas discriminatórias, além de bloquear a mobilidade surtem um “efeito de bloqueio resultante da internalização, pela maioria dos não-brancos, de uma auto-imagem desfavorável” (HASENBALG, 2005, p. 209).

Com isso, segundo o autor, o que acaba acontecendo é que, se sentindo pressionado por estes mecanismos, os negros acabam por regular suas aspirações de acordo com o que lhe é oferecido ou imposto, ou seja, a complexidade destes mecanismos reforça as hierarquias e, ao mesmo tempo, é culturalmente aceita, fazendo com que a autoimagem negativa do agente acabe jogando contra eles mesmos. Hasenbalg usa o termo “lugar apropriado para pessoas de cor”. Ele faz uso deste termo na tentativa de explicar como os mecanismos funcionam e podem passar despercebidos mantendo a supremacia da estrutura.

Essa supremacia acaba mantendo as desigualdades e o racismo no Brasil. Atualmente, segundo Guimarães, “qualquer forma de explicação e de justificativa para diferenças, preferências, privilégios e desigualdades entre seres humanos, baseada na ideia de raça, pode, a princípio, ser considerada racista” (GUIMARÃES, 2009, p. 215), deixando claro que no momento que se atribui qualquer diferença relacionando-a com a “raça”, está se atribuindo uma

diferença social a partir de diferenças biológicas mesmo não havendo base científica que sustente estas explicações. Então no momento que legitimam qualquer diferença cultural ou social levando em conta a biologia pode-se estar ocorrendo um ato racista.

Isso vale também para superioridades ou inferioridades culturais de povos, etnias ou grupos que podem levar a uma desigualdade de oportunidades e de tratamento. Com isso, alguns grupos podem interiorizar um sentimento de inferioridade. Não só explicações, mas atitudes relacionando desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à "raça" são consideradas atos de racismo. Discriminar ou preferir com relação à raça faz com que se tenha uma hierarquia e isso inferioriza automaticamente alguma parte da população (GUIMARÃES, 2009).

O racismo perpassa relações entre agentes de forma a afetar negativamente todas as áreas da vida social dos mesmos. Isso acaba fazendo parte da vida de maneira geral e essa opressão que o sujeito vive passa a ser aceita na consciência coletiva do grupo ou comunidade. E esse fato vem acontecendo no Brasil de forma sistemática ao longo dos anos. "Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que, aqui, o racismo foi, até recentemente, um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial" (GUIMARÃES, 2009, p. 39). Nesse sentido, torna-se mais complicado a busca pelo fim do racismo num país onde muitos o vêem inexistente.

No momento em que as pessoas são tratadas de forma diferenciada devido a sua raça ou cultura, discriminando outras é uma forma de racismo, bem como "dar preferência, hierarquizar gostos e valores estéticos de acordo com a ideia de raça ou de cultura, de modo a inferiorizar, sistematicamente, características fenotípicas raciais ou culturais" (GUIMARÃES, 2009, p. 215). O racismo acaba deixando de ser uma ideologia para ser um sistema de reprodução da mesma. "O importante é que grupos que se definem ou são definidos por meio de atributos raciais (como a cor) ocupam, de modo permanente, posições de poder e social assimétricas, como resultado da operação de mecanismo de discriminação" (GUIMARÃES, 2009, p. 217). Essa

posição assimétrica pode ser vista com relação às oportunidades em geral e a recursos sociais, culturais e econômicos.

“O grande problema para o combate ao racismo, no Brasil, consiste na eminência de sua invisibilidade, posto que seja negado e confundido com formas de discriminação de classe” (GUIMARÃES, 2012, p. 226). Esse mesmo autor ressalta a importância de trabalhar com a identidade já que ela determina sua autoestima e maneira de existir.

O racismo faz com que aceitemos a vida social como ela é, com os espaços determinados, naturalizando comportamentos e atitudes e explicando as diferenças de possibilidades ou de oportunidades como naturais. Para Guimarães, o estudo desta imposição a uma naturalização de comportamentos e atitudes, não pode ser guiado por nenhum exemplo externo. Assim, “cada racismo só pode ser compreendido a partir de sua própria história” (GUIMARÃES, 2005, p. 12)

Mostram-se importantes as ideias de Guimarães, no momento em que, o estudo foi feito em bairros do interior do estado do Rio grande do Sul, onde comportamentos e práticas são vistos naquela região sem poder ser comparados com nada que tenha acontecido em outra periferia de qualquer outro município. Os relatos são feitos e compreendidos a partir da história daquele local especifico sob a perspectiva das adolescentes do local com relação ao racismo em suas histórias de vida e como elas percebem a hierarquia de determinados grupos sobre outros e como percebem ou não mecanismo de manutenção de desigualdades e reprodução de uma estrutura dominante.

A questão do racismo é perpassada por várias outras questões em que a complexidade de uma análise se torna difícil pela sutileza do processo e muitas vezes uma ambiguidade de ações. A formação social do racismo brasileiro traz à tona ainda outros elementos como a centralidade das noções de cor e de embranquecimento e “sua inscrição numa ordem estamental que pressupõe desigualdade de tratamento, ainda quando prevaleça o princípio da igualdade” (GUIMARÃES, 2009, p. 14). Ou seja, a formação social do racismo brasileiro tem várias nuances e elementos que se tornam de imprescindível

conhecimento para uma tentativa de combate ao racismo, lembrando que segundo o mesmo autor, o racismo pode ser doutrina, atitude ou preferência, mas pode ser combatido desmascarando e deslegitimando a ideia de raça.

A existência de uma “regra de etiqueta” faz com que prevaleça a negação da existência do problema. Assim, porque seriam necessárias políticas públicas para uma demanda que não existe? Combater algo que muitos dizem não existir, requer uma tomada de posição e reflexões acerca de como agir e de como fazer a ruptura com essas heranças já fixadas em um país onde a estrutura já está enraizada de tal forma que a naturalização da mesma faz com que muitos não a percebam. As práticas discriminatórias, muitas vezes, acabam acontecendo com o aval do que está sendo discriminado, pois as visões de mundo já estão pré-estabelecidas (PAIXÃO, 2013).

Corroborando com Paixão, Guimarães (2009) mostra que alguns mecanismos auxiliam essa manutenção da discriminação. Por exemplo, existem mecanismos psicológicos e individuais que fazem com que grupos com características específicas tenham uma baixa autoestima. Isto acontece inferiorizando ou dando extrema importância a determinados valores ou características em detrimento de outros. Outro mecanismo relatado por Guimarães seria o de exclusão e discriminação direta de pessoas com determinadas características. O autor coloca que isso acontece muitas vezes de forma polida e discreta na vida cotidiana. O último mecanismo seria o que exclui e discrimina por meio de atributos burocráticos pelo mercado, como os preços de mercadorias, ou produtos, as qualificações exigidas, qualidades pessoais, aparência, etc.

O fato dos negros no Brasil se sentirem acuados e desmotivados a tentar ou a se candidatar a uma vaga de emprego, para Dos Anjos (2008),deve-se ao fato de que a estrutura já está lhes mostrando onde fica cada um, ou melhor, onde cada um “deveria” ficar, como se cada um devesse respeitar o lugar que lhe foi designado. E isso, segundo Silverio (1999) é ainda maior para as mulheres negras que não encontram motivação e nem maneira de sair desse “lugar” que lhes foi previamente destinado. Paixão coloca que

está oculto no modelo que mistifica as relações raciais onde são totalmente esperadas estas disparidades. Da mesma forma, para Dos Anjos, uma criança que não tem um médico na família e nem na novela, não terá a carreira médica como uma opção principal de profissão no seu futuro.

> Nos negros, a percepção intuitiva do funcionamento do racismo limita realisticamente as expectativas com relação a concorrências em níveis sociais mais elevados (o que se conforma na chamada que fazem dominantes e dominados para o ajustamento das expectativas no nível do lugar de negro) (ANJOS, 2008, p.21).

Conhecer a maneira com que a identidade é construída nos contextos sociais em que o negro é discriminado negativamente ajuda a compreender a problemática do negro no Brasil. A consolidação da identidade negra poderá trazer uma nova visão de mundo e uma autoestima necessária para sua posição como cidadão (FERREIRA, 2000). O posicionamento do cidadão enquanto negro é de importância imprescindível em sua posição enquanto ser social atuante na sociedade.

Outro tipo de racismo também presente na sociedade brasileira é o racismo institucional. Paixão (2013) aponta que mesmo que o poder público no Brasil não se posicione abertamente racialista, suas ações apresentam-se bastante perversas do ponto de vista das disparidades raciais. Por exemplo: as escolhas desiguais de áreas habitadas por brancos e negros com relação a investimentos em serviços públicos, a postura tolerante diante de práticas preconceituosas e discriminatórias no interior de agências públicas, bem como por uma ação seletiva do aparato judicial e policial, seja pela passividade, com oferta precária de serviços de segurança pública ou ativa com relação à ação racialmente seletiva da ação judiciária, carcerária e policial.

Este tipo de racismo institucional tem efeitos drásticos sobre a população negra e “é factível perceber de antemão que as sequelas das práticas do poder público foram tão ou mais nefastas do que as práticas mais abertamente racistas adotadas até os anos 1960, nos EUA, ou até a década de 1990, na África do Sul” (PAIXÃO, 2013, p.144).

Ao se tratar de racismo no Brasil, os negros sofrem não só a discriminação racial devido ao preconceito e operada no plano privado, mas também e, sobretudo, o racismo institucional, que inspira as políticas estatais que lhes são dirigidas e se materializa nelas. Leite (2012) mostra a relação existente entre o racismo e as políticas estatais para territórios e populações negras no Brasil. Esta autora traz várias outras questões a serem pensadas que dizem respeito às elevadas taxas de homicídio, as políticas de remoção e de despejo, os altos índices de encarceramento de negros pobres, a precariedade das políticas públicas de habitação, saúde e educação, bem como o desrespeito a cultura e tradições (LEITE, 2012). Essa questão do racismo institucional é uma questão a ser observada no ambiente escolar dessas jovens negras.

1.2.Desigualdade racial

Num contexto de fronteira, onde foram analisadas as percepções das adolescentes negras, apesar de não ser o tema central desta pesquisa, as desigualdades aparecem de várias formas. Além de todas as facetas a serem analisadas, existe também a questão de dois países, quase sem uma separação territorial, que trabalham em prol de seus habitantes, ou seja, onde alguns têm direitos e outros não, mas muitas vezes a nacionalidade e a territorialidade são temas questionáveis e de difícil compreensão. A formação de uma região de fronteira é uma consequência de conflitos identitários. As desigualdades, nesta região, fazem parte de um processo nunca concluído de territorialização (DORFMAN, 2008), sendo de grande relevância a tentativa de um entendimento da situação do Brasil e de suas regiões de fronteira.

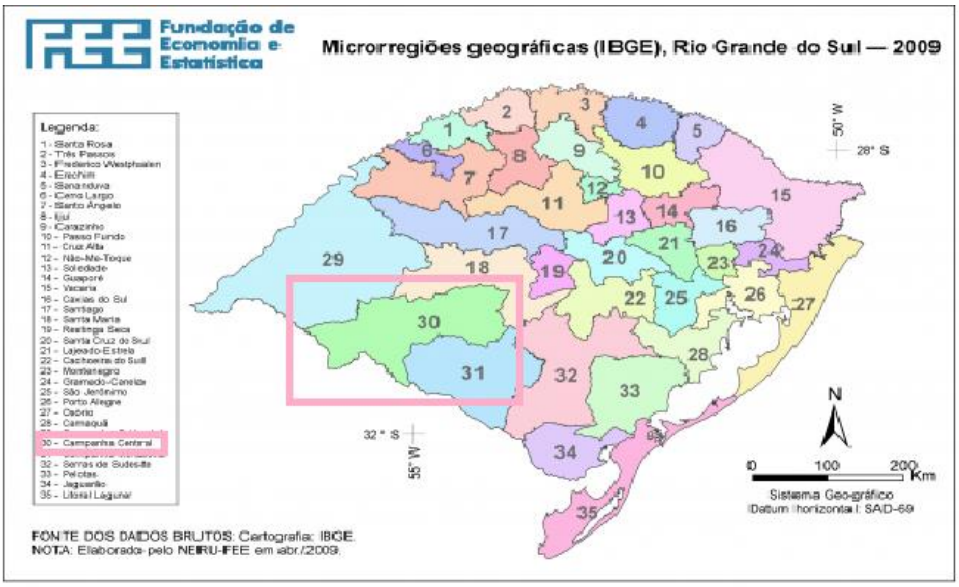

Figura 1 – Mapa do Rio Grande do Sul

Fonte: Fundação de economia e estatística

O Brasil, um país com dimensões continentais, é um dos países mais desiguais do mundo. Tendo como fonte o relatório de desenvolvimento humano de 2015, o Brasil ocupa a 75º posição no ranking do Índice de

Desenvolvimento Humano Global[3]. Seguindo o pensamento de Hasenbalg (2005), uma das explicações prováveis para a desigualdade racial em nosso país pode ser tanto a operação de princípios racistas de seleção, como as diferenças no ponto de partida.

O ponto de partida aqui se refere à origem, ao inicio da trajetória historicamente diferenciada entre os indivíduos. Ou seja, por exemplo, um estudante branco de classe média alta tem mais condições de passar em um concurso que um estudante negro de classe baixa, pois o primeiro historicamente vem tendo mais oportunidades e vantagens que o último.

No momento em que o estudante branco mora em um lugar geograficamente mais estruturado, com menos violência e um sistema educacional mais organizado, suas oportunidades poderão ser maiores do que a do estudante negro. As oportunidades poderão aparecer mais facilmente para ele do que para aquele que mora em um lugar longínquo, onde o acesso é dificultado pela precariedade de meios de transporte ou ao alto índice de violência. As desvantagens aparecem em todas essas áreas, fazendo com que as oportunidades possam ficar mais limitadas. No caso de um concurso, eles começam de pontos de partida diferentes, pois no inicio do processo de formação educacional já saíram em desigualdade.

A massa de ex-escravos ficou na parte mais baixa da hierarquia socioeconômica com a abolição da escravatura em 1888, sem nenhuma perspectiva do que fazer de suas vidas. Eles foram tirados de seus países, trazidos para o Brasil, viveram em situação desumana como escravos e depois libertos sem um pedaço de terra, sem estudo, sem perspectivas de como, onde e o que fazer nesse país. Hasenbalg (2005) ainda menciona que este processo aconteceu pela falta de organização, pelo ajustamento social e econômico da população, fazendo com que o ex-escravo ficasse fora da esfera de trabalho pelo possível despreparo deste para se adequar à demanda do mercado.

Nos dias de hoje, o mesmo autor coloca que ainda existe esta disparidade, graças ao ponto de partida desigual e do processo inacabado de mobilidade social, ou seja, “tais desigualdades não são apenas o produto dos diferentes pontos de partida de brancos e não-brancos – a herança do

[3] Este dado consta na página do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/Ranking-IDH-Global-2014.aspx

escravismo – mas refletem as oportunidades desiguais de ascensão social após a abolição" (HASENBALG, 2005, p. 177). Pensando em igualdade de possibilidades, esta se torna fadada à inexistência no momento em que partem de posições diferentes e se anseia pelos mesmos resultados.

> A sociedade brasileira não apenas carrega estruturalmente desigualdades legadas pela escravidão, como também leva seus membros a ativamente reproduzirem, ainda hoje, práticas discriminatórias de forma sistemática e amplamente despercebidas (ANJOS, 2008, p.19).

Isto mostra como, nos comportamentos do dia a dia, tanto nas relações sociais, quanto nas relações de trabalho, a reprodução acontece, muitas vezes, sem uma percepção da mesma. Algumas práticas estão tão naturalizadas que os agentes repetem sem refletir se são discriminatórias ou não.

Como as pessoas estão condicionadas a se comportar faz com que tenham um determinado agir naturalizado e às vezes o estigma já está impregnado no seu falar e agir. A reflexão sobre a estigmatização faz com que o agente possa perceber o que está a sua volta e ter a consciência de certos atos diários que passam despercebidos e que fazem a diferença na construção de identidades.

Com relação à estigmatização, Dos Anjos trata da identidade negra onde o negro está sujeito aos efeitos do estigma, transformando suas marcas de fenótipo em preconceito, em várias áreas e locais, como na escola e no mercado de trabalho. Marcelo Paixão ao trabalhar com desigualdades sociais coloca que a escolarização formal tem um papel destacado na determinação dos níveis de rendimento e status ocupacional de uma pessoa e "não vê como se pode minimizar a incidência do preconceito racial em sala de aula e no ambiente escolar e suas sequelas sobre os jovens" (PAIXÃO, 2013, p.287).

Sendo a escola o local onde foram estudados os processos de identificações, se deve estar atento para tentar compreender como este estigma mencionado por dos Anjos e o preconceito racial trazido por Paixão são percebidos pelas adolescentes. O estigma pode ser encontrado em vários espaços da vida social. Nas mídias, por exemplo, como local de preconceito,

pois não se tem referenciais negros e “a concorrência profissional está recheada de mecanismos de seleção negativa” (ANJOS, 2008, p.21). Este autor coloca que no momento da construção das identidades as crianças e adolescentes não encontram a sua volta exemplos de parentes e/ou amigos, nem mesmo celebridades negras ou pessoas que apareçam na mídia em papéis de destaque onde estes agentes possam ter referências de pessoas negras de diferentes profissões e em diferentes hierarquias no mercado de trabalho.

“No caso gaúcho, existe uma dificuldade em almejar outras profissões, diferentes daquelas que estão vinculadas à força física e ao trabalho desqualificado” (SPOLLE, 2010, p. 139), tornando-se um agravante no momento em que a adolescente pensa em seu futuro. Spolle esclarece que esta dificuldade enfrentada pelos filhos de pais negros que tiveram poucas possibilidades de uma ascensão social é aumentada no momento em que pais acabam não investindo na educação dos filhos por não acreditarem numa possível mobilidade social. Neste caso, o agente acaba não tendo perspectivas e/ou não visualizando possibilidades de sucesso em outras carreiras tampouco em outras esferas sociais. “A família negra não investe na educação, por falta de expectativa de possibilidade de ascensão a longo prazo para os filhos” (SPOLLE, M., 2010, p. 136).

Segundo o mesmo autor, o trabalhador negro acaba assumindo que existam limites de relações sociais e isso interfere na sua visão de futuro e de expectativas. Isso resulta na “impossibilidade de ascensão e de reconversão de capitais que garantam a sua mobilidade positiva, colocando o trabalhador em um determinado patamar da sociedade” (SPOLLE, M., 2010, p. 136). Vários obstáculos são colocados para esta população, como relata Spolle, no momento em que os dados intergeracionais mostram a presença de poucos representantes de filhos de negros, oriundos de estratos mais baixos, em estratos mais altos.

Spolle afirma que “a ascensão ou a estabilidade dos grupos pardos e pretos ocorre em ocupações que não exigem uma grande qualificação profissional ou escolaridade” (SPOLLE, M., 2010, p. 138). O trabalhador negro gaúcho, às vezes, frente aos fenômenos que acontecem no espaço social onde

vive, pode passar por crises que podem vir a influenciar na construção das identidades tanto positiva como negativamente.

O IBGE traz dadosde 2010 que mostram a situação em que se encontram os brasileiros hoje. Segundo este instituto, 50,7 % da população brasileira é preta ou parda. A distribuição de rendimentos no Brasil é fator determinante da desigualdade racial, pois, de acordo com dados levantados por Paixão (2013, p.57), “[...] os rendimentos médios dos brancos são nitidamente superiores aos dos pretos e pardos”.Segundo dados do Censo de 2010, a desigualdade entre rendimento nos grupos de cor ou raça no Brasil foi mais favorável aos brancos. No Sudeste, por exemplo, o rendimento dos brancos é duas vezes maior do que o dos pretos e 2,1 vezes maior que o dos pardos. Nas outras regiões a desigualdade também aparece com um rendimento maior de 1,7 a 1,8 vez dos brancos em relação aos outros grupos.

Para exemplificar, pode-se usar o dado do PNAD de 2009 que mostra a diferença de anos de estudo. Segundo este dado, as mulheres brancas têm 8,1 anos de estudo, os homens brancos têm 7,9 anos de estudo, enquanto que as mulheres negras têm 6,5 e os homens negros têm 6,1 anos de estudo.

Assim, os agentes com menos anos de estudo tenderão a ter uma renda mais baixa e, em consequência, acabam sendo colocados numa estrutura de vida onde se torna difícil a mobilidade social e a perspectiva de mudança, no momento em que não se dispõe de renda suficiente. Dessa forma, estes dados acabam corroborando para uma forma de pensar onde já estaria instituído o local onde cada um deve ficar dentro da estrutura social. Para Guimarães (2012), a discriminação racial é reconhecida hoje, tanto pelo governo quanto pela opinião pública, sendo importante esta mudança, mas “ainda se considera legítima a discriminação de classe, o que, ao fim e ao cabo, para os negros, dá no mesmo” (GUIMARÃES, 2012, p. 72, 73).

As diferenças sociais surgidas nesse longo processo no Brasil intensificam as desigualdades raciais e um desequilíbrio de oportunidades entre os sujeitos. A distância entre o rico e o pobre no Brasil é alta e acaba indo ao encontro da diferença entre o branco e o negro, pois a distância com essa

falta de recursos financeiros acaba mantendo um maior número de negros na zona de pobreza, à margem da sociedade, ou na miséria e desigualdade.

O Rio Grande do Sul é conhecido, pelo senso comum, como um dos estados mais brancos do Brasil. Segundo dados do IBGEde 2010, o número de habitantes brancos no Rio Grande do Sul é de 83,2%. Mesmo que exista uma população negra de menor número no sul do país, é necessário analisar as desigualdades e levantar as consequências das mesmas. Tomando o mesmo exemplo dos anos de estudo da população, mas agora na região Sul, os dados mostram que brancos estudam uma média de 6,5 anos enquanto que pretos e pardos tem uma média de 4,7 anos de estudo. Segundo estudo feito por SPOLLE (2010), “dificilmente os pais pretos e pardos investirão na carreira do filho, sabendo que não existe na sociedade a possibilidade de ascensão depois de determinado patamar social” (SPOLLE, 2010, p. 138).Com isso o autor retrata não apenas um quadro de desigualdade social, mas de falta de expectativa de ascensão social por parte da população negra.

Tomando o município de Santana do Livramento como referente empírico, os dados do IBGE são muito similares aos do Rio Grande do Sul. Segundo o Censo Demográfico de 2010[4], Santana do Livramento conta com uma população branca de 79,17% e negra de 20,57% de um total de 82.464 mil habitantes. Paixão (2013) coloca que “a investigação da variável cor ou raça se dá através do sistema de auto classificação, questionando-se aos entrevistados a sua identificação (“a sua cor ou raça é?”) com as seguintes categorias e respectiva sequência: branca, preta, amarela, parda e indígena”. Nesta pesquisa serão utilizadas a categoria preta e parda de forma conjunta, ou seja, os dados apresentados no andamento da pesquisa mostrarão o valor da somatória da população preta e parda, utilizando-se do termo negro. “A unificação de pretos e pardos dentro de um único epíteto, negros, não pode ser entendida como uma violação do princípio do direito à própria identidade” (PAIXÃO, 2013, p.143). Ele coloca que esse termo acaba sendo uma identidade imposta pelos militantes ou pesquisadores vinculados a movimentos negros, bem como a sociedade.

[4]http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431710&search=rio-grande-do-sul|sant%27ana-do-livramento

As desigualdades podem ser vistas seguindo os dados mostrados anteriormente, sendo evidenciada a considerável diferença entre indivíduos, por exemplo, com curso superior completo ou alfabetizado quando comparadas as categorias da população branca e negra. “O cotidiano das relações sociais no Brasil é exposto de forma racializada, por exemplo, numa série de dados estatísticos sobre desigualdade de acesso a recursos sociais como escolaridade, emprego, ocupação de postos de trabalho” (ANJOS, 2008, p.16). Essas desigualdades, que foram constatadas também em Santana do Livramento, durante a pesquisa exploratória,são, muitas vezes, de acesso, ou seja, a não possibilidade de acesso a uma escola de qualidade, a não possibilidade de um emprego de acordo com suas atribuições e qualificações, bem como o impedimento ou dificuldade de chegar a alcançar qualquer outro tipo de objetivo.

Os números indicam uma presença representativa de negros na cidade de Santana do Livramento. Quando refletimos com relação a todos os setores de serviços em geral, oferecidos nesta cidade, a presença desta população negra não é facilmente encontrada, especialmente a presença das mulheres negras. Isto pode ser demonstrado com alguns dados do IBGE. Com relação à educação, o número de pessoas brancas que tem curso superior completo é de 4.973, enquanto que os negros somam um total de 348 indivíduos. Da população masculina residente na cidade, os alfabetizados são um total de 7.009 homens negros e 27.314 homens brancos. As mulheres negras alfabetizadas são 7.528 enquanto que as mulheres brancas alfabetizadas são 30. 822.

Outros dados trazidos no levantamento feito pelo IBGE se relacionam com o rendimento. Se comparados homens e mulheres com rendimento de 10 a 15 salários mínimos, o número será de 283 homens e 138 mulheres. Se os dados forem trabalhados com relação à renda de meio a um salário mínimo, o número será de um total de 8.369 homens e 9.210 mulheres.

Com isso, pode-se constatar que, com relação a salários mais altos neste município, os homens tendem a estar em maior número, já dentre os salários mais baixos vemos um número maior de mulheres. Isso aparece

quando analisados os dados que mostram os valores de rendimento médio mensal. Aqui a média dos homens está em R$ 1.230,39 enquanto que a das mulheres está em R$ 921,05. Ainda analisando médias nesse município, pode-se também destacar os dados dos valores de rendimento médio mensal de negros e brancos, sendo que o valor de rendimento dos negros é de R$ 695, 18 e o dos que se autoclassificam como brancos fica em R$ 1.117,43 mensais.

Tendo em vista este quadro geral de desigualdade racial em Santana do Livramento pode-se levantar um ponto que pode se tornar crucial para uma mudança de comportamento, que é com relação à identidade e mais especificamente a identidade negra. Segundo Dos Anjos (2008), as trajetórias negras carregam uma herança negativa e se reproduzem socialmente, sendo incorporadas na sociedade, além de se perceber uma ausência de capital econômico e social. Esta colocação do autor mostra a necessidade de políticas públicas de ação afirmativa e de reflexão por uma mudança de comportamento e uma maior autoestima, em particular, aqui neste trabalho, das adolescentes negras do bairro Carolina e do bairro Centro e como uma forma de combate ao racismo.

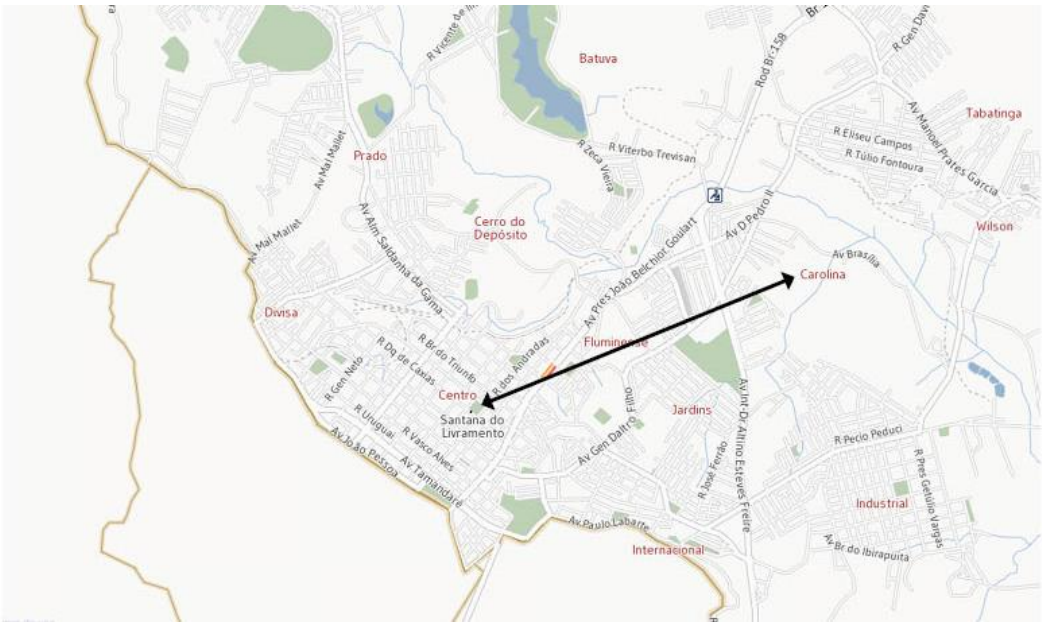

Figura 2 – Mapa dos bairros Carolina e centro
Fonte: Googlemaps – elaborado pela autora

1.3. Movimentos negros e ações afirmativas

1.3.1. Movimentos negros

Num contexto carregado de herança negativa, faz-se necessário analisar as várias ações em conjunto. Como colocado anteriormente, as ações afirmativas e as reflexões fazem parte de um quadro geral de possibilidades de mudanças de pensamento e comportamento.

Muitos avanços que vêm acontecendo no Brasil, tanto de ordem política, como de ordem cultural e social, devem-se muito às lutas em diferentes momentos históricos de grupos, como os movimentos negros. Às vezes não se ressalta o momento histórico e de que forma houve a participação dos movimentos negros, mas muitas batalhas aconteceram encabeçadas por eles. Estes movimentos emergem de lutas para conseguir, com certo êxito, atender as demandas e necessidades que a população vinha pedindo. Muitas políticas públicas de ação afirmativa se devem ao empenho e força dos movimentos negros.

As tensões raciais vividas no país trazem e trouxeram como uma de suas conseqüências uma mobilização por parte de grupos sociais que tem finalidades em comum. Durante boa parte do século XX, esses movimentos trabalhavam para denunciar práticas discriminatórias e preconceitos sofridos pelos negros (PAIXÃO, 2013). Os movimentos negros nascem de lógicas diferentes e de visões diversas. A partir de 1930, vários grupos começam a aparecer como a Frente Negra Brasileira (FNB) em 1931, o Teatro Experimental do negro (TEN) em 1944 e o Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978. O MNU formou-se a partir da união de vários grupos de movimentos negros em busca de reconhecimento de seus direitos e da criminalização do racismo. Este movimento surgiu em uma época de lutas e tem um olhar bem mais politizado, tornando-se um movimento social de cunho político. A FNB, a Frente Negra Brasileira, é um exemplo de organização surgida com o objetivo de buscar oportunidades para fazer com que o negro fosse visto como brasileiro e denunciava o preconceito de cor no mercado de trabalho. A FNB foi o primeiro movimento a falar sobre o mito da democracia racial brasileira. O TEN, Teatro Experimental do Negro, é uma organização que surgiu com um

objetivo totalmente cultural passando a ser um movimento em defesa da autoestima do negro (GUIMARÃES, 2012).

Olhando sob uma perspectiva histórica, Hofbauer (2007) ilustra o pensamento do movimento da FNB (Frente Negra Brasileira) nos anos de 1930 que pedia um afastamento dos frentenegrinos das “batucadas” como forma de uma melhor aceitação social do negro. Tanto as religiões como as formas de samba e outras danças também eram vistas de igual maneira. Para eles, naquele momento, parecia que seria prejudicial para a imagem do negro que estava querendo um lugar digno na sociedade nacional.

O candomblé não existia naquela época em São Paulo e a Umbanda estava se consolidando. O autor deixa claro que a FNB não tinha simpatia por essas práticas religiosas e culturais, pois atrapalhava a evolução do negro, tão almejada pela FNB. Isso pode mostrar que historicamente as religiões de matriz africana vêm sofrendo discriminações e que isso pode se alastrar até hoje com relação ao preconceito, discriminação e muitas vezes vergonha de se autodeclarar pertencente a um grupo religioso.

A FNB proclamava a necessidade de “contribuir para a não separação de raça, mas para educar os seus próprios elementos envergonhados de sua origem, demonstrando-lhes que ter sangue africano não é vilipendio” (HOFBAUER, 2007, p. 363). Este movimento buscava uma necessidade de ter orgulho do sangue africano, mas ao mesmo tempo pedia um afastamento dos frentenegrinos de práticas religiosas e culturais afro-brasileiras que poderiam vir a dificultar sua inserção nos grupos sociais.

Estes grupos queriam negar a falsa aparência de uma boa relação racial no país. Eles lutavam e ainda lutam pela diminuição da desigualdade racial no Brasil, bem como contra qualquer tipo de discriminação, mostrando que o racismo está entranhado nas relações sociais. O movimento negro trabalhava em prol da construção da identidade racial onde não somente os “pretos”, mas todos que tivessem alguma ascendência africana seriam chamados de negros (GUIMARÃES, 2012).

> O movimento negro recente trouxe para a cena brasileira uma agenda que alia política de reconhecimento (de diferenças raciais e

> culturais), política de identidade (racialismo e voto étnico), política de cidadania (combate à discriminação racial e afirmação dos direitos civis dos negros) e política redistributiva (ações afirmativas ou compensatórias) (GUIMARÃES, 2012, p. 105).

Todas estas facetas do movimento negro fazem com que ele ainda hoje tenha um peso grande nas conquistas e nas lutas políticas e de identidade. Paixão (2013) retrata que, mesmo não havendo uma linha de cor rígida no Brasil, existe uma combinação de aspectos físicos, locacionais e situacionais, em que "a possibilidade de sucesso no plano educacional, profissional e pessoal de uma pessoa portadora de marcas raciais, mais intensamente negróides, tenderá a se reduzir correspondentemente" (PAIXÃO, 2013, p. 142).

Isto ajuda a explicar porque, segundo Paixão, "formas de autoclassificação representam o próprio sucesso do tipo de racismo que se pratica no Brasil" (PAIXÃO, 2013, p. 142). Ou seja,

> [...] o peso da opressão que se abate sobre os negros é tão grande que muitos destes preferem não se reconhecer enquanto tais, preferindo identificar-se com denominações mais suaves e que, pretensamente, poderiam lhe abrir caminhos de mobilidade e realização social e pessoalno interior de uma sociedade notadamente intolerante aos negros (PAIXÃO, 2013, p. 142).

Essa opressão sofrida pelos negros faz com que acreditem que, dentro da sociedade em que eles vivem, como ela é estruturada, uma tez mais clara ou mais escura faz diferença[5].

Não se pretende, nem é um objetivo de Paixão, obrigar ninguém a se definir como negro. Ele mostra a realidade de como vem sendo este processo de tentativa de negação visando uma melhor possibilidade de ascensão social e pessoal por parte de uma população que tenta fugir desta discriminação se adaptando ou se sujeitando a definições que lhes pareçam mais propícias para algum tipo de alcance de objetivos. Uma pessoa identificada com um grupo discriminado tenta se autoclassificar de outra forma que não a sua para tentar

[5] Importante ressaltar aqui que o termo preto é usado como cor pelo IBGE e o termo negro é uma categoria política. Há uma diferença entre ser negro e ter a cor preta.

uma vida melhor, mas, esclarece o autor, isso se mostra ineficiente, pois os agentes discriminadores, e por sua vez dominantes, continuarão lhe colocando no grupo ao qual, segundo o olhar externo, ele“pertence”.

Com isso, mesmo a pessoa tentando se colocar em outro grupo, por uma questão de mobilidade social ou possibilidades, não vai mudar a estrutura social vigente e ainda cairá na teia do racismo. Percebe-se que ainda hoje os movimentos negrossão fundamentais, pois eles trabalham em várias áreas e conseguem um resultado favorável com relação aos aspectos tratados acima, para um maior esclarecimento de problemas ainda recorrentes e para possíveis soluções e luta pela equidade.

Foi só em 1980 que o movimento negro passou por transformações acrescentando às suas funções, que antes eram mais voltadas para o reconhecimento e autoafirmação enquanto negro, a outras, como a produção de ações afirmativas, reparações e a busca de promoção da igualdade racial. Um dos ganhos mostrados por Paixão (2013) foi com relação à volta da variável cor ao recenseamento no ano de 1980. Segundo este autor, isto se deve ao trabalho do movimento negro e de pesquisadores do tema que conseguiram garantir este êxito. A esse respeito, o autor destaca que há a necessidade de transformações de papéis sociais dos negros na sociedade, mas que isto não acontecerá somente com os negros, pois virá acompanhado de mudança nos papéis sociais exercidos por pessoas brancas, que são quem ocupam posições de privilegio racial.

Este esforço de juntar pessoas de todas as marcas raciais, em busca de mudança de padrões, é um processo em que o movimento negro vem trabalhando ativamente. Sendo assim amplia a responsabilidade e importância do movimento negro uma vez que “passa a ter a incumbência de pensar o tema do desenvolvimento desde a chave da democracia e da justiça social, que deve beneficiar brasileiros de todas as aparências fenotípicas” (PAIXÃO, 2013, p. 146). Uma incumbência importante e difícil porque visa uma mudança total da população, ou seja, uma mudança de comportamento em que a equidade apareça em todos os âmbitos da vida social

Nos últimos 15 anos, o movimento negro teve êxitos significativos, segundo Guimarães (2012). Graças à recusa do movimento negro, a data oficial de celebração da incorporação dos negros à nação brasileira, passou a ser realizada no dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi e não no dia 13 de maio, data da abolição da escravidão. Zumbi foi o chefe da resistência do quilombo dos Palmares em 1695.

Outra conquista importante deste movimento foi com relação à educação. Este movimento reivindicou a retirada de estereótipos e materiais preconceituosos contra os negros de livros didáticos, currículos e práticas de ensino, demandando uma mudança na educação escolar.

O movimento negro exigiu, como uma de suas várias reivindicações, que o governo brasileiro fizesse uma campanha de conscientização. Esta deveria deixar mais compreensível as categorias de classificação usadas pelo censo, esclarecendo a população negra de modo que a mesma viesse a se autodeclarar “preta” nos censos de 1991 e 2000 (GUIMARÃES, 2012)

O movimento negro “[...] pressionou e obteve a modificação da Constituição para transformar o racismo em crime inafiançável e imprescritível, tendo, posteriormente, conseguido passar a uma legislação ordinária regulamentando o dispositivo constitucional” (GUIMARÃES, 2012, p. 106) e articulou uma campanha nacional de denúncias contra a discriminação racial no país, pregando e alcançando, em alguns lugares, a criação de delegacias especiais de combate ao racismo.

Isso mostra um trabalho sério e dedicado em prol do orgulho negro, da autoestima e da luta por direitos. Segundo Guimarães (2012), “hoje em dia, os movimentos negros concentram-se em reclamar do governo federal a adoção de políticas de ação afirmativa para o combate das desigualdades raciais” (GUIMARÃES, 2012, p. 106). Para este autor esta pequena lista nos dá uma ideia da abrangência do trabalho e esforço dos movimentos negros no Brasil.

Por todos esses motivos que ressaltam a importância dos movimentos negros num âmbito nacional, buscou-se compreender como estes movimentos participam das construções das identidades das adolescentes negras em um

município pequeno como o deste estudo. Buscou-se saber se os mesmos influenciam, de alguma forma, as reflexões com relação às identidades, aos preconceitos, ao racismo, ao orgulho de ser negro, à autoestima e todos os outros temas relacionados e interligados com as categorias de raça, gênero e classe.

Em Santana do Livramento os movimentos negros existem desde 1989 e 1990. Nesta cidade, as atividades desenvolvidas pelos movimentos negros são, em sua grande maioria, voltadas para uma maior autoestima do negro e para a valorização da cultura afro-brasileira. Muitas das ações acontecem em forma de concursos, como o concurso da mais bela negra ou o concurso do mais belo negro, bem como atividades vinculadas com escolas de samba da cidade.

Estas informações foram fornecidas durante uma entrevista informal entre a pesquisadora e um dos fundadores do movimento negro santanense Batista Conceição. Os outros membros fundadores foram José Lázaro Menezes *"in memoriam"* e Enilda Cruz Martins, todos professores. Segundo Enilda Martins, outra fundadora do movimento negro santanense, o movimento sempre buscou, através da educação, aumentar a autoestima das crianças e jovens,bem como de suas mães que muitas vezes não tinham uma maneira de conseguir alguma renda para a família.

O movimento negro, segundo Enilda, visava, conjuntamente com algumas escolas dos bairros, ensinar, através de oficinas, algum tipo de trabalho que pudesse servir como “ganha-pão” daquelas crianças e adolescentes. De posse dessas informações foi feita uma análise de como os sujeitos interagem com os movimentos negros e como este se faz presente na comunidade em questão.

1.3.2.Ações Afirmativas

Com o intuito de diminuir as desigualdades e o racismo, as políticas públicas vêm sendo implementadas em todo o país.

A discussão com relação à necessidade de tais políticas teve início a partir daConstituição Federal de 1988,quando as políticas públicas de ações afirmativasvoltadas para a população negra começaram a ser discutidas pelo governo. Ou seja, é quando o governo brasileiro admite discutir ações voltadas para a ascensão dos negros no Brasil (GUIMARÃES, 2012). Essas discussões, pressionadas pelo movimento negro, são de extrema importância também com relação à visão da própria população no que concerne a relevância e necessidade de implementação de políticas públicas de ações afirmativas. Segundo Guimarães, as ações afirmativas são

> Políticas que visam afirmar o direito de acesso a tais recursos a membros de grupos sub-representados, uma vez que se tenham boas razões e evidências para supor que o acesso seja controlado por mecanismos ilegítimos de discriminação (GUIMARÃES, 2012, p. 174).

As ações afirmativas são ações jurídicas implementadas na sociedade buscando uma igualdade de possibilidades, ou seja, são tentativas de mudança de posições em prol de uma alteração da nossa realidade brasileira desigual e discriminatória. Elas seriam uma forma de utilização de princípios de uma competição justa entre os indivíduos, ou seja, uma forma ou tentativa de garantir uma menor desigualdade racial (GUIMARÃES, 2009). Para o mesmo autor, a discriminação racial no Brasil está tão naturalizada que as pessoas passam a não perceber esta discriminação como elemento que possa impedir uma igualdade de oportunidades dos negros no Brasil.

“A política de ação afirmativa tem, antes de mais nada, um compromisso com o ideal de tratarmos todos como iguais. Por isso, e só por isso, é preciso, em certos momentos, que aceitemos tratar como privilegiados os desprivilegiados” (GUIMARÃES, 2009, p. 196).

Num país tão grande e diverso, nem todas as pessoas pensam da mesma forma, sobretudo quando se fala em dar oportunidades a um grupo específico. Paixão (2013) mostra que existe uma polêmica com relação à

adoção do sistema de cotas para ingressos nas universidades públicas e no emprego público, por exemplo. Houve uma divisão de opiniões onde um grupo é a favor, acreditando na necessidade de correções e outro continua até hoje lançando argumentos para tentar inviabilizar estas ações.

Muitos se colocam contra, pois, segundo Guimarães (2009), estas ações contrariam a crença de que somos um só povo e uma só raça.Estes acreditam que poderia ter um efeito perverso, legitimando a desigualdade, o que dificultaria a luta da sociedade brasileira em instituir uma igualdade formal. Enquanto que outros acreditam que a quantidade de pessoas que necessitariam desses direitos é tanta que as ações afirmativas não fazem sentido, sem um tempo determinado e um objetivo ou plano traçado. Isso vai de encontro ao princípio universalista, no sentido de que a política pública deveria dirigir-se à maioria. “Se a política pública deve dirigir-se à maioria, ao universal é a igualdade, e não a desigualdade, a lógica que deve presidir a ação” (GUIMARÃES, 2009, p. 198)

O quadro de desigualdade racial traz vários aspectos que na verdade vêm do mesmo lugar, da diferença de possibilidades e oportunidades. Por exemplo, Paixão (2013) traz o dado da expectativa de vida. A população branca manteve-se com faixa etária mais velha que a população negra. A taxa de mortalidade infantil, no ano de 2000, de filhos de mães negras foi 66% superior aos filhos de mães brancas. Isso mostra de antemão uma melhor qualidade de vida, e indiretamente melhores condições educacionais e financeiras.

Estas disparidades se refletem num quadro favorável ao contingente branco. Outro dado interessante de ser ressaltado é com relação às mulheres negras. Paixão (2013) utiliza os estudos de Berquó (1987) e de José (1988) que mostram a menor competitividade da mulher negra no mercado matrimonial, devido aos padrões de relações raciais no Brasil.

Os estudos mostram que há uma maior probabilidade de uma mulher branca encontrar vínculos matrimoniais mais estáveis se comparada a uma mulher negra. Esses dados levantam aspectos socioculturais presentes na sociedade brasileira. Esses são apenas alguns exemplos baseados em dados

que mostram a importância de políticas públicas de ações afirmativas e do combate ao racismo, pois ainda hoje as pessoas são discriminadas pelas suas características físicas.

As ações afirmativas são estratégias de tentativa de quebrar esta hierarquia vigente baseada em estigmas e reprodução de atitudes racistas que fazem com que certos grupos estejam sempre em desvantagem econômica, cultural, social e política. As políticas públicas seriam uma tentativa de diminuição das desigualdades, pois a sociedade contemporânea não trata de maneira igual e até exclui mulheres e não brancos (termo usado pelo autor Valter Silvério) de várias dimensões da vida social.

Existe uma importância real e uma necessidade de reestruturação tanto de instituições, como de gestão, acreditando na relevância da participação de todos no momento em que se busca atender aos interesses distintos da população. A contribuição das diferentes culturas viria ao encontro dessas políticas sem perseguição nem privilégios, mas salientando a diversidade (SILVERIO, 1999).

As desigualdades mostradas por Silvério vão ao encontro das ideias de Dos Anjos no momento em que este percebe que a desigualdade vai além, prejudicando o indivíduo negro a tal ponto dele deixar de se candidatar a uma vaga de emprego. Por exemplo, por não se achar capaz ou desistir da candidatura a uma vaga pelo simples fato de saber que *boa aparência* ainda conta, mesmo que não esteja anunciado na vaga.

> Há uma desigualdade na distribuição de expectativas de ascensão social. Um candidato negro a um emprego, tende a desistir realisticamente de candidaturas mais ousadas para a estrutura e volume de capitais de que dispõe, deixando o acesso livre a candidatos brancos exclusivamente (ANJOS, 2008, p. 21).

Isto pela falta de expectativa de uma possível mobilidade ascendente e pela autoimagem negativa que ele acaba tendo de si mesmo.

Este projeto de pesquisa buscou analisar como uma política pública de ação afirmativa específica vem se efetivando. Esta é a Lei 10.639/03, de 09 de Janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que

estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Esta lei fez parte do trabalho no momento em que este objetivou compreender como as adolescentes negras do bairro Carolina e do bairro Centro constroem suas identidades e como as mesmas percebem sua construção de forma a verificar os diálogos que existem entre as esferas em que as adolescentes circulam e sua relação com o racismo. Foram entrevistadas adolescentes no último ano do ensino médio e isso trouxe uma necessidade de debate acerca da lei e sua implementação.A Lei 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003, em seu artigo 26-A diz que:

> Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
>
> § 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.
>
> § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.
>
> "Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Uma das defensoras do ensino da cultura negra na escola e consequentemente defensora da implementação de leis de ação afirmativa é Gomes (2006) que enfatiza a importância do estudo da cultura negra na escola e das ações afirmativas em geral.

Segundo a autora, passam a considerar a importância de fatores como sexo, raça e classe nos critérios de seleção existentes na sociedade. Trata da importância da reflexão no âmbito escolar como uma forma de se pensar e de se trabalhar com questões identitárias valorizando o ser negro e a construção

de identidades que visem respeitar as diferenças, para que cada indivíduo possa fazer parte de um “nós” e de uma história. Para Gomes, a escola pode ajudar e muito os sujeitos a se posicionarem diante do outro, pois como Silvério (1999) ela acredita na importância das relações e interações entre culturas existentes no país (GOMES, 2006).

A importância das ações afirmativas é inegável, mas chama a atenção para se pensar em uma agenda antirracista que teria, segundo Guimarães, três dimensões: o Estado, a nação e os indivíduos. Ele aponta que o Estado deveria buscar garantias para as liberdades e direitos individuais, como a implementação de leis, trazendo como exemplo a lei que fez parte deste estudo. Outra dimensão seria a nação com o desafio de reconstrução das nacionalidades em bases pluriculturais e pluriétnicas. E a última dimensão seriam os agentes, mostrando, assim, a necessidade de se fazer um trabalho conjunto entre todas as partes para alcançar o objetivo com êxito.

Guimarães destaca que “se existem discriminação e preconceito raciais, a melhor maneira de combatê-los é dando oportunidade para que estigmas se transformem em carismas” (GUIMARÃES, 2012, p.237). Dessa forma, a lei 10.639/03 foi analisada neste trabalho de pesquisa para se perceber de que forma esta lei, como ação afirmativa, participou das construções das identidades dos sujeitos.

CAPÍTULO 2 – Construção das identidades e agenciamento entre raça, gênero e classe:uma perspectiva interseccional

Como a construção das identidades e suas articulações com outras categorias num espaço social são o foco de estudo desta pesquisa, faz-se necessário, para se abrir uma discussão sobre os processos de identificações e as construções das identidades das adolescentes negras, um estudo das ideias de alguns autores. O autor que foi utilizado como base deste trabalho com relação às identidades e processos identitários é o autor Stuart Hall por concordar com sua forma de ver as transformações das identidades e por se identificar com sua perspectiva ao se tratar de identidades e sua construção cultural.

De acordo com ele, os indivíduos são fragmentados, no sentido de que o indivíduo unificado abriu espaço para um indivíduo que tem várias partes que se relacionam entre si,e que se sobressaem ou se recolhem, dependendo da situação e do momento de vida do sujeito. Isto faz com que as velhas identidades, aquelas que fixavam o indivíduo dentro de uma só identidade, entrem em declínio. Para Hall (2006), isto seria uma crise que faz surgir novas identidades, “deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 07).

Segundo do autor, as mudanças estruturais que aconteceram nas sociedades modernas no final do século XX fizeram com que as identidades também se transformassem e se descentrassem. Estas transformações das identidades levam em consideração variáveis, como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Com isso, o que antes era sólido e unificado, passa a ser descentrado e transformado. Os indivíduos sociais passam a questionar e trabalhar com a ideia que tem de si mesmo, perdendo um pouco o “sentido de si” estável.

A este deslocamento ou descentração do sujeito, tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos, Hall chama de ‘crise de identidade’ para o indivíduo (HALL, 2006, p. 09). O sujeito dialoga com o mundo e com tudo que este tem a oferecer, seleciona e internaliza significados

e valores. Assim, passa a ter várias identidades e passa a ter uma relação mais dinâmica com o seu entorno. Com isso, segundo o mesmo autor, os agentes alinham seus sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupam no mundo social e cultural. As “nossas identidades”, para ele, poderiam ser chamadas de

> Sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 2011, p.8).

Para o autor, as identidades sociais são construídas, através da cultura, no interior das representações, não fora delas. Estas identidades são o resultado de processos identitários ocorridos através de vivências pessoais. Elas fazem com que possamos nos identificar e nos posicionar no mundo. Para o mesmo autor, nossas subjetividades são produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. Nossos processos identitários são reconstruídos pelo nosso interesse na cultura, levando em conta as nossas histórias particulares. Com isso nossa maneira de ser e nossa autoestima são determinadas pelos processos identitários pelos quais passamos.

Esses sentimentos subjetivos alinhados aos espaços objetivos que ocupam no mundo social e cultural carregam significados que se entrelaçam, ou melhor, interseccionam-se com categorias. Com isso, o indivíduo intersecciona todo o tempo categorias como classe, raça, gênero e sexualidade, “não podendo ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006, p. 351).

As estruturas interagem entre si e o não olhar um aspecto pode interferir na compreensão total do fenômeno. Por isso a necessidade da visão da interseccionalidade e de entender que as categorias se influenciam, interagem e são constituições umas das outras. O olhar não pode estar focado na questão da mulher, por exemplo, sem levar em consideração todas as outras

categorias que a envolvem. A construção das identidades das adolescentes negras, ou melhor, todo o processo de identificação passa a ser provisório, variável e problemático, percebendo que as adolescentes do último ano do ensino médio estão em um momento de mudanças e transformações, onde pode-se encontrar um turbilhão de questionamentos, indagações internas com elas mesmas e que o pesquisador também deve estar se questionando e questionando como as categorias dialogam entre si.

> A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada (HALL, 2006, p. 38).

Por conseguinte, os indivíduos não têm uma identidade fixa, essencial e permanente como diz o autor, ou seja, ele auxilia a perceber e a melhor compreender as interações e reações que se podem encontrar no campo de pesquisa. Ele mostra também que é importante saber que não se vai e nem se busca encontrar essencialismos, identidades sólidas, fixas e estáveis que não se conectam e não se relacionam com o meio que as cerca, sabendo que os agentes em geral, não importando a faixa etária, estão em eterna construção e desconstrução de suas múltiplas identidades.

As identidades são definidas historicamente e diferentes identidades podem ser assumidas em diferentes momentos, ou seja, os sujeitos desta pesquisa podem acionar suas identidades negras em um momento que lhes pareça oportuno. Uma identidade fixa, para Hall (2006), é uma fantasia, uma construção cômoda que fazemos, pois na verdade nos confrontamos todo o tempo com identidades possíveis. Este confronto faz com que ressignificações aconteçam mesmo que sejam temporárias.

> Na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Sendo o foco da pesquisa as adolescentes negras, a questão de gênero é uma parte importante das reflexões, pois o modo com que elas constroem sentidos para suas ações influencia na construção de suas identidades enquanto mulher, enquanto mulher negra, enquanto mulher negra moradora daquele espaço social, e como estas várias facetas se entrelaçam e se influenciam mutuamente naquela região específica.

No momento em que o local da pesquisa fica situado em uma fronteira seca entre os países Brasil e Uruguai, onde as nacionalidades e pertencimentos se misturam o tempo todo, a identidade nacional aflora como forma de se diferenciar do outro e como forma de pertencimento a um grupo (pelo autoreconhecimento) e como são reconhecidos.

Esses discursos de aproximação e de afastamento se alternam, segundo Dorfman (2008), dependendo do momento histórico em que se encontram as nações. As fronteiras são demarcadas por normas de cada um dos lados. Mas isso não é estanque, principalmente em uma fronteira seca, onde o fluxo de pessoas e mercadorias acontece a todo o momento. O fronteiriço acaba tendo suas particularidades de seu país, mas, ao mesmo tempo, acaba tendo similaridades com o vizinho.

Identificar-se e identificar a cada grupo corresponderá a conjuntos de práticas cotidianas (DORFMAN, 2008, p. 3). A mesma autora exemplifica as praticasque seriam o bilingüismo ou o surgimento de dialetos; a dupla nacionalidade; as famílias mistas; as datas pátrias compartilhadas; a produção cultural gauchesca; as estratégias de consumo, moradia, educação etc.

Uma boa maneira de exemplificar esses fluxos entre os países é quando os filhos saem para estudar fora. Os pais normalmente pesam e estudam as possibilidades nos dois países. O que, naquele momento, está melhor em questão de valores e questões educacionais, os pais tendem a enviar seus filhos ora para o Brasil, ora para o Uruguai.

Isso acontece também com relação a trabalho. O fronteiriço tem a chance de refletir se economicamente está melhor para trabalhar em um ou em outro país. O fluxo acontece o tempo todo em diferentes áreas.“Hoje a

importância dada às múltiplas territorialidades permite o examedessa região como multiétnica e complexa" (DORFMAN, 2008, p.10).

"Essas identidades não estão impressas em nossos genes. Mas pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial" (HALL, 2006, p. 47). Elas estão impregnadas no agir e no pensar. Os agentes se comportam como se tivessem nascidos prontos e fechados em determinado molde em que o questionamento sobre as ações torna-se desnecessário, pois já está naturalizado no sujeito.

A narrativa na qual é baseada a história e a cultura popular faz com que os indivíduos se sintam parte do grupo e acabam por partilhar o mesmo sentido de nação. Se sentem conectados com aquela comunidade e partilham das mesmas experiências. "Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte" (HALL, 2006, p. 52). Além de não estarem sozinhos no mundo ainda fazem parte de um grupo, com tradições, valores e normas de comportamento adquiridos, segundo Hall (2006), através da repetição.

A região pesquisada é a fronteira oeste do Rio grande do Sul onde o ato de cultuar certos rituais faz parte do dia a dia do gaúcho da fronteira que passa de pai para filho através da tradição e repetição. "As nações modernas são, todas, híbridos culturais" (HALL, 2006, p. 62). Para ele a unificação teve sempre caráter político, voltada para alcançar objetivos seguindo determinados interesses, através de diferentes formas de poder. As nações são formadas por diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero e devem ser vistas, não como unificadas, mas como constituídas de divisões e diferenças, que fazem parte hoje de um processo de globalização. Esta globalização tem certa importância nos processos identitários. O tempo e o espaço são aspectos que afetam as identidades, pois há uma nova formatação de espaço e tempo que traz consequências para a construção das identidades. "As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar" (HALL, 2006, p. 69).

As identidades vão se transformando com a articulação entre o local e o global, sendo que Hall deixa claro que há um novo interesse pelo local juntamente com o impacto do global. Este embate faz com que apareçam novas formas de identidade. O global pode vir a reforçar o local como ação defensiva de alguns grupos étnicos, pois no momento em que se sentem ameaçados acabam por reforçar seus valores e sentido do grupo. A identidade negra sendo construída numa região de fronteira dialoga com questões locais e globais, sendo influenciada e colocada em prática dependendo das situações e de seus interesses. Isso é o que se buscou analisar. Ou seja, como essas construções da identidade negra se articulam com outras categorias locais e globais e como as adolescentes percebem essas interconexões.

A interseccionalidade que existe entre as categorias e como todos os eventos da vida fazem parte e influenciam na sensação de pertencimento e na construção das identidades dos agentes sociais deve ser observada, bem como perceber que as diferentes identidades “se entrelaçam, uma nunca anulando completamente a outra” (HALL, 2006, p. 86).

A identidade é “uma categoria, além de pessoal, fundamentalmente social e política, considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se auto-reconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir de sua relação com o outro” (FERREIRA, 2000, p.47). As ideias de Ferreira se aproximam das de Hall, pois ambos acreditam na importância de analisar as identidades em frequente transformação e nas interações entre os indivíduos e o meio.

Não se podem analisar as partes em separado, pois o agente em questão, além de ser mulher, é negra, mora em um espaço social, convive com diferentes pessoas, ela assume distintos papéis, frequenta vários lugares e pertence a uma região de fronteira. Mas uma questão de extrema relevância ainda não foi mencionada.

É com relação à identidade social e o que ela pode vir a acarretar para o indivíduo.Paixão (2013) coloca que a questão de cor envolve, na verdade, muito mais uma questão social que biológica. Segundo ele, o individuo que consegue se colocar como “branco social” poderá vir a ter mais chances de

alcançar um bom emprego ou uma boa educação, se comparado àquele que não conseguiu esse título de “branco social” ou não consegue passar por branco socialmente falando. Isto diminuiria, assim, todas as suas expectativas de uma melhor qualidade de vida.

Isso se mostra, por exemplo, nas pesquisas feitas por Berquó sobre o mercado matrimonial(apud TOLEDO, 1996), os quais trazem dados que comparam homens e mulheres. Os homens sempre estarão em uma situação mais favorável que as mulheres no mercado matrimonial, segundo a pesquisadora. Ela também traz dados onde mostra as mulheres negras com uma menor competitividade no mercado matrimonial se comparadas às mulheres brancas (BERQUÓ apud PAIXÃO, 2013). Com isso, pode acontecer uma desvalorização das mulheres negras, tanto estética, como socialmente, fortalecendo a ideia da mulher branca como símbolo de beleza, já solidificado na sociedade brasileira.

Moutinho (2004) mostra que o mercado afetivo é um dos espaços mais preconceituosos das relações raciais brasileiras e que ainda o homem branco tem seu lugar de poder e dominação. Para Berquó, as mulheres negras estão em desvantagem, pois os homens tanto brancos como negros acabam por preferir as brancas para casar. Isso pode levar a fazer com que as mulheres negras tentem se encaixar de alguma forma, numa tentativa de competir e de estar presente nesse mercado do matrimônio, onde segundo a mesma autora as mulheres negras têm menores chances de encontrar parceiros.A consequência disso pode ser a tentativa de se colocar dentro da categoria de “branca social”, como forma de fugir dessa rejeição ou exclusão.

“A partir do momento em que a pessoa não consegue passar por “branca social” acaba sendo determinante no ciclo de vida dos indivíduospretos e pardos” (PAIXÃO, 2013, p.70). O fato de o individuo poder estar dentro de uma categoria por ele chamada “branco social” faz com que abra seu leque de oportunidades. E ao contrário, se ele não consegue essa identidade social, poderá acarretar, além de menores possibilidades, uma desmotivação por parte do individuo e de seu grupo.Usando os indicadores do IBGE trazidos por

Marcelo Paixão eles mostram que “pretos e pardos tendem a convergir quando reportados aos indicadores de qualidade de vida” (PAIXÃO, 2013, p.70).

Não importa se é preto ou pardo, no momento em que não alcança ser um “branco social” sofrerá discriminação de igual maneira. Para Paixão, a “condição negra remete antes a uma questão de identidade social que biológica” (PAIXÃO, 2013, p.70). Ele explica este fato trazendo à tona que vivemos em um país em que as peles escuras são sempre preteridas, por conta de uma ideologia racista, onde independe a efetiva origem dos que tem essas características físicas. Isso acaba sendo um motivo para “a resistência por parte de um amplo conjunto de pessoas portadoras de formas físicas negras em relação à assunção dessa condição” (PAIXÃO, 2013, p.97).

É compreensível que aconteça certa negação num país onde quanto mais branca é a cor da pele, maior é a aceitação como indivíduo pertencente àquela sociedade ou maiores são as possibilidades no mercado de trabalho, na educação e na participação como indivíduo atuante em seu grupo ou comunidade.

Esse trabalho analisou a construção das identidades a partir da interseccionalidade das categorias raça, gênero, juventude e classe. Para Brah, a importância de unir estas categorias, partes que às vezes são estudadas separadamente, torna-se imprescindível no intuito de entender melhor se, naquela realidade social, transformações estão acontecendo ou simplesmente está sendo reafirmada a estrutura social vigente. A procura por “grandes teorias que especifiquem as interconexões entre racismo, gênero e classe não pareceram tão produtivas como seriam se tivessem sido construídas como relações historicamente contingentes e específicas a determinado contexto”, no caso a ser estudado, o contexto fronteiriço (BRAH, 2006, p. 353).

Esses sujeitos da pesquisa trazem marcados em seus corpos suas vivências e os processos de construções que as alunas entrevistadas foram transformando e ressignificando ao longo de suas histórias de vida. Para Louro (1996), o agir ou sentir-se mulher depende de onde estão inseridas essas mulheres, depende de seu contexto social e cultural. Assim, para a mesma autora

> O conceito de gênero veio contrapor-se ao conceito de sexo. Se este último refere-se às diferenças biológicas entre homem e mulher, o primeiro diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade (LOURO, 1996, p.01)

Uma abordagem de gênero faz-se indispensável quando se busca compreender as adolescentes, pois as construções de suas identidades negras acontecem juntamente com as construções de suas outras identidades, como de gênero e da sexualidade, que são construídas ao longo de toda a vida (LOURO, 2008).

Desta maneira, a mesma autora ressalta que, as construções são influenciadas por aprendizagens e práticas, por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. Antes as instâncias que influenciavam nesse processo eram: família, escola, igreja, instituições legais e médicas, mas, hoje a mídia, as novelas e a publicidade, são igualmente constituintes do processo.

Às vezes, segundo a autora, acabam por nos dizer o que fazer e o que preferir, “ajudam-nos a produzir nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e de viver” (LOURO, 2008, p. 19). Hoje, segundo Louro, é indispensável observar as múltiplas possibilidades de se compreender as construções que são influenciadas e se transformam, sendo inerentes à história e à cultura.

CAPÍTULO 3 – As adolescentes de Santana do Livramento (bairro Carolina e bairro Centro) e a construção de suas identidades

As entrevistadas foram um total de onze adolescentes. Destas, quatro estudantes da escola do bairro Carolina e sete estudantes da escola localizada no centro do município.

Para uma melhor discussão, os dados coletados foram separados em três categorias, sendo elas: identidade e racismo;a autoafirmação na escola e na religião e as construções das identidades na fronteira; e beleza, autoestima e gênero sob a perspectiva das adolescentes.

Essa separação foi feita, em um primeiro momento, a partir da problematização do projeto, e depois, embasada nas falas das meninas, ou seja, os elementos que foram aparecendo com mais ênfase e de forma mais frequente, percebendo que as trajetórias de vida de cada uma delas influenciam nas suas entrevistas.Essas categorias foram escolhidas na tentativa de compreender melhor as percepções das entrevistadas. Dessa forma, elas não estão e não são estanques, pelo contrário, se entrelaçam e se modificam o tempo todo.

3.1. Identidade e racismo

Em todo e qualquer estudo que vise analisar o racismo no Brasil não se deve perder o foco de que, até pouco tempo, o racismo era um tabu. As pessoas achavam que viviam em uma democracia racial, querendo mostrar ao mundo inteiro um povo brasileiro civilizado (Guimarães, 2009). Guimarães trata o racismo como “uma forma bastante específica de “naturalizar” a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais (GUIMARÃES, 2009, p. 11).

Partindo desse principio, as práticas que acontecem no cotidiano podem ou não influenciar a construção das identidades das adolescentes negras no momento em que já estiveram em alguma situação de racismo, e como essa situação surtiu efeito em suas atitudes posteriores, marcadas pela discriminação ou práticas preconceituosas.

Os depoimentos mostram que algumas adolescentes estão percebendo a necessidade de se lutar contra o racismo. Segundo Costa (2006) a população brasileira reconhece a existência do racismo, mas faltaria o passo de combatê-lo. Essas meninas parecem estar buscando este combate. Esse mesmo autor coloca que enquanto umas pessoas são prejudicadas nas suas chances sociais pelo racismo, outras se beneficiam, havendo, sob um aspecto material, ganhadores e perdedores. Mas, no plano moral, “todos saem perdendo em uma ordem social injusta e iníqua, o que faz do anti-racismo tarefa política de toda sociedade” (COSTA, 2006, p. 218).

Costa (ibidem) ressalta que o Brasil passa por um processo de aprendizado coletivo muito proporcionado pela ação dosmovimentosnegros e de atividades conjuntas de uma rede anti-racial transnacional, onde o racismo é tema permanente de debates. Esses debates públicos colocam em evidência “tanto a pouca plausibilidade dos discursos identitários muito radical quanto à falta de fundamentação dos argumentos nacionalistas que ainda insistem em celebrar a nação mestiça e tolerante” (COSTA, 2006, p. 218). Os debates na escola vão ao encontro desse aprendizado coletivo no qual se faz necessário o refletir e a tentativa de combater práticas tidas como naturais.

Alguns aspectos colocados pelas entrevistadas com relação ao racismo durante as conversas foram de extrema relevância para um melhor entendimento de suas vivências, pois deixaram mais acessível a compreensão das situações sofridas e vividas de racismo no bairro e/ou município tanto com elas quanto com membros da família. Munanga e Gomes (2006) conceituam o racismo como um comportamento ou ação que resulta de uma aversão ou ódio de pessoas com pertencimento racial perceptível por sinais como a cor da pele, tipo de cabelo, formato do olho, etc. “Ele é resultado da crença que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira” (MUNANGA e GOMES, 2006, p.179).

Para Munanga e Gomes (2006), algumas pessoas acreditam que as relações entre pessoas brancas e negras são marcadas pela igualdade e outras acreditam na existência de diferença qualitativa. Eles trazem como exemplo as teorias raciais construídas para explicar e justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial. Aquelas teorias

foram feitas com o objetivo claro de poder fazer certas diferenças argumentando que existiam realmente as diferenças e as divisões se faziam necessárias. Os resquícios desse pensamento se vêem ainda hoje na sociedade brasileira, no pensamento e comportamento de um grande grupo.

Com relação ao racismo, todas as entrevistadas acreditam que exista racismo em Santana do Livramento e sete, das onze, relataram que alguém da sua família já sofreu racismo, sendo quatro casos com elas mesmas. Uma delas relata:

> O meu irmão. O ano passado. Tinha uma guria do bailado. Meu irmão é do bailado da escola que a gente é. Ai a menina pegou e falou que não queria dançar com ele porque ele era negro. Mas daí a mãe dela. Não sei. Não sei da onde que veio. A mãe dela disse que não era para ela falar assim. Mas eu acho que a mãe não tinha atitude porque a guria era meio revoltada. Bem guriazinha. Ébem nova. Eu acho que a guria tinha oito anos ou sete. Não nove anos a guria tinha. A mãe dela falou com ela e eu falei com a coordenadora do bailado. (Entrevistada Janaina – 30 de setembro)

Percebe-se na fala da entrevistada certa segurança em lidar com situações de racismo e uma percepção de como essas situações ajudaram a construir a sua identidade de mulher negra. As entrevistadas mostraram em seus relatos o quanto certas questões relacionadas ao racismo, situações constrangedoras, tristes e de sofrimento em determinado momento fizeram com que se afirmassem, buscando um posicionamento crítico e atuante nas relações do cotidiano. Com relação ao comportamento da criança que não quis dançar com o menino porque era negro, importante salientar, que “os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto” (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 182).

Isso traz à tona o sistema social racista que produz essas desigualdades raciais dentro da sociedade e isso pode ser percebido quando a própria entrevistada questiona o comportamento da mãe da menina, dizendo que não sabe da onde veio aquela atitude. Esse fato é muito complexo e vários aspectos podem ser levantados. Dentre eles o fato de percebermos na criança um determinado comportamento que pode estar sendo repetido ou imitado de adultos que a criança convive. A criança se comporta de determinadamaneira,

talvez,por conviver com alguns adultos que agiriam da mesma forma. A mãe, ao se encontrar numa situação onde teria que se posicionar, simplesmente disse pra filha dançar com ele. Isso mostrou uma inquietude na fala da entrevistada, pois a mesma conseguiu perceber os arranjos que existem e quando as pessoas fazem o que seria “politicamente correto”, pois, na verdade, a menina só não quis dançar com o menino negro porque está em contato, provavelmente, com um mundo adulto racista.

Outro caso de racismo foi relatado, mas esse com a própria entrevistada:

> Minha mãe explicou que isso não se fazia e que era comum de acontecer, mas ela não achou que aconteceria tão cedo comigo. Mas ao mesmo tempo minha mãe tem problemas renais então eu não via muito ela. Então foi um impacto pra mim aquela coisa. Depois ela falou que era normal daí fui entendendo as coisas. Olha quando eu tinha uns sete anos por ai eu estava passando nos bombeiros, ai um guri dos bombeiros me chamou de macaca. Eu estava vindo, quieta, na minha e o guri me chamou de macaca e eu fiquei quieta. E fui embora. Daí cheguei em casa e comecei a chorar e minha mãe perguntou e eu disse: o guri me chamou de macaca. Ela ficou meio assim. Ai, no final, deixei quieto. Sempre fiquei com vergonha e coisa. Recém agora que eu comecei a me assumir com o cabelo solto porque eu não usava muito. Eu usava preso. Tinha aquele, porém do cabelo(Entrevista Fabiana – 15 de setembro de 2016).

Essa entrevistada mostra o quanto um fato isolado de racismo explícito contra ela, quando tinha sete anos, fez com que ela passasse por um processo de autoconhecimento e autoaceitação que durou muitos anos. Aos 20 anos de idade relata que esse fato de racismo foi importante na sua construção enquanto mulher negra e que hoje se sente feliz como é, mas que ainda se sente insegura com relação a outros espaços sociais como relata em seu depoimento. Nele ela fala de certo receio em ingressar na universidade sendo mulher, negra e com o tipo de cabelo que tem e o penteado que usa.

Esse relato vem ao encontro do que foi descrito por Costa (2006) no momento em que tanto as pesquisas acadêmicas, quanto de opinião pública no

Brasil mostram que a população tem consciência que negros e brancos não dispõem das mesmas oportunidades.

A sociedade brasileira funciona limitando as chances de ascensão social de grupos que se afastem das características físicas que são associadas à origem européia (COSTA, 2006).E isto acaba indo ao encontro do que disse a entrevistada Fabiana, pois é consciente dessas limitações de chances e se vê em uma dúvida entre se limitar e se manter num lugar onde a sociedade quer vê-la, ou ir para a Universidade e enfrentar todos os problemas que virão, pois como ela mesma diz, irá ingressar, tal como é, uma mulher negra, com aquele cabelo e aquele penteado que, segundo Costa (2006), estão totalmente fora das características físicas almejadas pela sociedade brasileira. A interseccionalidade entre variáveis como a racial e a de gênero deve ser lembrada aqui, pois historicamente a mulher é desvalorizada e ainda mais sendo negra e de uma classe social com menos possibilidades. Esta mulher negra de classe menos favorecida teria muito mais dificuldade provavelmente de alcançar ou até mesmo pensar em estar em uma universidade como mencionado pela entrevistada Fabiana. Há uma relevância em analisarmos todos os aspectos que envolvem as entrevistadas.

Com isso, cresce o preconceito racial no país, pois, preconceito “é um julgamento prévio e negativo que os membros de uma raça, de uma etnia, de um grupo, de uma religião ou mesmo de indivíduos constroem em relação ao outro” (MUNANGA e GOMES, 2006, p.181). Para esses autores, o que aparece de forma marcante é seu caráter inflexível e é sempre mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. É uma opinião formada antecipadamente. Um fato importante ressaltado por esses autores é que ninguém nasce preconceituoso, mas aprende socialmente a ser. Aprende-sea ser preconceituoso no convívio com os outros.

Outro conceito que deve ser trazido para uma melhor compreensão das colocações das entrevistadas, é o conceito de discriminação. Segundo Munanga e Gomes (2006), a palavra discriminar significa distinguir, diferençar, discernir e a discriminação racial seria então a prática do racismo e a

efetivação do preconceito. Os mesmos autores colocam que os três processos, racismo, preconceito e discriminação se retroalimentam mutuamente.

O racismo seria a doutrina da supremacia racial, a discriminação seria um processo que segue essa doutrina e que sempre precisa da ação e o preconceito seria um processo que também segue a mesma doutrina, mas fica no sentimento e nas ideias.

As perguntas que foram feitas abriram um leque de possibilidades de respostas e muitas delas revelaram fatos acontecidos na escola ou fora dela de preconceito com relação às suas características físicas, como cor de pele e cabelo. Sete, das onze meninas, disseram já ter sofrido algum tipo de preconceito.

> O meu cabelo porque assim ele parece meio liso, mas eu até pensei em deixar ele liso, mas ele é bem cacheado, ele é bem cacheadinhoai o cabelo que é bem volumoso assim ai já sofro preconceito ai cabeluda, mas é mais o cabelo eu acho. (Entrevistada Catarina – 09 de agosto de 2016)

Da maneira com que elas colocaram as situações pôde-se perceber o quanto o racismo está disseminado e naturalizado em certas regiões do município. O cotidiano dessas adolescentes entrevistadas é recheado de práticas de discriminação e histórias vividas que confirmam esta prática.

> As diferenças fenotípicas entre indivíduos e grupos humanos, assim como diferenças intelectuais, morais e culturais, não podem ser atribuídas, diretamente, a diferenças biológicas, mas devem ser creditadas a construções socioculturais e a condicionantes ambientais (GUIMARÃES, 2009, p. 24).

Essas construções socioculturais muitas vezes são tão fortes que, como em alguns casos relatados, fizeram com que as entrevistadas dissessem que em certo momento tiveram vontade de alisar o cabelo para que parassem as brincadeiras de mau gosto e os olhares preconceituosos.

As atitudes preconceituosas atingem prioritariamente os que estão fora do padrão exigido pela sociedade, fazendo com que estes que estão fora acabem por não acreditar numa possibilidade de mudança e ascensão social.

Uma perspectiva interseccional de análise busca perceber todos esses fenômenos interligados e tenta perceber os atos de dominação e de uso do poder por membros da sociedade que fazem com que essas adolescentes tendam a buscar uma mudança até mesmo física para se enquadrar no desejado socialmente.Certas práticas comprovadamente diminuem as oportunidades de competição, fazendo com que diminua a autoestima dos que saem do padrão esperado.

A fala da entrevistada Elaine, a seguir, relata exatamente isso. As desigualdades em âmbitos da vida social, aqui relatando especificamente na escola. Um fato claro que mostra a não condição de igualdade de oportunidades ao se competir com pessoas de pele mais claras, onde traz um exemplo em que as alunas mais claras realmente têm o poder, nesse caso relatado, de decidir se a colega negra participa ou não. Elas decidem que não e argumentam claramente que é por causa da cor de feijão preto. A entrevistada Elaine na pesquisa exploratória já havia contado essa história que aconteceu com ela anos atrás. Segundo o sujeito da pesquisa, sua mãe foi na escola e um pedido de desculpas foi feito. Isso foi o relato dela com relação ao racismo no espaço escolar. “Sim, a cor da pele. Era uma apresentação que tinha que fazer e as gurias não me deixaram participar porque eu era negra. Elas me chamaram de feijão preto e tal. Foi no fundamental” (Entrevistada Elaine – 15 de setembro de 2016).

Nessa situação que pode parecer, a primeira vista banal, mostra já desde cedo a reprodução de um esquema de negociações entre as meninas brancas de participação ou não da menina negra, mostrando, mesmo no espaço escolar, a força que tem o poder dos que decidem e a apatia dos que acatam. Mas nesse caso não houve apatia, pois tanto mãe quanto filha estão engajadas na causa da luta pela igualdade, tentando fazer de qualquer ato, um ato a ser discutido e resolvido dentro da escola, para que possam levar essa postura para todos os âmbitos da vida, sem apagar a importância da interseccionalidade entre aspectos como o fato de ela ser mulher, negra e de classe social menos favorecida e que muitas vezes fatos como este, acontecido na escola, eram simplesmente vistos como naturais sem necessidade de uma reflexão ou análise. No Brasil, a questão racial ainda é

muito forte e perpassa todos os outros aspectos que se interseccionam com ela.

Das quatro entrevistadas que disseram que, nem suas famílias, nem elas, nunca sofreram nenhum tipo de racismo, quando foram perguntadas sobre se já tinham sofrido algum tipo de preconceito com relação à cor da pele ou cabelo, ou outra característica física disseram que sim, uma a cor da pele e a outra a cor da pele e o cabelo. Mostra-se assim, a importância das características físicas de alguém no momento de sofrer algum ato de racismo, discriminação ou preconceito na sociedade brasileira. NilmaLino Gomes se torna imprescindível nessa discussão, indo ao encontro do que foi dito pelas adolescentes com relação a seu cabelo. Os relatos mostram um"conflito coletivo do qual todos nós participamos" (GOMES, 2012, p.3). E, segundo a autora, o cabelo do negro na sociedade brasileira está carregado de importância, pois expressa esse conflito racial que se vê no país entre negros e brancos. A entrevistada Débora coloca com relação ao racismo:

> (...) ah, existe racismo, não só no caso da cor né sempre tem alguém faz outros tipos de racismo com as pessoas, é que sempre querem ser mais do que os outros, e aqui tem muito isso, as pessoas acham que podem falar assim e ai elas até sem querer elas cometem o racismo sabe não entende que não é só tu chamar o outro de negro que tu estás cometendo racismo e ai sem querer as vezes elas fazem, mas fazem (Entrevistada Débora – 09 de agosto de 2016).

Este depoimento demonstra o que Grosfoguel (2012) expressa sobre o racismo se manifestar a partir da marca, como: cor, etnicidade, idioma, cultura ou religião. Ele afirma que o racismo de cor tem sido preponderante em muitas partes do mundo, mas não é a única forma de racismo. Se somente uma forma particular de racismo adotada em uma região ou país do mundo é observada como se fosse uma definição universal do racismo, segundo este autor, se perderia de vista a diversidade de racismos que não são necessariamente marcados da mesma forma em outras regiões.

Essas formas de racismo apontadas por Grosfoguel apareceram frequentemente nas falas das adolescentes e relataram fatos ocorridos na

escola, em casa, dentro da própria família, em questão de emprego, etc. Muitas também relataram a dificuldade em perceber que estavam sofrendo um ato de racismo ou o que realmente significava aquelas palavras que estavam sendo ditas.

O significado que é dado é muito particular e varia de um individuo para outro. Segundo Brah (2006) existem campos de significação einvocamos atribuições como processos através dos quais o sujeito adquire significado em relações socioeconômicas e culturais e atribui significadoàs relações cotidianas dando um sentido a elas. Um mesmo evento, assim, terá significados diferentes para indivíduos diferentes. A entrevistada Ana conta o que aconteceu com a mãe do seu padrasto.

> Uma vez, só uma. A mãe do meu expadrasto..como é que eu vou dizer..ela quis me comparar com um cachorro... foi chamar o cachorro e chamou o meu nome. Tá, na hora assim não me fez muita diferença, mas depois que eu fui me dar conta (Entrevistada Ana – 08 de agosto de 2016).

Ao contar a história, no começo, a pesquisadora não conseguiu entender, pedindo informações adicionais. Sendo assim, a entrevistada tentou ser mais clara explicando que o cachorro era preto e que só depois ela percebeu o que a senhora queria dizer e comenta que ficou muito tempo pensando no evento, mas que hoje a senhora é falecida e ela até lamenta dizendo que queria ouvir o porquê dela ter feito isso com a entrevistada, mostrando ainda certa mágoa com relação ao acontecido.

A entrevistada Laura coloca o fato de sentir certo racismo no ambiente escolar com relação ao tratamento diferenciado. Ela coloca:

> Eu vejo até assim na escola às vezes entendeu. Não vou dizer que tenha aqui, mas sempre tem aquela coisa do professor também às vezes com o aluno. Para o aluno branco, no caso. Ou às vezes tem mais atenção. O professor. Mas não são todos é claro. Tens uns e um em especifico assim (Entrevistada Laura – 30 de setembro).

Já, a entrevistada Fabiana mostra um pouco de receio em tentar o Enem e depois receio em frequentar uma universidade, pois relata um fato de racismo em Santana do Livramento.

> Existir, existe, mas não é muito visto. Teve um dia, estava ouvindo na radio outro dia que um guri sofreu na Unipampa acho que foi racismo pela cor da pele. Não entendi muito bem. Ai fizeram uma passeata. Porque ele sofreu racismo quando ele entrou na faculdade. Um pouco eu tenho medo disso. De eu entrar e sofrer um pouco o racismo. Aquela coisa (Entrevista Fabiana – 15 de setembro de 2016).

Com relação ao relatado pela entrevistada Fabiana, do receio de ingressar na universidade, Munanga e Gomes (2006) colocam que o racismo é uma questão estudada por muitos pesquisadores que colocam que o racismo é um comportamento presente na história da humanidade e que pode aparecer de duas formas: individual e institucional.

A individual seria aquela em que um indivíduo comete atos discriminatórios contra outro individuo.Os autores colocam como exemplo a África do sul e os Estados Unidos, ressaltando que no Brasil os atos são normalmente camuflados, tanto pela mídia, quanto por órgãos do Estado.

Já o racismo institucional “implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto” (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 180). Esta prática pode ser percebida quando há um isolamento de grupos de negros em determinados bairros, escolas ou empregos. Mas não só nesses espaços, mas também em livros didáticos, em imagens estereotipadas ou deturpadas ou na ausência do povo negro na história contada do Brasil. Os meios de comunicação também aparecem como uma forma de seguir retratando os negros e outros grupos de forma equivocada.

O racismo dentro da própria família é relatado por alguma das adolescentes, aparecendo mais tarde como uma das influências de suas autoafirmações enquanto mulheres negras. Segundo algumas entrevistadas, o fato de ter vivido situações dentro da própria família fez com que começassem a refletir sobre o problema e a buscar soluções de um enfrentamento. Segundo elas, por presenciar situações constrangedoras de uma parte da família agredindo outra simplesmente por diferenças, nos casos relatados, de cor, fez com que elas tomassem algum posicionamento frente ao vivido, não diretamente com elas, mas com membros de suas famílias. Isso influenciou na

construção de suas identidades enquanto negras, pois se sentiram obrigadas a se posicionar contra ou a favor do que estavam vendo.

> Na minha família já a minha mãe. A minha avó paterna era branca. Então no começo ela me contava que tinha essa questão de ser preconceituosa e tal. Por ela estar com meu pai e meu pai ser branco. Ah eu acho que independente se... Querendo ou não ainda existe preconceito racial, mas eu acho que a pessoa tem que se aceitar. Independente se ela é branca ou negra. Tem que ter igualdade para todos. (Entrevistada Iolanda – 16 de setembro)

Esta entrevistada consegue relatar a situação sob ângulos diferentes. Ela relata o sofrimento da mãe, em ser negra e casada com um homem branco, cuja sogra não a aceita pelo simples fato de ser negra. E relata também a fala da avó que diz abertamente que era isso mesmo, que não gostava de ver o filho com uma negra. As diferenças podem ser entendidas como trajetórias históricas das circunstâncias materiais e práticas culturais. Estas produzem condições para a construção das identidades de grupo (BRAH, 2006, p. 363).

O próximo exemplo mostra uma situação um pouco semelhante, mas que traz também o mesmo tipo de influência na reflexão e posicionamento da adolescente em relação à construção de sua identidade negra.

> Meu tio né, sofreu muito preconceito, porque meu pai é muito preconceituoso com negro, até eu namorava um menino negro e ele não aceitava, porque com meu tio ele tinha um preconceito enorme sabe, eu nunca quis mostrar meu namorado pra ele porque eu tinha medo que ele ofendesse meu namorado na minha frente e o meu namorado era negro, negro mesmo, mas eu nunca tive problema com racismo até porque minha mãe é negra e eu nunca tive preconceito em aceitar isso, ah eu acho que as pessoas devem se conscientizar mais sabe, falar ... tentar conhecer as pessoas antes de julgar porque ela não sabe nada do que está passando ali com a pessoa. (Entrevistada Catarina – 09 de agosto de 2016)

Um campo de conflito se percebe na fala de quase todas as jovens no momento em que relatam fatos ligados a questões de racismo dentro das próprias famílias, pois a maioria delas é oriunda de famíliasinterraciais. Outros

fatos relatados dizem respeito também aos vizinhos e questões relacionadas a emprego e discriminação.

> O meu irmão. Porque meu pai é branco daí minha vizinha disse ah esse teu guri. Porque meu irmão é moreno, um pouco mais moreno que eu. Daí ela disse para minha mãe ah esse guri não é filho do teu marido porque ele é tão moreno e teu marido é branco. Querendo dizer que meu irmão não era filho do meu pai por causa da cor dele, porque ele era mais pretinho (Entrevistada Beatriz – 30 de setembro de 2016).

Interessante ressaltar que essa mesma entrevistada coloca que, como sua mãe é negra, ela e o irmão sofrem preconceito da família do pai, que além de ser branco tem outras filhas de outro casamento que são todas loiras.

Com isso, percebe-se a persistência no país de uma ideologia do branqueamento relacionada a questões de poder historicamente marcado no Brasil. Hofbauer (2007) destaca o potencial de conseguir abafar certas situações que esta ideologia traz consigo e inibir reações, induzindo uma aproximação do padrão hegemônico. No depoimento dessa entrevistada, ela explica que o pai é branco de família de loiros e que a mãe é negra e que o irmão sofre e já sofreu racismo, mas ela não.

No decorrer da sua fala em nenhum momento ela se coloca na posição da necessidade de atuar em prol de uma igualdade ou de se posicionar contra certas situações vividas. Pelo contrário, ela trata como problema dos outros. O mesmo autor trata também disso, de que a ideologia do branqueamento faz com que os grupos que poderiam estar unidos para reivindicar seus direitos se dividam, sendo que alguns procuram se apresentar no cotidiano o “mais branco possível”.

Enquanto que as outras entrevistadas mostram-se articuladas e decididas a buscar uma reflexão e uma mudança na forma de pensar, esta entrevistada se mostra passiva e, de certa forma, aceitando a situação, pois mesmo relatando problemas em sua vida e que aquilo a incomoda, em nenhum momento argumentou sobre mudanças ou possíveis arranjos na família, que era o tema em questão.

Outro fato interessante sobre essa entrevistada é o fato de que, enquanto as outras entrevistadas prontamente respondiam quando lhes foi

perguntado sobre raça/cor/etnia que se autoclassificavam, esta entrevistada teve dificuldade em se autodeclarar. Ela começou relatando as histórias se posicionando nelas como branca, depois quando perguntado se disse morena e quando pedido para que usasse uma das categorias utilizadas pela maioria das pesquisas levou um tempo e se autodeclarou parda.

"Palavras usadas no cotidiano sinalizam que grande parte da população, sobretudo as classes menos favorecidas, continua evitando identificar-se com a categoria: "negro" ("preto") e continua valorizando e privilegiando cores claras" (HOFBAUER, 2007, p. 411).

Este autor ainda ressalta aqueles que preferem, quando possível, não se declarar. Isto foi percebido analisando os dados obtidos nas escolas pesquisadas, onde 22% dos alunos da escola do bairro Carolina não se declararam no momento da matrícula e 20% dos alunos da escola do centro. As matrículas normalmente são feitas por seus responsáveis, ou seja, cabe a eles naquele momento da matrícula da escola declarar o aluno como branco, pardo, preto, amarelo, indígena ou não declarar pertencer a nenhuma dessas categorias pré-estabelecidas. Esses dados acabam por exemplificar a ideologia do branqueamento trazida por Hofbauer (2007) que diz que principalmente aqueles de classes menos favorecidas buscam uma aproximação com o "mais branco possível" ou não se declaram, evitando assim uma identificação com a categoria do preto ou pardo.

No tocante a busca de empregos somente uma entrevistada se mostrou preocupada com o racismo na área profissional. Ela diz:

> Existe. Bastante. Como tu és tratado em entrevista de emprego. Tem bastante. Quando tu sais, dependendo do teu tipo de roupa também. Tem bastante. Bem menos. Porto Alegre não tem muito, porque lá não dá pra ser. (Entrevistada Heloísa – 16 de setembro de 2016)

Essa entrevistada não trabalha, mas mora com a avó e a tia, sendo que relatou histórias de racismo com ambas em situações de busca de emprego no município. A mãe trabalha na colheita de maças em Vacaria, onde sofreram casos de racismo, segundo ela, maiores e mais explícitos que em Santana do Livramento. Dos Anjos (2008) fala sobre o fenótipo negro como capital simbólico negativo, uma vez que, para ele, "é intuitivo que quanto mais clara é

a cor da pele do candidato, mais promocional tende a ser a teia de relações pessoais" (ANJOS, p. 24)

Alguns aspectos chamaram a atenção na fala dos sujeitos da pesquisa. Todos, em momentos diferentes e respondendo questões diversas, trouxeram o tema do cabelo. Este tema será tratado com mais detalhes posteriormente.

> (...)o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade. O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro, como "ruim", e do branco, como "bom", expressa um conflito (GOMES, 2012, p.3).

Isso pode ser reforçado pelo depoimento a seguir: "(...)os colegas que falam: ai ela tem o cabelo grande. É porque a maioria dos meus colegas tem cabelo liso, é liso lisinho e ai..." (Entrevistada Catarina – 09 de agosto de 2016). Essa entrevistada mostra como os outros tratam e vêem a questão do cabelo, mas ela mesma lida muito bem com isso e sempre lidou, percebendo que isso era uma marca e que os colegas, quando a queriam menosprezar, por algum motivo, falavam do seu cabelo. Isso já não acontece com a entrevistada seguinte, pois ela, sim, sempre teve problema em aceitar seu cabelo e em entender e lidar com situações desagradáveis.

> Meu cabelo... é um pouco o meu cabelo. A cor da pele também. É quando eu era menor e não entendia muito bem. Não entendia o sentido porque estavam fazendo isso se todo mundo era igual. Aquela coisa(Entrevista Fabiana – 15 de setembro de 2016).

As questões do cabelo aparecem em várias categorias de formas distintas e passou a fazer parte da pesquisa pela recorrência nas falas das adolescentes. O cabelo aparece ora vinculado com símbolos de inferioridade e racismo, ora vinculado com uma visão positiva, ou seja, de uma maior autoestima e aceitação, bem como de reflexão e conscientização das entrevistadas.

A visão do seu próprio cabelo e sua relação com ele mostra-se relevante para as entrevistadas no momento em que muitas vezes é por causa dele que

elas começam a debater assuntos principalmente com suas mães e começam a se autoafirmar enquanto mulheres negras,vinculando uma maior autoestima à aceitação do cabelo.

O racismo, a discriminação e o preconceito sofridos pelas entrevistadas ou por seus familiares mostraram-se particularmente e indiscutivelmente, nas situações relatadas, parte fundamental na construção das identidades das adolescentes negras. Os fatos vivenciados fizeram com que elas se articulassem e se tornassem mais fortes no momento da necessidade de tomadas de decisões em suas vidas diárias e com relação ao futuro e perspectivas de futuro. A professora de geografia relatou um fato de racismo que marcou sua vida e faria toda diferença nas suas decisões e trajetória de vida.

> Jáááá... É digamos que sim, mas quando mais jovem. Bem jovem. Quando jovem. Eu lembro que eu estava em uma aula particular. Porque eu tenho uma madrinha que ela é muito abonada, digamos assim. Então eu estava mal no colégio e a mãe comentando. Elas eram muito amigas. Ela sempre disse para a minha mãe: tu nunca vai ser minha empregada. Tu és uma amiga que eu tenho. E ai quando eu nasci a minha mãe me deu de afilhada dela. Eu acho que eu tinha uns doze anos. Essa é a pior fase da vida da gente enquanto criança enquanto negra porque é um momento que tu não sabes te defender. E é um momento em que tu vês as coisas e tu não sabes se fala, se tu não falas. Ta. Eu estava nessa aula particular porque eu estava mal no colégio e a minha madrinha disse para minha mãe: Não, eu conheço uma senhora que dá aula pra ela. Ai era eu e mais três alunos. Dois loiros. Dois meninos e uma menina. Então nós éramos quatro. Eu ficava num canto e os outros três juntos. Uma professora, branca também, e ai eu lembro que para mim ela olhava de uma maneira insignificante. Ela estava ali porque os alunos estavam pagando ela para me dar aula, entendeu? Então ela falava as coisas e os guris falavam: essa negrinha, não sei o que lá. E eu engolia aquilo ali. Então nunca mais depois daquela aula, nunca mais apareci. Eu não disse para a minha mãe, não disse o porquê. Só disse que não queria mais. E não fui mais. Esse fato me marcou porque até hoje né... Foi bem marcante. Os demais já não muito porque a gente aprende a se defender. (Entrevistada professora de Geografia - Alceu – 30 de setembro de 2016)

A professora fez questão de relatar esse fato se dizendo muito parecida com as adolescentes entrevistadas e se via muito nelas. Ela acredita que as alunas também se espelham um pouco na sua trajetória. A professora ressaltou a importância de infelizmente ter que passar por situações durante a

vida e que ainda hoje releva certas fatos para poder viver e conviver em harmonia com colegas e sociedade em geral.

> E com colegas sabe como é. A gente vê e finge que não vê. Entendeu? É como a gente fala. Tu tens que te dar o valor. E tu tens que mostrar quem tu és. Porque daí as pessoas sabem com quem elas falam e com quem não falam, não é? Então, com relação a esse tipo de coisa, quando elas falam alguma coisinha, eu já falo em tom bem alto e claro. Isso dá cadeia. A lei 7.716 é para tal coisa. Entendeu? Brincando, como elas fazem também. E daí eu brinco da minha maneira. Então elas já sabem quanto a isso. (Entrevistada professora de Geografia - Alceu – 30 de setembro de 2016)

Mesmo todas relatando que existe racismo no município, duas das onze entrevistadas disseram nunca ter sofrido nem racismo nem nenhum tipo de preconceito ou discriminação por alguma característica física delas. Essas duas adolescentes se autodeclaram negras, foram criadas dentro da religião umbandista e mostram muita segurança na forma de expor suas ideias. Pela maneira com que foram criadas, segundo elas, mostram uma certeza na forma de falar e de ver a vida e a sociedade, fazendo parte atuante da construção de uma sociedade mais igualitária.

Outro caso a ser lembrado é o da já mencionada entrevistada Beatriz, que disse nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito ou discriminação. Como dito anteriormente, esta entrevistada é a única que não se autodeclara negra de todas as onze entrevistadas. Então parece lógico que no momento que não me vejo como tal, também não sofra as agressões que o grupo sofre, pois não me sinto parte dele.

Fanon (2008) chamaria esse posicionamento de denegação, o tratando como sintomático em muitas pessoas negras. Algumas pessoas negras usam este mecanismo de defesa para se recusar a aceitar determinado fato. Este autor nos ajuda a entender o comportamento dessa entrevistada que tem uma fala totalmente diferente das outras dez. Enquanto ela nega sua condição, as outras buscam articular o racismo e a construção de suas identidades de uma forma perceptível de autoafirmação enquanto negras e de uma necessidade de luta por direitos.

Esta entrevistada mostra em seus argumentos a indignação com situações presenciadas por ela, mas ao mesmo tempo mostra um conformismo quando relata as situações de racismo. O racismo deve ser entendido como “modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa que os negros são construídos como negros” (FANON, 2008, p.15). Estas construções podem ser entendidas, segundo o mesmo autor, ao examinar a linguagem, pois é através dela que a criação e os significados são vivenciados. Ele mostra esse racismo dos negros contra os negros como uma forma de ver no espelho um reflexo branco, assim, eles acabam vendo o que querem ver.

Mas num panorama geral os sujeitos da pesquisa fizeram um uso interessante das experiências de suas vidas e puderam ganhar com isso uma reflexão maior e um auxílio considerável nas construções de suas identidades.

Existe uma relação muito grande entre o racismo sofrido e como elas se vêem e atuam a partir disso. Dez das onze entrevistadas, exceto a entrevistada mencionada anteriormente, que não se autodeclara negra, articularam as situações de racismo de forma positiva, ou seja, usaram dessas experiências para refletir e buscar um fortalecimento de suas identidades e da necessidade de luta e de posicionamento para que a situação mude.

Elas em nenhum momento se mostraram numa posição de aceitação da sociedade vigente e de práticas naturalizadas. Pelo contrário, se mostraram bem articuladas ao responder as perguntas da pesquisadora e embasadas com argumentos fortes para discussões do tema e para um enfrentamento que em muitas vezes se via a mãe ou a religião como pilar dessa fortaleza, mesmo às vezes transparecendo em suas falas certa fraqueza e dor ao se tratar de temas vividos por elas.

3.2. A autoafirmação na escola e na religião e as construções das identidades na fronteira

Casos de racismo foram relatados pelas jovens tanto no espaço privado, como na família, quanto nos espaços públicos, como nas lojas, em entrevistas de emprego e nas escolas. A escola é ainda o local onde as adolescentes passam a maior parte do seu tempo, então seria natural que tivessem mais histórias de fatos ocorridos nesta instituição.

Como as entrevistadas são todasestudantes do terceiro ano do ensino médio, ou seja, convivem no espaço escolar quase que diariamente, vários casos relatados aconteceram neste ambiente em momentos diferentes da sua vida escolar. Está sendo feita uma inter-relação entre as categorias racismo e escola, uma vez que com a implementação daLei 10.639/03, pode-se saber que mudanças vêm, ou não vêm acontecendo a partir da percepção dos fatos relatados pelas entrevistadas.

A lei 10.639/03 e a sua implementação fazem com que aumente a participação da escola nas discussões e nas reflexões com relação a temas voltados para a história da África e cultura afro-brasileira em geral e de uma possível mudança de comportamento.Segundo Silvério (2012) a lei 10.639/03 é de extrema importância, pois altera a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (LDB). Para ele, estas alterações tornaram-se um novo marco na história da educação. “Elas representam transformações substantivas que refletem mudanças sociais profundas na forma como nossa sociedade se autoimagina e se representa enquanto uma comunidade” (SILVERIO, 2012, p. 892).

Com isso, o autor mostra que a lei é um resultado do reconhecimento de que temos uma discriminação racial no Brasil, de que o racismo é um elemento constitutivo de nossa formação social e da necessidade de ações afirmativas que combatam esta situação. Trata-se de reconhecer as diversas matrizes presentes na construção da nação.

Em sintonia com Silvério (2012), Munanga coloca que “a história de um povo é o ponto de partida do processo de construção de sua identidade, além de outros constitutivos como a cultura, os comportamentos coletivos, a

geografia dos corpos, a língua, a territorialidade, etc.” (MUNANGA, 2015, p. 31). O autor relata que não é por acaso que as ideologias de dominação tentam destruir as histórias dos povos dominados.

Estas adolescentes que participaram da pesquisa são, como mencionado anteriormente, do último ano do ensino médio. Ou seja, se a Lei tivesse sido realmente implementada em 2003, teriam vivido e participado dessa implementação durante todo seu período escolar, bem como sentido os efeitos das mudanças dentro da escola. Seguindo esse principio, muito do que foi relatado pelas alunas seriam efeitos ou resultados de atividades pedagógicas realizadas com o intuito de diminuir o racismo, buscando a promoção da diversidade enquanto reflexão no ambiente escolar.Com relação à questão de gênero, não houve muita diferença entre alunos e alunas negras no terceiro ano do ensino médio. Na escola do centro, de um total de 95 alunos matriculados no último ano, treze deles são negros, sendo sete alunas e seis alunos. Já na escola do bairro Carolina o número total é bem menor, de trinta e dois alunos, sendo que sete deles são negros, quatro alunas e três alunos. Partindo de uma análise interseccional, não houve um número significativo que mostre uma diferença entre raça e gênero dos bairros estudados. Pelo contrário, mesmo o número de alunos do centro sendo bem mais alto a proporção mostra-se muito similar.

Um dado importante de ser apontado é que todas as entrevistadas disseram desconhecer a Lei 10.639/03 e seu conteúdo. Mas, por outro lado, todas disseram que participaram de atividades frequentes no ambiente escolar relacionado à história da África, à cultura afro-brasileira, bem como racismo, preconceito e desigualdade.

Dessa forma, mesmo desconhecendo a lei em si, as alunas ressaltaram uma participação bastante grande por parte dos professores, diretores e alunos das duas escolas em questão, não havendo aqui diferença entre os bairros Carolina e Centro.Mesmo a implantação da lei sendo precária, a pequena repercussão de sua implantação obteve sucesso.

Essa diferença inexistente foi relatada em se tratando dos trabalhos realizados nas escolas, ou seja, tanto na do bairro Carolina, quanto na do

Centro, as atividades são realizadas anualmente e foi constatado realmente um comprometimento de alguns professores com a implementação da lei. Mas em relação ao racismo, tanto as alunas entrevistadas quanto os professores e fundadores do movimento negro foram unânimes em perceber uma diferença marcante entre bairros. Como relata a entrevistada Beatriz:

> Eu moro ali, aí ela mora lá, ah ela mora na Simão aquela gente tudo pobre sempre tem algum metido, ali na minha rua, eu moro lá encima, mas ali na parte de baixo são bem pobres né tem gente que é bem asquerosa, eu não gosto dessa gente, as crianças também que passam fome tem muita gente que é preconceituosa....e eu acho errado isso, tem muita gente que precisa(Entrevistada Beatriz – 09 de agosto de 2016 – Bairro Parque São José)

Mesmo com essa diversidade de bairros, as alunas interagem muito bem e se respeitam, sem deixar de se posicionar e reafirmar seu lugar de origem. Barth (1998) chamaria isso de fronteira étnica. Segundo ele, há uma interação social entre os grupos e as fronteiras étnicas baseiam-se em distinções e aproximações étnicas, sendo, mesmo assim, consideradas relações estáveis. Isso se esclarece na fala da entrevistada ao se colocar de um lado e não de outro, deixando firme e claro o que é o “lá” e o “cá” para ela. As pessoas se movimentam e há um frequente intercâmbio entre elas, sem com isso, desfazer as fronteiras. Pelo contrário, mesmo assim, elas são mantidas. Esse exemplomostra bem a diferença de “nós” e “eles” e do grupo ao qual ela pertence e o outro ao qual ela não pertence.

Com relação ao país vizinho, também foi percedido esse sentimento de “nós” e “eles”. Mesmo cinco entrevistadas sendo de familias binacionais, não foi percebido em suas falas uma participação ou influência do fato de serem “doble chapa”. Ou seja, nas construções de suas identidades em nenhum momento o fato de também serem uruguaias apareceu como um dos aspectos que formariam suas identidades. Elas ressaltam que não há um problema de relacionamento entre brasileiros e uruguaios e que não percebem diferenças de tratamento, mas não parecem se sentir parte do grupo. Quando questionadas sobre os uruguaios, quatro entrevistadas colocaram que não existia racismo por parte dos moradores do outro pais, cinco disseram que não sabiam, pois não tinham contato suficiente para avaliar, uma disse que

dependia do momento e a outra disse que alguns eram racistas mas outros não. Em suma, o fato de morar na fronteira e em uma fronteira seca entre duas cidades consideradas gêmeas não parece influenciar, nem participar das construções das identidades das adolescentes negras entrevistadas. Pela fala das jovens, em certos momentos, sentia-se uma ausência de relação com a fronteira e com os moradores do país vizinho.

Os sistemas se formam pela interação e aceitação, e não pela ausência dessas. Segundo Barth (1998), os sistemas são formados baseados nessas interações e aceitações. É percebido nas entrevistadas um elo forte entre elas e seu lugar de origem, muito mais forte do que o elo entre elas e a escola.

Figura 3 – Entorno da escola do Centro

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora

Há uma interação entre as jovens nas duas escolas pesquisadas, mas cada uma mantendo suas características e posições dentro do grupo e do bairro a que pertencem. Elas deixam claro como se entendem e como se posicionam a favor do seu grupo. Em ambas as escolas foi percebida a presença de alunas de diferentes bairros.

Alguns pais ou responsáveis colocam seus filhos nas escolas do centro buscando uma escola com educação de melhor qualidade e que eles acham que terá um melhor quadro de professores.

O bairro Carolina é responsável por três bairros, mas, mesmo assim, as adolescentes moram em vários bairros da região. Ou seja, a escola usada na

pesquisa acaba abarcando todo e qualquer aluno que venha a pedir vaga na escola. Isso explica a diversidade de alunos de bairros diferentes em ambas as escolas.

Figura 4 – Entorno da escola do bairro Carolina

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora

Através da análise das falas das jovens pode-se perceber a influência que o lugar de origem tem na construção de suas identidades. Elas se reconhecem de determinado bairro ou lugar, mas não deixam de interagir com as outras. O “nós” e o “eles” está presente no sentimento delas tanto em relação aos outros bairros quanto em relação aos uruguaios. Elas, como pertencentes a determinado lugar, se sentem amparadas e seguras ali, tanto que muitas disseram não ter racismo em seus bairros e entre seus grupos. Um dos fundadores do movimento negro mostra-se de acordo com as adolescentes:

> Olha, racismo existe, acredito que nos bairros não tenha tanto racismo porque o nível social das pessoas, né, às vezes são negros, são brancos, mas todos tem um nível social muito semelhante, muito parecido, né (Entrevistado fundador do movimento negro – 26 de agosto de 2016)

Ele relata esse fato com certa propriedade, pois, além de fundador do movimento negro, professor e advogado, é também uma figura ligada a política. A observação da professora da escola do bairro Carolina vai ao encontro das ideias do fundador do movimento negro, mas retrata mais a

realidade dos moradores daqueles bairros ao redor da escola quando tentam vaga em estágios ou empregos no centro da cidade e onde, muitas vezes, devem dizer o bairro ou local de origem.

> Eu acredito que há diferenciação sim, porque sendo essa escola taxada como escola problema, lá é tudo de ruim, os bairros também. Realmente é uma periferia que tem um pouco mais de índices de violência, mas não é só ela. Porque a violência fica explicita, mas a violência na sociedade fica oculta. Então há discriminação, há discriminação. Até quando os nossos alunos se classificam para uma bolsa, alguma coisa, já houve anos de dizerem ai, mas é do Simão Bolívar. Então há discriminação da sociedade com a nossa comunidade aqui. São duas comunidades que a gente abraça, o Simão Bolívar e o Parque são José. E da sociedade há sim, bastante. (Entrevistada professora de Matemática – Caic – 26 de agosto de 2016)

Segundo a professora, a escola tem um papel importante no momento de trabalhar com as diversidades também culturais. As regras e valores estipulados pelos grupos são seguidos pelos seus membros, mas na escola acabam formando novos grupos. Este grupo novo terá novos elementos, mas também muitos elementos em comum. Para ela, a escola deveria trabalhar com essas vivências dos alunos e como eles se percebem no mundo. Ela relata o último trabalho deles que foi sobre violência doméstica e que ela acredita ter surtido efeito no grupo, pois cada um trouxe exemplos de fatos que acontecem em seus bairros enriquecendo a discussão e aumentando a reflexão.

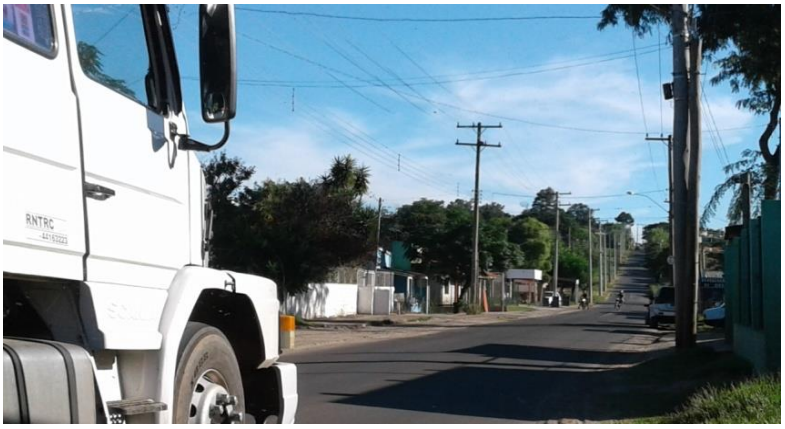

Figura 5 – Entorno da escola do bairro Carolina

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora

Com relação aos trabalhos relacionados com a lei 10.639/03 não eram atividades feitas no decorrer do ano letivo, mas sim especialmente para a semana da consciência negra, mas de qualquer forma, esses trabalhos parecem ter sido bem importantes para as entrevistadas, pois todas se mostraram ansiosas por começar a preparar o evento desse ano, ou seja, parece que está sendo implementado, não de forma continua, mas sim ligado ao dia 20 de novembro, não diminuindo a importância que se notou em todas as falas das jovens.

Vários aspectos com relação à reflexão, mudança de comportamento e de autoestima e aceitação foram relatados como uma conseqüência de trabalhos realizados nas escolas, bem como um maior orgulho de serem negras. Como relata a entrevistada Débora:

> Não ouvi falar, mas aqui sempre tem um festival ou alguma coisa assim, acho que é em novembro a professora de artes sempre fazia *com nós* antes agora já não sei ...porque foi o ano passado que eu voltei...ai o ano passado fizeram...esse ano vamos ver...ela sempre fazia festival ai ela sempre dizia pras gurias dançarem ou senão pediam pra gente apresentar um trabalho, sempre assim na frente de todos...bem bonito... sim porque as vezes as pessoas falam porque os pretos são feios e tudo no branco fica mais bonito e no preto fica feio, ai quando a gente vê a gente vê essas *artistas bonita* daí ela mostrava pra gente no caso a gente ficava mais no caso eu ficava mais feliz em ser negra. (Entrevistada Débora – 9 de agosto de 2016)

Esse relato mostra que o festival que a professora de artes faz todo ano em novembro durante uma semana conseguiu fazer com que ela refletisse sobre o fato de ser negra. O relato dela traz certa necessidade de afirmação, no momento que diz que a professora mostrou a ela a beleza de ser negra e, naquele momento ela sentiu um orgulho em ser negra.

A implementação da lei, mesmo sendo feita de forma incompleta, mostra que mesmo em pequenos debates, pode ser feita uma reflexão e mudança de comportamento e de sua forma de ver a realidade ao redor e se ver nela. As construções são feitas de forma onde todos os ambientes e debates podem auxiliam ou prejudicar determinados pensamentos e comportamentos. As atividades desenvolvidas valorizam a história e cultura afro-brasileira, e, com

isso, fazem com que uma reflexão aconteça buscando trazer a tona questões de racismo sofridas por elas ou por conhecidos, bem como atividades que aumentem a autoestima dos alunos, mostrando que devem sim ter orgulho da sua história e de que se tem que lutar por uma igualdade racial onde não exista esse padrão hegemônico branco exigido na sociedade brasileira.

As pessoas acabam tentando se apresentar “o mais branco possível” como afirma Hofbauer (2007). Isso é sentido, principalmente, nas camadas populares, como uma tentativa de sofrer menos discriminação e talvez uma possibilidade de ser mais aceito. Mas, “o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco” (FANON, 2008, p. 26). Sendo assim, as políticas públicas de ações afirmativas estariam trabalhando de forma eficiente na tentativa de alcançar o objetivo do debate, da discussão, de trazer a tona reflexões sobre a questão do negro no Brasil.

> Sim, até os trabalhos de história, quando fala sobre a escravidão eu vi que nós negros, a gente sofreu muito com a desigualdade. Não tinha os mesmos direitos que os brancos. Isso me deixa *meia* indignada com as coisas. E ainda é assim né. Na realidade. (Entrevistada Fabiana – 15 de setembro)

O depoimento da entrevistada Fabiana mostra que, além da reflexão sobre o racismo e sua identidade, esses trabalhos na aula de história fazem com que ela fique indignada, ou seja, não aceita a situação dada, pelo contrário se posiciona e argumenta com relação à importância de se colocar na sociedade como uma mulher negra. Ela percebe a questão histórica, mas também que muitas diferenças persistem até hoje. Por exemplo, Silvério (2002) relata a diferença com relação aos anos de escolarização entre brancos e negros.

“Alguns estudos demonstram que parte do problema está associada ao racismo e à discriminação racial presentes em nossa sociedade em geral e, em especial, na instituição escolar” (SILVERIO, 2002, p. 240). O depoimento dessa aluna com relação aos trabalhos nas aulas mostra também que esta ação afirmativa tem um sentido estratégico duplo. Segundo Silvério (apud COSTA, 2006) “as ações afirmativas prestam, num primeiro momento, à compensação

e à correção das desigualdades de acesso aos bens públicos. Ao mesmo tempo, elas devem favorecer o processo de construção da identidade racial, fortalecendo a mobilização social e a construção das vítimas do racismo como sujeito político (SILVERIO, 2002, apud COSTA, 2006, p. 209).

Não acontecendo com a entrevistada Laura, que em determinados momentos diz que são brincadeiras, ou seja, aceita os fatos que ela relata como brincadeiras e em outro momento os relata como não brincadeira e que devemos sim fazer algo, “não ficar quieta”. Mas se torna difícil saber se essa entrevistada está conseguindo sair da verbalização e já partir para a ação ou ela está processando o que deveria ser feito, mas ainda não consegue fugir do processo social naturalizado e herdado.

Com relação aos trabalhos desenvolvidos na escola a entrevistada Laura traz esse depoimento:

> Eu já fiz aqui no colégio, sim, acho que foi aqui. Aqui a gente já fez muito assim, como posso dizer, redação sobre o racismo. Mas foi só isso. Ah sim. Ajuda a gente a ser... Como é que eu posso lhe explicar...a ver um ponto de vista nosso na sociedade, porque muitas vezes eu já mesmo no colégio, já teve aqueles apelidinhos de mau gosto. Já teve piadinha de mau gosto. Ajuda a gente a refletir e a ver que a gente não pode ficar quieta para o preconceito. (Entrevistada Laura – 30 de setembro)

Gomes (2003) coloca que “podemos então inferir que a vida coletiva, como a vida psíquica dos indivíduos, faz-se de representações, ou seja, das figurações mentais de seus componentes”. O que acontece no âmbito escolar pode influenciar nessas representações de forma positiva ou negativa. A mesma autora diz que os sistemas de representação são construídos historicamente e que surgem do relacionamento dos indivíduos e dos grupos sociais e, ao mesmo tempo, regulam esse relacionamento.

O que a entrevistada descreve faz parte de uma construção de representação e de uma reflexão dessas regulações de relacionamentos necessárias na formação de identidades. Já a próxima entrevistada coloca como as pessoas se posicionam frente às representações.

> Pode acontecer, mas as pessoas não querem se expor. Daí as pessoas deixam quieto. Ou sabem que isso não vai acontecer nada. Vão só falar e deu. Não vai acontecer nada. Não vão fazer nada pra defender contra o racismo. Então acho que tem gente que nem dá muita bola e não fala nada. Ficam calados. (Entrevista Fabiana – 15 de setembro de 2016)

Quando questionadas sobre as reflexões que por ventura surgiram dessas atividades na escola todas disseram que sim, que essas atividades, mesmo uma vez ao ano, surtiram efeito em suas formas de pensar e agir.

Somente a entrevistada Ana disse que não, que os trabalhos não surtiram efeito, pois na verdade ela já tinha um bom conhecimento e entendimento dessas questões.

Esses trabalhos relatados pelas professoras e alunas em suas entrevistas mostram um bom engajamento entre diretores, professores e alunos das escolas pesquisadas. Comisso, mostrou-se uma vontade mútua de mudança de comportamento e pensamento por parte de todos.

Segundo Silvério (1999), a sociedade branca estabeleceu uma relação com os negros que os carregou com uma imagem deprimente durante gerações e que ainda hoje não se consegue fugir dela. Ainda é adotada. Mas, mais forte do que isso é o fato de que essa identidade imposta e destrutiva, para Silvério (1999), faz com que exista uma autodepreciação, sendo assim,esta se torna instrumento mais poderoso de opressão. Esse autor coloca que teríamos como primeira tarefa a ser executada a liberação dessa identidade.

A implementação da lei 10.639/03 viria ao encontro das ideias desse autor buscando aumentar os espaços de reflexão sobre o tema e, com isso, buscar uma mudança de imagem e de posicionamento de todos, pois ainda carregam-se maneiras de pensar e agir arraigadas na sociedade, quando muitas vezes, a reflexão pode fazer diferença, principalmente dentro da escola que é uma instituição onde as crianças e adolescentes passam muito do seu tempo e onde, por conseqüência, muitas situações acontecem e às vezes são vistas de forma corriqueiras ou “normais”. Isso também não é fácil de ser realizado por todos os professores, como relata uma professora:

> Faz uns quantos anos. Eu lembro que, quando essa lei surgiu, eu lembro que eu fiquei bem faceirinha. Eu queria. Claro que eu não trabalho, eu sou habilitada em história, mas não trabalho. E eu também sou habilitada em geografia, como eu gosto mais da geografia, fui para esse lado. Mas quando surgiu essa lei eu fiquei bem faceirinha. Tá.Vou trabalhar eu com meu colega de história. Mas sabe como é. A coisa é complicada. E a gente não trabalhava. Então, desde esse período que, digamos que eu fui obrigada a trabalhar a lei, eu na minha disciplina consegui. Comecei a trabalhar. Eu acho que já faz mais de dez anos. Ou aproximadamente uns dez anos que a gente começou a trabalhar. (Entrevistada professora de geografia – Alceu – 30 de setembro de 2016)

A Lei 10.639/03 a ser implementada nas escolas veio para fazer com que reflexões maiores surgissem, ou melhor, fosse dada maior ênfase as discussões no ambiente escolar. Isso não quer dizer que outros grupos, espaços ou instituições não estejam trabalhando com um objetivo bastante similar.

É o caso dos movimentos negros no Brasil. Em Santana do Livramento existem três grupos e em Rivera (Uruguai) dois grupos que vem trabalhando em prol de uma maior visibilidade e discussão de temas relacionados à cultura negra. Esses dois países vêm trabalhando de forma conjunta. O relato da professora mostra a tentativa dos movimentos negros de unirem forças com os educadores dos dois países.

> Eu não gosto muito assim. Eu prefiro ficar mais no anonimato. Eu prefiro pegar, digamos assim, por fora. Entendeu? Ajudar a fazer, a resgatar, tudo por fora, não sou muito de... E agora estou conhecendo um rapaz que é aqui de Rivera que tem um movimento também e ai ele perguntou se eu queria participar, mas é que os horários nunca fecham. Mas eu ainda quero ver como é. Ele está há mais de 20 anos. Também ele trabalha com uma ONG que é bem interessante. E agora ele é vereador lá e ai ele convidou que eu fosse participar. E eu quero ir. Não consegui ainda, mas quero ir só pra ver. Mas eu já disse mais ou menos a ideia pra ele do que eu gosto e do que eu penso assim. A gente tem que resgatar por resgatar mesmo, mostrar a nossa etnia, porque só superficial não adianta, tem que

> mostrar para verem quem realmente nós somos. (Entrevistada professora de Geografia – Alceu – 30 de setembro de 2016)

Dois fundadores de movimentos negros de Santana do Livramento foram entrevistados para melhor entender o que está sendo ou o que já foi feito em âmbito municipal com relação a questões de identidade e que atividades estão sendo promovidas hoje. Os dois fundadores são também educadores.

> (...) o movimento negro promove uma série de atividades, tanto atividades de cunho de resgate histórico, que eu acho que é a principal, né, de resgatar heróis negros, como Zumbi dos Palmares, como João Cândido, o Almirante negro, que isso trabalha a autoestima do povo negro. Saber que nós temos heróis importantes na história do Brasil, e que muitas vezes não são reconhecidos, na história de nossa cidade, na história do nosso estado, como a própria batalha de porongos, muito pouco divulgada aqui no estado do Rio Grande do Sul. Como a questão das charqueadas em Pelotas, toda aquela história riquíssima e a população negra principalmente de Pelotas e Rio Grande, resgatar isso, mostrar isso, a importância do negro, para terminar ou diminuir o racismo, a gente tem que trabalhar muito a autoestima porque a gente só se conscientiza a partir daquilo que a gente conhece. (Entrevistado fundador do movimento negro – 26 de agosto de 2016)

Nesse sentido Fanon (2008) argumenta que “o auto-reconhecimento requer uma colocação sob o ponto de vista do outro”. Existe uma dialética entre o eu e o outro, fazendo dessa relação uma forma de se reconhecer. Fanon mostra o seu desejo de “transformar o negro em um ser de ação” (FANON, 2008, p.15). Isso seria feito, mas sem extremismos. Fanon (2008) traz como exemplo que, aquele que adora o preto é tão “doente” quanto àquele que o execra.

Com isso, fica claro que os movimentos negros vêm trabalhando na tentativa de diminuir o racismo. O problema do racismo não se resume a reconhecer-se como negro. Os processos são bem mais complexos do que se aceitar ou não. A pessoa se reconhecer como negra não fará com que rompa o ciclo de atitudes racistas vividas no pais.

> Então o movimento negro trabalha no sentido de mostrar a religiosidade africana, de mostrar as iguarias, as contribuições, né. A principal iguaria do Brasil é o feijão e arroz que era comida de escravos. O mocotó era uma comida de escravos só com as partes menos nobres do gado para que o escravo trabalhasse 14, 15 horas por dia. Então, mostrar, saber a importância do negro, está na religião, está na iguaria, na música, o Brasil sem o samba não seria o

> Brasil, sem carnaval não seria o Brasil... (Entrevistado fundador do movimento negro – 26 de agosto de 2016)

Mesmo que os dois fundadores tenham relatado a fundação do movimento negro santanense na mesma época, eles fazem parte de movimentos diferentes no município e apresentam aqui as atividades que cada um desenvolve ou desenvolveu no seu movimento negro.

> A gente criou o concurso da mais bela negra para estimular as meninas negras a participarem de concursos, a gente faz concursos literários voltados pra questão do negro, da negritude. Então são coisas assim que o movimento negro procura fazer. (Entrevistado fundador do movimento negro – 26 de agosto de 2016)

O entrevistado menciona os concursos de beleza como estímulo a uma participação das meninas negras nos concursos. Segundo Gomes (2012) no momento em que se fala sobre corpo e cabelo, se aproxima de uma discussão sobre identidade negra. Na fala do entrevistado não ficou claro se teriam alguns outros trabalhos vinculados ou apenas os desfiles sem nenhum tipo de debate ou discussão prévia ou posterior aos eventos. As ações são importantes de serem feitas, mas as reflexões são de relevância ainda maior, pois são através delas que poderemos buscar, nesse caso, uma autoafirmação enquanto negra e de forma positiva e atuante.

A fundadora do movimento negro relata um trabalho totalmente diferente:

> Sim, nós tentamos, tentamos fazer um trabalho de inclusão das crianças, pra eles se sentirem valorizados enquanto gente, porque hoje em dia os negros parecem que não são mais gente. Tanta coisa que deixam a gente até assim extasiado. Eu estava trabalhando com as crianças, porque a maioria é negro e pobre numa escola lá na baixada do cerro, perto do registro. (Entrevistada fundadora do movimento negro – 25 de agosto de 2016)

Gomes (2003) coloca a importância da escola no nosso contexto brasileiro. Segundo ela, o negro brasileiro, foi classificado e hierarquizado tendo como base as relações sociais e num contexto de escravidão e racismo.

Para Gomes (2003), estas regulações de relações acontecem por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais. “A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as

representações negativas sobre o negro são difundidas" (GOMES, 2003, p.77). E este seria um dos principais motivos para que a autora acredite que a própria escola deveria ser o local de superação dessas representações.

O próximo relato, assimcomo o anterior, mostra como o movimento negro estava engajado na mesma ideia da autora e usando o espaço escolar de forma a tentar uma maior inclusão dos grupos das comunidades com seu espaço escolar.

> Olha, até uns anos atrás nós fazíamos um trabalho excelente nós chegamos a ter mais de cem pessoas ai dentro trabalhando e a gente trazia mulheres chefes de família que eram as pessoas que tinham que trabalhar para sustentar o seu lar e a gente então as preparava para a vida. Ensinava a fazer pães, ensinava a costurar, ensinava a fazer crochê, ensinava um montão de coisas que as pessoas têm que ter outro meio de ganhar dinheiro também e era quando nós estávamos trabalhando com o pessoal de Montevidéu que nos dava todo apoio maravilhosamente bem(Entrevistada fundadora do movimento negro – 25 de agosto de 2016).

Como relatado pelos entrevistados, trabalhos têm sido feitos na cidade e na cidade vizinha, com o intuito de levar mais conhecimento para a população através de diversas atividades já mencionadas.

Mas com relação ao foco deste estudo que seriam as percepções das adolescentes negras com relação às questões pertinentes para suas construções de identidades, não foi percebida uma atuação forte dos movimentos negros. As alunas entrevistadas, na sua maioria, não conhecem o trabalho dos movimentos negros santanenses. Somente uma entrevistada, além de conhecer, participa de um grupo de dança do movimento de mulheres negras santanenses. Da maioria que desconhece o trabalho dos movimentos, sete nunca ouviram falar, sendo que três lembram ter ouvido falar, mas não sabem nada a respeito.

Um dos fundadores do movimento se mostra bem consciente com relação a certo desconhecimento por uma parte da população sobre as atividades dos movimentos negros:

> É o movimento que discute,principalmente pensadores, porque o movimento, os movimentos negros, muitas vezes, não conseguem se popularizar. Tu não consegues fazer com que o movimento entre nos bairros, que tenha uma participação popular, mas aquelas pessoas que são digamos os pensadores, os filósofos, aquelas pessoas que reúnem pra discutir e defender determinadas teses acabam fazendo a transformação, através dos meios de comunicação, através da

> política pública. Embora a gente saiba que os movimentos negros, de um modo geral, não são populares na maioria da camada mais pobre da população negra (Entrevistado fundador do movimento negro – 26 de agosto de 2016.

Práticas pedagógicas que divulguem e destaquem a cultura negra seria uma alternativa contra a discriminação racial. Para Gomes (2003) seria também trabalho dos professores e tarefa dos cursos de formação de professores fazer com que a construção de novas práticas pedagógicas aconteça e que busquem um trabalho educativo capaz de compreender os diferentes povos ao longo da história, como acontece e aconteceu a hierarquização no contexto do racismo. Esse fenômeno interfere na construção da autoestima e no posicionamento dos indivíduos.

O conjunto de representações deveria primeiramente ser entendido, para que, a partir daí, possa-se trabalhar com essas representações sobre o negro existente na sociedade, enfatizando as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra. A cultura negra deve ser refletida e debatida na escola, mas para isso, há de haver um comprometimento por parte de todos de forma a se posicionar para que construções de novas práticas sejam feitas de combate à discriminação racial, rompendo com “a “naturalização” das diferenças étnico/raciais, pois esta sempre desliza para o racismo biológico e acaba por reforçar o mito da democracia racial” (GOMES, 2003, p.77).

Muitas vezes os professores estão indo por um caminho que vai ao encontro das ideias de Gomes, mas tropeçam em problemas como relatado pela professora de Matemática da escola do bairro Carolina:

> Eu acredito que poderiam, as escolas deveriam ter mais respaldo para trabalhar com a consciência negra. Que existisse um cronograma de que temas, do que abordar, porque, às vezes, eu, por exemplo, eu sou de Matemática. O meu é exatas, e mesmo assim eu vou te convidar pra ti conhecer a minha sala, eu faço trabalhos, eu abro o trabalho até onde der. Eu consigo abraçar várias disciplinas. Mas eu sinto a carência de ter um cronograma, de ter algo mais concreto para trabalhar. E, uma coisa também que eu me lembro, quando eu fiz da religião, vou te contar esse fato. Nós pegamos as faces das crianças e colocamos no gesso. E, eu, a minha religião, como te disse, sou espírita, não tem relação nenhuma, mas eu achei necessário. Achei interessante eles fazerem. Eles fizeram a Iemanjá com conchas, com coisas bem interessantes. E vieram pais. Eu arrumei briga. Veio um pastor e uma evangélica. Eles bateram na porta da minha aula e olha...foi complicado. E a diretora ao invés de

> confrontar, não, ela saiu por eles. Então assim, ó, é difícil, é difícil. Porque se tu pegares a escola, a grande maioria da escola é evangélica. Então para eles, eles não admitem a religião dos negros. Umbanda, Quimbanda, eles não admitem. E eu acho que é isso (Entrevistada professora de Matemática – Caic - 26 de agosto).

A professora consegue destacar três problemas que surgiram no seu dia a dia na escola na tentativa de trabalhar com os alunos. A falta de um apoio pedagógico adequado, na forma de cronograma ou algo do gênero, a aversão de determinados grupos religiosos com relação ao estudo de religiões de matriz africana e a falta de apoio da direção ou supervisão da escola. Ou seja, a fala dessa professora mostra que realmente a vontade e a motivação são importantes, mas que é um caminho longo e difícil no momento em que os outros ainda não estão abertos a auxiliar nesse trabalho e a aceitar as diferenças em geral.

Uma das entrevistadas relata um fato que aconteceu com a diretora da escola do bairro Carolina:

> Sim, aqui na escola já teve uma diretora que fez com umas crianças que tinha, às vezes ela falava umas coisas que não era.... a gente só via... não falava nada, mas já assisti já, mas daí a câmera pegou ela haha.... Não, não me lembro, porque eu não estava aqui, foi com uma amiga minha, o irmão da amiga minha, ela me disse que tinha sido porque ele era negro, não gostava no caso, e ela falou... Isso...por isso descobriram ela senão, não tinham...não iam acreditar numa criança em vez de acreditar nela, não né? (Entrevistada Débora – 9 de agosto de 2016)

Essa diretora já não está mais na escola, mas retrata como a questão ainda é complicada e que os espaços ainda estão minados de um pensamento racista. Na verdade, o que se pode notar na fala das professoras das duas escolas é que hoje contam com material pedagógico e apoio de diretores. Mas com relação à intolerância religiosa ainda há muito que melhorar nas escolas e na sociedade em geral.

Como considerações finais com relação à autoafirmação das adolescentes negras na escola e a influência do trabalho, realizado baseado e cumprindo a lei 10.639/03, pode-se dividir o grupo em três.

Duas jovens disseram que os trabalhos foram válidos, mas que não influenciaram em nada na construção de suas identidades, pois elas já tinham uma consciência bastante grande de sua posição enquanto mulher negra, tendo as duas sido criadas dentro da religião da Umbanda.

Uma adolescente entrevistada seria o único membro do segundo grupo. Essa jovem disse que esse trabalho é de extrema importância para que as pessoas reflitam sobre suas identidades, mas coloca isso importante para os outros nunca se colocando como parte desse grupo. Quando questionada sobre os trabalhos feitos na escola ela diz:

> História, português ou literatura. Não lembro agora, mas a gente sempre fez sabe nos dias aqueles dias de...Racismo... Eu acho que sim, não é a cor que vai mudar a pessoa. Todo mundo é igual não tem diferença de cor, as vezes até uma pessoa negra é melhor que uma pessoa branca, pra mim não tem diferença... Até porque eu tenho colega negro, adoro ele, eu não tenho esse problema de racismo nem nada (Entrevistada Beatriz – 9 de agosto de 2016).

A mesma entrevistada relata casos de racismo contra a mãe e o irmão em situações diferentes, mas não com ela. Esses casos já foram relatados anteriormente. E esta é a única entrevistada que não se autodeclara negra.

Já o terceiro grupo se constitui de oito jovens que disseram que a partir dos trabalhos feitos na escola, elas mudaram sua maneira de se comportar, de agir, de usar o cabelo e de se enxergar enquanto mulher negra moradora de determinado bairro. Uma delas traz um relato interessante sobre as reflexões na escola e um caso onde ela se identificou com a agredida. Ela coloca assim:

> Sim, me ajudou bastante porque eu pude aprender mais sobre os negros, eu pude, é... Antes, sempre que a gente começa a trabalhar sobre isso, a gente começa a se perguntar como que uma pessoa pode chamar a outra de negra, sendo que todos somos iguais e ai eu fui,cada vez mais, a gente vai aprendendo sobre os negros quem tem esse preconceito, se ela começa a trabalhar sobre os negros ela começa, cada pouquinho, ela começa a aprender mais e começa a gostar porque é lindo (Entrevistada Catarina – 9 de agosto de 2016)

As relações na escola sempre foram conflituosas, mas alguns casos de racismo são vistos muito frequentemente. Gomes (2003) esclarece que a sociedade, no caso uma sociedade racista, pode usar de várias estratégias para discriminar o negro, trazendo os aspectos corporais como um deles. “São

estratégiaspara retirar do negro o *status* de humanidade" (GOMES, 2003, p.80). A seguir o relato da entrevistada acerca dessa questão:

> Geralmente alguém, eu tenho muita colega, até uma em especial que é loirinha do cabelinho liso, ela sempre teve preconceito. Olha lá aquela negra, como é que é, aquela negra suja, não toma banho, não sei o que, o cabelo está duro. E isso machuca porque eu me identifico com o que ela ta falando. E eu acho que ela teria que refletir mais, porque ela pode ser até branca, ela pode ter até o cabelo bonito liso, mas ela não é melhor que aquela negra e ela nem sabe da vida da negra, ela nem sabe se a negra toma banho ou não, capaz de ser até mais limpa que ela (Entrevistada Catarina – 9 de agosto de 2016)

A fala dessa jovem deixa claro como a escola fez com que ela passasse a gostar de falar sobre isso e na sequência relata um fato, uma situação de racismo na escola e relata que sentiu a mesma dor que a outra jovem está sentindo e se identifica com ela.

Outra jovem desse grupo decidiu fazer uma pesquisa onde relata da seguinte forma:

> Não. Eu fiz uma pesquisa sobre racismo aqui na escola e não tinha muita... Eu perguntei pra todo mundo e não que não sofreram. Tem muitos que falaram que sim. Minha prima é um pouco mais clarinha do que eu. Ai uma mulher disse que não ia ficar perto deles, não ia ficar no mesmo baile porque eles eram negros. Ai eu fiquei "meia" assim, levei um...Em pleno século 21 as pessoas fazendo isso. (Entrevistada Fabiana – 15 de setembro)

Elas descreveram situações onde se podia perceber a ligação entre o trabalho feito na escola e suas mudanças de atitudes posteriores a eles. Todas elas se mostram articuladas e se dizem mais confiantes, graças aos trabalhos feitos por professoras das duas escolas, mesmo sendo estes trabalhos somente realizados uma vez ao ano, no mês de novembro, seguindo o calendário das festividades da semana da consciência negra.

Com isso, percebe-se que, mesmo o trabalho nas escolas sendo ainda feito somente durante um mês, e não como indicado, que seria no decorrer do ano letivo, mesmo com toda a precariedade descrita e percebida nas falas de muitos dos envolvidos, ainda assim, o pouco que foi feito surtiu efeito de modo a fazer com que as jovens refletissem sobre suas identidades.

Outro ponto a ser levantado é com relação a como as adolescentes tratam e reagem ao racismo encontrado nas escolas e também nos relatos da vida cotidiana. Das oito jovens que foram enquadradas em um terceiro grupo, apenas quatro pode-se perceber, além de um reconhecimento do racismo, uma reação a ele. Neste terceiro grupo, estavam presentes aquelas jovens que, a partir do trabalho na escola, passaram a ter uma maior percepção de si mesmas e uma mudança de comportamento.

As reações contra o racismo também poderiam vir de trabalhos ou atividades pedagógicas na escola que fizessem com que as alunas percebessem que não basta enxergar a existência do problema, mas precisa-se, mais do que tudo, combatê-lo. As análises interseccionais buscam essa percepção e essa crítica, visando um possível posicionamento político ao se tentar compreender como acontecem essas construções de identidades e como o racismo sofrido por elas acaba por ser de grande influência em suas vidas.

Quatro delas perceberam o racismo e estão construindo suas identidades de forma a terem orgulho de si mesmas, mas na hora de reagir ao racismo nada fazem. Elas são capazes de perceber o racismo, mas acabam ficando numa zona de conforto e de aceitação daquela situação recorrente na sociedade. As oito reconhecem o racismo, mas apenas quatro mostraram em suas falas uma reação a ele.

Os trabalhos na escola, mesmo sendo considerado pouco, tanto por elas quanto pelas professoras, conseguemobter resultado quando se pensa e quando se busca uma reflexão. A professora de geografia menciona algo com relação a isso:

> Para nós, negros, sim. Eu acho sim, principalmente para aqueles alunos que não se... Ficavam escondidos, digamos assim e ai desde que essa lei foi implantada, digamos assim obrigada a trabalhar, eu, como negra, resolvi, porque eu tenho que resgatar a nossa raça, não é. Então eu acho que sim (Entrevistada professora de geografia – Escola do Centro – 30 de setembro de 2016)

Segundo esta professora, é muito difícil saber até que ponto houve uma reflexão ou não por parte dos alunos. Ela acredita que haja uma reflexão, mas não sabe dizer ao certo, porque acha que ainda muitos não participam de discussões ou omitem certos sentimentos. É o que se nota na fala da diretora também com relação à quais professores realmente querem trabalhar. Há uma dificuldade em saber quem realmente acredita na importância das atividades.

> Então a gente já vem fazendo isso, tanto para o fundamental. A gente sabe que tem que ser feito muito mais coisa e que tem que ser feito ao longo do ano, diluído na disciplina. Mas a gente ainda está caminhando quanto a isso. O grosso mesmo, o forte do trabalho, ele é feito em novembro (Entrevistada - diretora da escola do Centro – 30 de setembro).

A diretora, mesmo assumindo que deveria ser feito de outra forma, mostra-se a par da lei e de conteúdos e atividades a serem desenvolvidas na escola. Ela mostra-se muito empenhada em fazer com que as atividades aconteçam em todo o processo educativo, das séries iniciais até as finais.

> A parte de literatura, a parte de português, com os contos, uma pena a gente tem que ver com a Monica se foram filmados, os contos africanos maravilhosos. Eu não conhecia nenhum daqueles contos. Agora hoje em dia eu tenho aqui um material sobre as lendas negras e brinquedos africanos, etc. para as crianças (Entrevistada - diretora da escola do Centro – 30 de setembro).

Os relatos feitos pela diretora mostram como ela realmente está ciente dos trabalhos que vem acontecendo e busca uma mudança de comportamento dos professores, acreditando na necessidade de reflexão por parte dos mesmos e dos alunos. As atividades desenvolvidas conseguiram atingir as jovens de alguma forma, em umas conseguindo uma mudança de atitude e comportamento e em outras apenas uma maior consciência da situação, sem tentativas de mudanças.

> Já faz muito tempo. Ano especificamente não me lembro. Mas desde que começou a função. Tudo começou pra nós, começou a girar em torno do dia da consciência negra. Que a gente, que nos chamaram lá para fazer formação etc. e a partir daí a gente sempre identifica uma pessoa. Aqui na escola a gente optou pela Evalena não só por ser (negra), mas por ser uma pessoa muito disponível. Assim a gente: ah lá vai a Evalena e ela gosta e já a professora de história se associa com ela. E ajuda. Quem mais faz é ela, mas os outros professores se associam. O ano passado foi muito bom. (Entrevistada diretora Alceu – 30 de setembro)

Um fato a ser percebido é que tanto na escola do Centro como a escola do bairro Carolina, a responsabilidade em implementar a lei fica a cargo de

uma pessoa. Ou seja, em vez de ser um trabalho continuo e de equipe, onde todos estão envolvidos, acaba sendo de responsabilidade de somente um professor. Mas, mesmo assim, segundo os relatos das entrevistadas houve sim mudanças na maneira de pensar e agir.Muito das reflexões acerca de temas que abordam a identidade negra e todas as questões ligadas a ela, segundo os sujeitos da pesquisa, fazem com que haja uma somatória no processo de construção da identidade, ou seja, toda e cada reflexão acabam por acrescentar algo novo nas construções de identidades.

Dentre todos os conteúdos a serem trabalhados na escola, a religião seria um deles. A religião é um tema delicado e de uma difícil abordagem. Vários motivos podem ser apontados, como o fanatismo de determinados grupos religiosos, não aceitando o credo alheio, o individualismo que se vive hoje, ou mesmo o fator histórico que faz com que certas religiões sejam discriminadas ou não aceitas em determinado grupo social.

Mesmo a religião fazendo parte dos conteúdos a seremtrabalhados na escola, ela é pouco estudada devido a problemas relatados pelas professoras. A professora de matemática relata: “Eu lembro que no primeiro ano nós trabalhamos bastante a religião. Nós construímos máscaras de gesso. Os alunos fizeram uma exposição. Foi muito bonito” (Entrevistada professora de Matemática – Caic - 26 de agosto).

Como citado anteriormente, esta professora, ao trabalhar as religiões afro-brasileiras, teve problemas com famílias evangélicas e acabou por optar em trabalhar outros temas, que não a religião, pois também menciona que na época a diretora não deu o suporte necessário ficando do lado das famílias evangélicas que se dirigiram a escola para reclamar do trabalho da professora. Com isso, a religião não foi mais estudada, mas a professora continuou a fazer trabalhos com seus alunos como relata a seguir:

> No decorrer dos anos, nós sempre pegamos algum material e construímos. O último ano que nós trabalhamos que foi ano passado, nós trabalhamos baseados no texto “O Navio Negreiro”, construímos um painel, lindíssimo, e os alunos, na minha disciplina, eles fazem gráficos e pesquisas. Também eles construíram mascaras de gesso no ano passado com as diferentes faces da raça negra e de outras raças também. Então ficou uma exposição muito bonita, com umas

> com cabelo Black Power nas mascaras de gesso(Entrevistada professora de Matemática – Caic - 26 de agosto).

A professora parece bastante motivada a trabalhar todos os temas, mesmo tendo se mostrado indignada com o que aconteceu, pois diz que foi complicado ter na porta da sua sala pais a insultando e ao relatar o caso que aconteceu em 2010 ainda se mostra triste em perceber como ainda estamos presos a amarras e comportamentos preconceituosos. Já a professora da escola do Centro relata os temas trabalhados incluindo a religião, não relatando nenhum problema em trabalhar as religiões afro-brasileiras na escola.

> Porque cada ano é uma gurizada nova que vem dois, três diferentes, mas a gente aproveita aqueles que ficaram e quiseram continuar o trabalho. E a gente faz. Ah não tem como dizer que tem um melhor porque todos eles são bons porque cada um tem uma maneira de ver o trabalho. Um, nós fizemos um teatro, outro, nós fizemos dança, outro nós fizemos a própria religião africana. Outro nós fizemos sobre os alimentos da África. Outro nós fizemos só sobre o Brasil. Foi bem diversificado. Então não tem como dizer aquele foi melhor. Eu particularmente acho o das danças talvez os melhores porque é uma maneira de expressar mais o movimento, tu identificas mais a etnia, tu identifica mais o cabelo digamos assim. Tu identificas mais a roupa. Então eu acho um dos mais bonitos. A parte prática, eu acho muito bonito. A teórica não é muito, mas é.. (Entrevistada professora de geografia – Alceu – 30 de setembro de 2016)

A professora da escola do bairro Carolina relatou que um dos trabalhos realizados pelos seus alunos foi uma pesquisa com relação à religião. Foi constatado pelos alunos que a maioria dos estudantes da escola deste bairro eram evangélicos. Talvez esse fato ajude a entender porque a professora do Centro teve mais facilidade em trabalhar com as religiões afro-brasileiras que a professora do bairro Carolina.

A religião, a principio, não faria parte da pesquisa e não estava nos objetivos tratar deste tema. A partir das falas das entrevistadas a religião começou a tomar uma proporção muito relevante no momento em que relatavam a religião e como esta influencia e influenciou nas suas construções de suas identidades. Com isso, a religião passou a fazer parte desta pesquisa como uma categoria de extrema participação na vida de algumas jovens.

Das onze jovens entrevistadas quatro são umbandistas, duas evangélicas e cinco não têm religião definida. Uma delas, que diz não ter

religião definida, é filha e neta de umbandistas e diz não ter religião hoje, pois deixou de freqüentar o terreiro.

As religiões de raiz africana no Brasil sofrem ainda hoje uma discriminação por parte da população. Como foi comentado anteriormente, isto acontece muito devido a origem histórica dessa discriminação. Isto faz com que muitas pessoas não se posicionem quando perguntadas sobre a religião que praticam. Prandi (apud Ori, 2008) coloca que os números sobre religião, tanto os relativos ao Rio Grande do Sul quanto ao Brasil, não podem ser tomados como verdades cientificamentecomprovadas. Ele diz que infelizmente ainda hoje a população seguidora das religiões afro-brasileiras se diz católica e que os números subestimam pela metade, levando em conta outras pesquisas, e isto se deve pela construção histórica das religiões no Brasil. As circunstâncias em que elas foram surgindo no Brasil e ao seu caráter sincrético daí decorrente.

Ori (2008) utiliza os dados do Recenseamento do ano 2000 do IBGE, no tocante ao campo religioso brasileiro, onde aparece, no Rio Grande do Sul, o índice mais elevado do país de indivíduos que se declararam pertencentes às religiões afro-brasileiras. Ele considera esse dado surpreendente. Mas com relação à pesquisa em questão e ao município de Santana do Livramento ainda sobressaem a religião católica e as evangélicas de forma bem saliente em relação a todas as outras.

Das quatro adolescentes que se declararam umbandistas, nenhuma delas é praticante no sentido de ir aos dias específicos e voltar quando assim o desejarem. Todas elas são trabalhadoras nos terreiros. Elas são assíduas e com responsabilidades no grupo. Duas delas deixaram claro o vinculo da mãe e da avó nos grupos, bem como o pai de uma delas tinha um centro de umbanda. Nota-se, assim, um comprometimento grande por parte delas com relação à religião. A entrevistada Ana, que se diz não ter religião, mas a mãe e as duas avós são umbandistas e ela foi criada na Umbanda, coloca assim: “Já freqüentei igreja também, já frequentei a umbanda, mas nunca... como é que eu vou dizer... Eu acho interessante umbanda pra mim é bem interessante gostaria de aprender bem mais só me falta tempo” (Entrevistada Ana – 08 e 25 de agosto).

Esse relato veio quando perguntado se seguia uma religião, ou seja, ficou difícil perceber se ela queria voltar a frequentar realmente ou se a falta de tempo foi uma desculpa para se afastar da religião da família, pois as duas avós vão ao terreiro, bem como sua mãe. Mas no momento que é questionado sobre a Umbanda ela sai em defesa da mesma dizendo: “O que eu não gosto, assim, é que muitas pessoas vão para fazer o mal para outras pessoas. Mas, em geral, assim, o que eles fazem é só te ajudar. Nada mais”(Entrevistada Ana – 08 e 25 de agosto).

Podem-se dividir as jovens, segundo suas religiões, em três grupos. O primeiro que já foi mencionado seria o grupo das que se autodeclararam umbandistas.

O segundo grupo que pôde ser percebido foi um grupo que declarou não ter religião nenhuma. Grupo que faz parte a entrevistada Ana, comentada anteriormente. Todas elas simplesmente disseram não ter nenhum tipo de vinculo ou crença religiosa, sendo que apenas uma declarou acreditar em Deus. O que chama atenção nos relatos é que nenhuma delas menciona alguma religião que seria esperada pela quantidade de seguidores, como por exemplo, a igreja católica. O catolicismo não foi citado nem lembrado por nenhuma das adolescentes pesquisadas.

O terceiro grupo consta de duas meninas evangélicas. Elas não se mostram muito articuladas ao se tratar de questões referentes à sua religião e o quanto esta interfere na sua maneira de ser. A entrevistada Beatriz coloca da seguinte maneira: “Eu, tanto faz. Sou da igreja. Minha igreja é a “Deus é amor”, mas tanto faz. Eu já fui espírita, eu ia com minha mãe, mas pra mim tanto faz, entendeu? Eu ser da igreja. Não gosto dos da umbanda. Eu não tenho preconceito” (Entrevistada Beatriz – 09 de agosto).

Com isso não se pode perceber uma ligação forte com a religião que pudesse vir a influenciar a construção de sua identidade. A entrevistada três também se declara evangélica, mas a religião não aparece entre os elementos que a fazem refletir sobre sua identidade.

A professora de Geografia quando questionada sobre religião disse que evita de comentar sobre sua religião para manter uma situação amigável no trabalho. Ela é umbandista, mas quando questionada diz ser de uma religião de matriz africana sem mencionar o nome. Para ela, isso é uma forma de amenizar o preconceito com a religião Umbanda. Quando questionada, ela responde assim:

> Na religião que eu freqüento que é uma religião africana, os valores que ele passa lá não são os valores digamos assim só a religião em si. Ele tem um grupo de esportes. Ele trabalha com futebol com a gurizada, principalmente muitos meninos, que é o que mais se perdem. E depois esses meninos, digamos que são uns 50 meninos que tem 45 são negros. Ele tenta resgatar isso ai. Então ele está sempre me convidando. É para apitar, é para fazer uma festinha. Eu estou sempre colaborando. Porque a gente tem que resgatar essa gurizada pelo menos isso (Entrevistada professora de Geografia – Alceu - 30 de setembro)

A professora fala da religião como religião de matriz africana e não menciona a palavra Umbanda. Somente menciona quando a pesquisadora pergunta se é essa a sua religião. Mesmo com toda a liberdade que se tem hoje de credo religioso e, mesmo com todo o trabalho que ela faz com os alunos, ainda assim, percebe-se uma tentativa de evitar certos confrontos que as palavras candomblé ou umbanda carregam em si. Essa professora trabalha muito em prol do orgulho de ser mulher negra numa cidade de fronteira que segundo dela é carregada de racismo.

A aceitação de um histórico de pluralismo religioso gaúcho, segundo Oro (2008) pode vir a atenuar o preconceito contra as religiões afro-brasileiras no estado, mas não significa que as religiões e seus seguidores ou frequentadores não sejam vítimas ainda hoje de preconceito. Isso se dá devido à intolerância deimportantes setores da sociedade gaúcha quanto de outros segmentos religiosos, especialmente dos grupos neopentecostais. (ORO, 2008)

No momento em que foram questionadas as influências que, segundo elas, teriam e tem ajudado na construção de suas identidades, apenas duas mencionaram a religião. E as duas são umbandistas. Cinco das entrevistadas, as do segundo grupo, não se esperava colocação nenhuma com relação à religião, já que não declaravam ter uma. Já as outras poderiam, no momento dos questionamentos, ter mencionado a religião como uma forma de reflexão

sobre sua identidade. Isso aconteceu com duas das quatro umbandistas do primeiro grupo, mas com nenhuma das duas evangélicas do terceiro grupo.

O fato de a Umbanda ser uma religião de matriz africana pode ajudar nessas reflexões, pois as adolescentes negras são praticantes de uma religião afro-brasileira, o que não acontece com as evangélicas. Outro destaque pode ser feito com relação ao tipo de envolvimento com a religião. As evangélicas são praticantes e as umbandistas trabalhadoras nos terreiros e centros de umbanda, fazendo com que a responsabilidade com seus afazeres as torne, talvez, mais reflexivas e engajadas com a filosofia da religião afro-brasileira e com discussões vinculadas com a cultura negra em geral.

3.3. Beleza, autoestima e gênero sob a perspectiva das adolescentes

Os processos identitários se constituem de acordo com as influências que cada indivíduo experiencia no decorrer de um determinado período da sua vida e dos agenciamentos que fazem de alguma identidade em certa situação.As identidades vão se construindo dependendo dos elementos que vão aparecendo no decorrer de um processo. Esta pesquisa visa compreender esses processos em jovens negras estudantes em um município do interior gaúcho.

A “raça” e sua interseccionalidade com outros elementos se faz presente e de extrema importância na pesquisa. A “raça” ainda “atua como um marcador aparentemente inerradicável de diferença social” (BRAH, 2006, p.331). Com isso, a raça acaba tendo um peso grande para a compreensão dos discursos das adolescentes com relação às suas construções de identidades naqueles bairrosespecíficos e como o fato de ser mulher acaba por agregar mais um aspecto na sua construção pessoal.Dessa maneira, a possibilidade de refletir e falar sobre o tema vai ao encontro dos anseios do movimento feminista e com relação ao papel desse movimento na formação das identidades. Para Hall (2006), o feminismo é importante, pois abre espaço para o debate acerca da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Louro (1997) também ressalta a importância dos movimentos feministas com relação ao termo gênero e como ele passa a ser usado como distinto de sexo.

O conceito de gênero começa a ser visto vinculado a um caráter social. Esse caráter social faz com que se torne uma ferramenta analítica e política. De acordo com Louro, não se quer negar a biologia, mas sim enfatizar a construção social e histórica produzida, pois a autora acredita que os gêneros se constroem nas relações sociais. Ela trata da necessidade de se analisar o momento histórico e as distintas sociedades. Mesmo no interior de uma dada sociedade deve se levar em consideração os diferentes grupos ali existentes (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que fazem parte daquela sociedade.

O que se deve tomar cuidado para fazer esta análise, segundo Brah (2006), é de não cair em umessencialismo. Esse problema acontece quando se usa o conceito e a noção sobre ele de forma a transcender limites históricos e

culturais. Para a autora, deve-se cuidar para não usar categorias fixas, mas sim, perceber os campos como “historicamente contingentes de contestação dentro de práticas discursivas e materiais” (BRAH, 2006, p. 331). As diferenças existem, mas o racismo e as intersecções entre os elementos são diferentes de um lugar para outro.

> A análise das interconexões entre racismo, classe, gênero, sexualidade ou qualquer outro marcador de “diferença” deve levar em conta a posição dos diferentes racismos entre si. Acima de tudo, sublinho a importância de uma macro análise que estude as inter-relações das várias formas de diferenciação social, empírica e historicamente, mas sem necessariamente derivar todas elas de uma só instância determinante (BRAH, 2006, p. 331)

As intersecções acontecem todo o tempo na vida cotidiana. Mas os agenciamentos variam dependendo das situações e das necessidades encontradas. As adolescentes da pesquisa são mulheres, negras, moradoras quase em sua totalidade de bairros afastados do centro comercial do município e todas são filhas de pai e mãe sem uma educação de nível superior.

Segundo Anjos (2008), as pessoas não param de se desestruturar todo o tempo e de se conectar em novos processos de identidade. Ele se refere a processos sexuais, de parentesco, étnico, religioso, etc. Estas conexões muitas vezes acontecem no ambiente escolar. Gomes (2002) também reforça essa ideia, procurando mostrar a instituição escolar como um “espaço em que aprendemose compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares,mas também valores, crenças, hábitos epreconceitos e/ou **[identificações]** raciais, de gênero, de classe e de idade” (GOMES, 2002, p.40).Grifo meu.

A escola é um espaço de conteúdos e saberes e, muitas vezes, é nela que os alunos percebem diferenças e semelhanças. Por exemplo, a diferença entre ser uma mulher negra e ser um homem negro no Brasil. As mulheres negras no Brasil ainda continuam em último lugar na escala social e, mesmo trabalhando mais, continuam a ganhar menos, segundo Silva (2003). A autora também mostra que as que conseguem ascender um pouco mais, tem dificuldades de encontrar companheiros no mercado matrimonial. Isso acaba por reforçar e interiorizar um sentimento de inferioridade nessas mulheres. Esses exemplos trazem à tona o quão diferente é ser mulher negra e ser

homem negro no Brasil. Tanto no mercado matrimonial como no mercado de trabalho, como em tantas outras áreas o fato de ser negro já dificulta, e o fato de ser mulher e negra aumenta o grau de dificuldade ainda mais, como relata Silva (2003).

Uma das perguntas feita às entrevistadas era como se autodeclaravam com relação à sua raça/etnia. Das onze entrevistadas seis se autodeclararam de igual maneira de como constava na lista de chamada da escola.Ou seja, cinco se autodeclararam da cor preta e na lista constava pretas e uma se autodeclarou da cor parda e na lista consta parda.

Munanga (2008) coloca que o Brasil desenvolveu um processo e um desejo de branqueamento. Assim, as pessoas acabaram por introjetar esse ideal de branqueamento, tendendo, a partir disso, a não se considerarem negras. Três entrevistadas se autodeclararam pretas, mas na lista da escola contavam como pardas e uma entrevistada se autodeclarava preta e na secretaria aparecia como raça/etnia não declarada. Esta entrevistada ficou sem entender quando a pesquisadora disse que era assim que constava na secretaria, pedindo para que a mesma mostrasse o documento onde ela constava como não declarada. Ela pareceu não entender o motivo e disse que ao chegar em casa questionaria sua mãe para saber o real motivo de não ter declarado sua raça/etnia.

Os pais podem ter tido vivências negativas no espaço escolar ou fora dele. Gomes (2002) salienta que uma tentativa de entendimento das representações do negro sobre seu próprio corpo poderia ser atingida através de uma escuta atenta por parte dos educadores e educadoras. Gomes (2002) relata que ao fazer as entrevistas para sua tese de doutorado, muitos deles narravam fatos importantes com relação aos seus corpos acontecidos na escola que marcaram suas histórias de vida. A maioria das entrevistadas eram mulheres negras e a trajetória escolar aparece como:

> Importantemomento no processo de construção da identidadenegra e, lamentavelmente, reforçando estereótipos erepresentações negativas sobre esse segmento étnico/racial e o seu padrão estético. O corpo surge, então,nesse contexto, como suporte da identidade negra,e o cabelo crespo como um forte ícone identitário (GOMES, 2002, p. 41)

Os comentários desta autora embasam este trabalho, pois ajudam a mostrar a importância de se tratar da autoestima e beleza dessas adolescentes negras, nesta faixa etária, neste ambiente escolar e fora dele, pois a pesquisa trata da construção das identidades dessas jovens. Os temas de corpo e de cabelo, por exemplo, segundo Gomes (2002) são temas relevantes e indispensáveis, pois fazem parte da construção das identidades destas mulheres.

Na pesquisa em questão, a cor da pele varia de acordo com a pessoa que declara. Seis adolescentes se declararam da mesma forma que seus pais ou responsáveis e quatro se declararam negras sendo que as famílias as declararam pardas e uma não foi declarada a cor/raça/etnia. Somente um caso aconteceu o contrário. Na secretaria da escola ela constava como preta e ela se autodefinia como branca, mas segundo ela porque assim aparece nos papéis do seu registro, pois em sua fala ela citou momentos em que sentiu na pele uma discriminação sofrida por outra pessoa, dizendo que se identificava com ela.

Essa entrevistada explica a sua situação na escola. Segundo ela, quem fez sua matrícula na escola foi sua mãe, que é negra. Ela diz ser filha de mãe negra e pai alemão. A importância do agenciamento para essa adolescente é relevante no sentido em que ela deve ter claro suas decisões de quando e como fará suas escolhas e em que situações se farão necessário se posicionar enquanto uma mulher negra. Para Brah (2006) o termo “negro” pode ter diferentes significados políticos e culturais em contextos diferentes. Sendo assim, a autora esclarece que “os processos são dinâmicos e que não precisa ser construído em termos essencialistas” (BRAH, 2006, p. 335).

Então a entrevistada relata a situação dizendo que, como foi a mãe dela que fez sua matrícula a colocou como negra, pois é assim que a mãe a vê. “Minha cor é branca pelo menos é o que está nos meus documentos hahahaha”(Entrevistada Catarina – 09 de agosto de 2016).

> Pertencer ou não a um segmento étnico/racial fazmuita diferença nas relações estabelecidas entre os sujeitosda escola, nos momentos de avaliação, nas expectativasconstruídas em torno do desempenho escolare na maneira como as diferenças são tratadas.Emboraatualmente os currículos oficiais aos

> poucosincorporem leituras críticas sobre a situação do negro,e alguns docentes se empenhem no trabalho com a questãoracial no ambiente escolar, o cabelo e os demaissinais diacríticos ainda são usados como critério paradiscriminar negros, brancos e mestiços. A questão daexpressão estética negra ainda não é considerada umtema a ser discutido pela pedagogia brasileira. (GOMES, 2002, p.45)

Também foi percebido com o grupo total de alunos da escola. A professora de matemática relata que procura sempre unir a matemática com os temas demandados pela lei.

> Eu sempre faço algum tipo de pesquisa com os nonos anos, que é onde a gente trabalha estatística. Então eles pesquisam na escola mesmo. Se eles sofreram discriminação, né. Se eles sabem assim a raça, como se consideram, se se consideram brancos, negros para ver o percentual e para a nossa surpresa, a grande maioria é a raça negra que predomina na nossa escola. (Entrevistada professora de Matemática – Caic - 26 de agosto)

A professora constatou, com a pesquisa de seus alunos, que a grande maioria dos estudantes daquela escola são negros. Se tomarmos como exemplo a lista que foi usada na pesquisa para a dissertação em questão, apenas dos terceiros anos da escola do bairro Carolina, já não conseguiremos fazer com que batam esses números. Os alunos do terceiro ano são um total de 32 alunos, somando diurno e noturno. Destes 32 alunos, somente oito se autodeclaram negros. Não é a maioria, mas sim somente 25% dos alunos. Com isso, pode-se perceber que os dados que são passados para as secretarias nem sempre são exatamente os mesmos que os alunos se consideram e se autodeclaram com relação a sua cor. AvtarBrah (2006), ao analisar a sociedade britânica, explica que o termo

> Pessoas de cor não era um simples termo descritivo. Tinha sido o código colonial para uma relação de dominação e subordinação entre o colonizador e o colonizado. O código passou a ser re-trabalhado e reconstituído através de uma variedade de processos políticos, culturais e econômicos na Grã-Bretanha do pós-guerra (BRAH, 2006, p. 333)

Mesmo o estudo tendo sido feito na Grã-Bretanha, pode-se valer de seu conceito para aproximar-se a uma explicação do porque as pessoas consideradas “de cor” se comportam de determinada maneira. Ou seja, porque os pais ao declararem a cor de seus filhos acabam colocando como mais brancos do que eles realmente são.

Brah (2006) ajuda a explicar, pois no Brasil ainda existe um peso forte do dominador sobre o dominado e a subordinação do mais escuro ao mais claro. Também se pode fazer um paralelo com relação aos grupos estudados naquele país e o grupo de adolescentes negras estudado aqui. A racialização que as adolescentes experienciam com relação a sua posição de classe e gênero e o quanto isso acontece por um racismo que coloca em destaque a não brancura, faz com que muitas jovens agenciem de formas diferentes suas identidades.

> O modo como são racializados não é idêntico, mas enfrentam experiências similares, na medida em que enfrentavam práticas de estigmatização, inferiorização, exclusão e/ou discriminação em arenas como emprego, educação, moradia, meios de comunicação, sistema de justiça criminal, aparato de imigração e serviços de saúde (BRAH, 2006, p. 333).

Um dos motivos prováveis para que isso ainda aconteça é que, segundo Silvério (1999) a sociedade trata de maneira diferente, ou mesmo, exclui mulheres e não-brancos da vida social. Com isso, talvez muitos pais e responsáveis, na hora de matricular seus filhos na escola, como forma de defesa a esta exclusão acabem por declarar seus filhos brancos ou decidir deixar na secretaria da escola o seu filho como raça/etnia não declarada.

“A reação de cada pessoa negra diante do preconceitoé muito particular. Essa particularidade está intimamenteligada à construção da identidade negra eàs possibilidades de socialização e de informação” (GOMES, 2002, p.46).A população negra deve ser valorizada e as políticas públicas vêm tentando cumprir esse papel de reconhecimento e de reparação. Silvério (2012) ressalta:

> Assim, as diretrizes da educação enfatizam que, para reeducar as relações étnico-raciais, impõe-se à educação aprendizagens entre negros e brancos, trocas de conhecimento, quebra de desconfianças, projetos conjuntos para a construção de uma sociedade justa, igual, equânime. Para tanto, impõe-se a necessidade de rever e atualizar o papel da escola, onde a formação para um tipo de cidadania regulada tem se tensionado com a construção/preservação da identidade particular dos afrodescendentes (Silvério, 2012, p. 905)

Uma das questões relevantes no processo de construção das identidades diz respeito a sua relação com a cor e sua autoestima. Uma das

perguntas feitas às jovens foi com relação à beleza. A entrevistada Fabiana relata da seguinte forma:

> Há um tempo eu não me achava bonita, eu achava assim... Entre eu e tu ah tu és muito linda, mas sabendo que eu era linda eu não era muito de falar. Agora que eu comecei a me aceitar. Sou bonita, não preciso de ninguém. Eu ficava muito mal com isso. Assim, com relação a namorado, eu sempre converso com minha mãe sobre isso. É porque eu tenho 20 anos e não namorei ninguém ainda. E tem gente que pensa ah tu és estranha. Não sei o que é que tem. Daí eu fico meio assim. Isso vai acontecer naturalmente. Não precisa estar... Quando eu era criança tinha aquela coisa de primeiro beijo e tudo. Todo mundo queria pegar as mais bonitinhas e eu fui vendo que eu não era. Daí. Eu fui ficando no meu mundinho assim e não me achava bonita. Agora que eu comecei a me achar mais bonita. (Entrevistada Fabiana – 15 de setembro de 2016)

Essa entrevistada relata um processo de construção de identidade enquanto mulher e enquanto mulher negra. Segundo a entrevistada, muito de suas reflexões surgiram de trabalhos feitos na escola, vindo ao encontro do que foi ressaltado por Silvério e Munanga, pois ela passou a se valorizar e valorizar a sua cultura e a sua beleza a partir de estudos da história feitos na escola.

Dez das onze adolescentes pesquisadas se consideram bonitas. A entrevistada Ana se autodeclara negra e responde da seguinte maneira quando questionada sobre sua beleza:

> É, acho que sim. Pelo menos para mim, sim. Pra mim, deixa eu ver,olhos, cabelo, acho muito bonito e o corpo. Também não é só isso, também tem... Uma pessoa pode ser linda por fora e por dentro não tem nada (Entrevistada Ana – 25 de agosto de 2016).

“E, nesse sentido, a mulher negra ao passar a falar de si poderia contribuir através de sua perspectiva com a teoria feminista por oferecer novas possibilidades de enfrentamento e ações políticas” (RIBEIRO, 2016, p.1). Poderia ser acrescentado também que não somente colaboraria com a teoria feminista, mas, no momento que as mulheres negras começam a falar de si mesmas, ampliam as possibilidades na sua vida cotidiana em geral e haveria uma maior capacidade de agenciamento.

Brah (2006) conta que ao participar da Conferência Internacional deMulheres em Nairóbi, em 1985, pode perceber que, mesmo muitas mulheres estando lá para tratar de questões de gênero e da subordinação da mulher, estes temas não poderiam ser tratados sem levar em consideração as diversas situações sociais e financeiras que elas viviam em seus países. As diferentes condições sociais chamaram a atenção da autora que enfatiza a necessidade de se estudar e de se olhar os vários aspectos que influenciam na situação e no contexto dessas mulheres.

O que foi visto na conferência serviu para “sublinhar o fato de que os problemas queafetam as mulheres não podem ser analisados isoladamente do contexto de desigualdade nacional e internacional” (BRAH, 2006, p. 341). Para ela, a condição social da mulher diz muito sobre as estruturas de relações sociais que vivem e que dentro dessas estruturas, as mulheres não são apenas mulheres, mas também fazem parte de outras categorias diferenciadas como mulheres camponesas, mulheres da classe trabalhadora, dentre outras. Cada uma dessas mulheres tem uma situação social especifica. O nosso gênero tem ligação direta com nossa localização nas relações globais de poder e como nos vemos no grupo social.

A entrevistada Gloria, assim como a entrevistada Ana, ressalta outros valores necessários para se entender como as adolescentes se vêem nos seus grupos sociais e o que é necessário para considerar alguém bonito. “Se a gente não se acha bonita quem vai achar a gente bonita. Tem que se arrumar. Sempre andar feliz e alegre” (Entrevistada Gloria – 16 de setembro de 2016).

O que se percebe em dez das onze entrevistadas é a autoimagem de si mesmas que, através das falas delas, se mostra muito positiva. As entrevistadas têm de 16 a 22 anos de idade. Segundo Gomes (2002) a adolescência é um período primordial em relação às descobertas e vivências. Muitas dessas experiências acontecem na escola, pois elas saem de uma zona, muitas vezes, de conforto da família e se vêem em meio a vários colegas totalmente distintos em alguns aspectos e muitos semelhantes em outros.

> Quanto mais aumentam as vivências dacriança negra fora do universo familiar, quanto maisessa criança ou adolescente insere-se em círculos sociaismais amplos, como é o caso da escola, maisse manifesta a tensão vivida pelos negros na relaçãoestabelecida entre

> a esfera privada (vida familiar) eapública (relações sociais mais amplas)(GOMES, 2002, p.45).

Para a autora a esfera privada pode oferecer um local seguro para a criança ou adolescente. No momento que esta vai para a escola, se depara com outros indivíduos e as comparações começam, pois aparecem outros tipos de padrões de beleza, de comportamento, de cultura, talvez nunca visto pela criança ou adolescente. “Eu me acho bonita. Do meu jeito, mas eu me acho. Eu acho que todo mundo é bonito da sua forma. Não tem essa coisa” (Entrevistada Iolanda – 16 de setembro de 2016).

As alunas se mostram muito articuladas ao discutir cor de pele e beleza e se mostram dispostas a explicar todo o processo natural de aceitação enquanto mulher e enquanto negra. Apenas uma adolescente diz não se considerar nem feia nem bonita. “Eu sou morena. Eu não me considero feia, mas também não muito bonita” (Entrevistada Beatriz – 30 de setembro de 2016).

Essa é a resposta da entrevistada Beatriz quando questionada sobre como se autodeclarava e se ela se considerava bonita. Silvério (2012) coloca a importância das diretrizes na construção da identidade negra. A desvalorização da cultura de matriz africana e dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos talvez ajude a entender certos depoimentos, no caso desta pesquisa, a entender os depoimentos dados por uma entrevistada em especial. A entrevistada Beatriz coloca que sofre racismo por parte da família branca, que seria a família do seu pai,pois a familia da mãe é negra.Corrêa (1996) mostra que a mulata acaba por revelar a rejeição que existe contra a negra preta e o quanto a raça é um dos marcadores mais importantes da nossa sociedade e que está presente também nas definições de gênero.

“Essa maneira particular de relacionar-se com o corpo, com a subjetividade e à cultura dá-se em um determinado contexto social, histórico e político. E é esse contexto, juntamente com a experiência individual, que vai compor o complexo terreno da identidade negra” (GOMES, 2002, p. 46). Esta fala da autora pode ajudar a entender esta entrevistada, no momento que a

mesma relata sua vida cotidiana e suas experiências tanto com a família do pai branco, quanto com vizinhos.

O combate ao racismo, a discriminação e o preconceito na escola, com a implementação de ações afirmativas proporcionariam uma reflexão dos alunos, podendo vir a mudar um quadro vivido por eles fora da escola. Não se sabe até que ponto exatamente um individuo é afetado ou influenciado por ter sofrido algum ato de racismo.

Cada racismo tem uma história particular e assume diferentes formas em diferentes situações. “O racismo surge no contexto de um conjunto específico de circunstâncias econômicas, políticas e culturais, se produz e se reproduz através de mecanismos específicos” (BRAH, 2006, p. 344).

Segundo dos Anjos (2008) como os brasileiros vivem sob pressão da diferença multicultural, os mesmos são obrigados a pensarem sobre si e suas relações com os outros em termos raciais e o Estado está se vendo obrigado a perceber grupos socioculturais diferenciados.

Em se tratando de beleza e da beleza da mulher negra, com exceção de uma entrevistada, todas as outras se mostraram muito bem resolvidas e demonstraram como os processos de aceitação aconteceram em suas vidas, de saber se ver sob um ângulo positivo. Todas elas mencionaram que, para a aceitação das suas belezas, o cabelo teve e tem papel imprescindível em suas vidas.

No momento em que o cabelo entrou em pauta houve momentos de silêncio e reflexão. Muitas vezes se percebia uma tensão sobre como explicar essa relação. Em nenhum momento as entrevistadas se compararam a pesquisadora ou se detiveram por causa de diferentes características físicas entre elas. O que se percebia era uma dificuldade com elas mesmas, ou seja, delas mesmas entenderem a relação com seu cabelo e de qual seria a melhor forma de explicar esse fenômeno para uma pessoa que não tinha passado por isso. Elas mostraram-se muito dispostas a contar as histórias de todo o processo que a maioria passou até o momento de hoje, em que a maioria delas tem uma boa relação com seu cabelo, dizendo gostar dele como é.A autoestima vai muito além do cabelo. Existem muitos fatores que fazem com que se tenha alta ou baixa autoestima, mas, mesmo assim, o cabelo mostrou-se, ao longo das entrevistas, de suma importância para a autoestima das

pesquisadas e na construção de suas identidades. Como consequência, o cabelo se tornou também um ponto importante na pesquisa.

Três das onze entrevistadas disseram que ainda hoje tem problemas com o cabelo. Assim a entrevistada três relata: “Tenho problema em ajustar ele porque é difícil cuidar dos cachos”(Entrevistada Catarina – 09 de agosto de 2016). E as entrevistadas cinco e nove relatam da seguinte forma:

> Às vezes eu me acho bonita, não é sempre. Até por causa do meu cabelo. Quando ele está bonito, eu me acho bonita, mas, por exemplo, agora eu não estou me achando bonita (Entrevistada Elaine – 15 de setembro de 2016)

> Não. Na verdade sim, porque eu alisei. Eu gosto dele liso. Eu tinha era mais questão de preguiça de cuidar. Porque eu sempre tive cabelo grande. Os cachos exigem cuidados. Daí eu decidi mudar. Eu me aceitava. Me aceitava. Eu adorava. É só questão de cuidado mesmo. Ai eu mudei e daí gostei dele assim também. Mas a minha irmã tem os cachos maravilhosos. Eu acho que... Às vezes eu olho para o cabelo dela e me arrependo às vezes de ter feito alisamento (Entrevistada Iolanda – 16 de setembro de 2016)

Essas três entrevistadas que disseram ter problemas com o cabelo acabam aparecendo como partes integrantes de um grupo e as oito restantes formando outro grupo. Só que essas três jovens, mesmo dizendo que tem problema com seu cabelo, são problemas bem diferentes, ou seja, difícil de dizer que fariam parte de um mesmo grupo.

Ao ouvir as adolescentes explicando os seus relacionamentos com seus cabelos percebe-se a importância deste tema na construção de suas identidades. O quanto o corpo e o cabelo têm um peso muito grande no que elas esperam de si mesmas e como se comportam diante dos outros. Mesmo as perguntas que não tinham relação com o cabelo, elas acabavam mencionando-o de alguma forma, ou seja, ele se faz presente em todos os momentos da vida delas e sua aceitação acaba por ir ao encontro de uma boa autoestima e de um posicionamento enquanto mulher negra.

Gomes (2002) coloca o quanto é pouco valorizado esse tema na escola e o quanto ele merecia um estudo mais profundo. A relação donegro com o corpo e o cabelo é um dos elementos essenciais ao se tentar entender como se constroem as identidades dos adolescentes negros. Para Gomes (2002)

tanto a escola, quanto a sociedade, através de sua maneira de ver a estética negra,deixa marcas profundasna vida desses indivíduos. “Muitas vezes, só quandose distanciam da escola ou quando se deparamcom outros espaços sociais em que a questão racialé tratada de maneira positiva é que esses sujeitosconseguem falar sobre essas experiências e emitiropiniões sobre temas tão delicados que tocam a suasubjetividade” (GOMES, 2002, p.43).

As adolescentes que fizeram parte da pesquisa mostraram-se abertas em relatar seus sentimentos com relação ao seu corpo e ao seu cabelo. Das três que relataram ter problema com seu cabelo, apenas uma delas tinha o cabelo alisado. As outras duas tinham o cabelo natural. As outras oito disseram não ter problema nenhum, mas relatam que já tiveram em um dado momento da vida. Dessas oito, uma tem o cabelo alisado e loiro.Todas as onze tinham em comum o fato de terem uma história para contar, um processo de relação com o cabelo. Algumas mostraram que já superaram e aprenderam a cuidar do cabelo, mas outras ainda vivem numa batalha de amor e ódio com ele.

A filósofa Djamila Ribeiro (2015) coloca da seguinte forma o que passam muitas mulheres negras no Brasil:

> Antes de falarem algo do tipo, imaginem, só imaginem como deve ser doloroso viver num mundo que te nega. Que estigmatiza sua beleza. Somos motivos de chacota simplesmente por conta de nossos traços, nossas características físicas. O racismo faz com que nos odiemos desde cedo. É necessário desconstruir tudo aquilo que internalizamos e construir outro mundo. Esse processo é doloroso, leva tempo, porque somos bombardeadas o tempo todo com o discurso hegemônico. Alisar o cabelo para muitas de nós não é uma escolha, é uma imposição. Alisamos para sermos aceitas, não sermos zoadas, muitas para arrumar ou se manter no emprego. O racismo cria hierarquia de humanidade e conseqüentemente de beleza (RIBEIRO, 2015, p.1).

Esse racismo e necessidade de alisar o cabelo como forma de aceitação descrito por Ribeiro é mencionado pelas entrevistadas. A entrevistada Laura se expressa da seguinte forma:

> Agora não. Mas eu tinha. Porque meu cabelo é... Meu cabelo não é a trança, ele não é comprido. Daí de um tempo para cá eu comecei a fazer tudo para mudar. Eu até alisei ele porque eu me olhava no espelho e não gostava. Ele era bem curtinho. Daí eu alisei e alisei demais e começou a cair meu cabelo. Ai eu me apavorei. Ai eu comecei a colocar as tranças. Agora faz cinco meses que eu estou de tranças. Adorando! Agora se deus quiser final do mês que vem eu vou trocar elas de novo(Entrevistada Laura – 30 de setembro de 2016).

A entrevistada Laura tem 17 anos. Seguindo sua fala, ela diz que está adorando seu cabelo há cinco meses. Isso mostra um processo longo, pois foram 17 anos em que ela não conseguia encontrar uma forma de gostar do seu cabelo. Todas elas relataram fatos similares em se tratando do cabelo e esse processo muitas vezes vem acompanhado do auxilio da mãe como destaca a entrevistada Janaina:

> Não, mas antes eu tinha. Agora estou pensando em soltar Black.É, mas daí depois com a convivência com a minha mãe. Ela fazia penteados, coisas assim. E daí agora na formatura eu estou pensando em soltar Black. Não sei, porque na formatura é mais algo que tu gostes né. Mas eu não sei ainda, vou ver (Entrevistada Janaina – 30 de setembro de 2016).

Essa entrevistada tem 19 anos e descreve sua relação com a mãe. Muitas delas colocam a participação da mãe como elemento importante na aceitação do cabelo. Muitas mães por já terem passado por esse processo de aceitação e mudanças entendem bem a situação das filhas. Outras auxiliam pelo fato de ver a filha angustiada, pois muitas relataram que o apoio não é só emocional, mas também financeiro, pois algumas jovens disseram que não é barato certos tipos de tranças ou tratamentos de beleza. Por mais que as mães amparem e ajudem as crianças e adolescentes nesses momentos de descoberta e de aceitação do cabelo,

> Em alguns momentos, o cuidado dessas mães não consegue evitar que, mesmo apresentando-se bem penteada e arrumada, a criança negra deixe de ser alvo das piadas e apelidos pejorativos no ambiente escolar. Apelidos que expressam que o tipo decabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade. Esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São,

> talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência (GOMES, 2002, p.45).

Esta autora coloca que a escola acaba sendo o local onde as crianças vão se deparar com esses problemas, que antes poderiam nem ser percebidos por estarem em círculos sociais onde se sentiam protegidas e de certa maneira eram. A instituição escolar acaba dando uma abertura para que situações aconteçam, pois é o começo de uma vida social totalmente diferente e será um local onde estarão com crianças e adolescentes de diversos locais e culturas. Brah (2006) aponta para a necessidade de uma desconstrução de tudo que nos constrói enquanto, “mulher branca” ou “mulher negra”, como “homem branco” ou “homem negro”.

> Tal desconstrução é necessária se quisermos decifrar como e por que os significados dessas palavras mudam de simples descrições a categorias hierarquicamente organizadas em certas circunstâncias econômicas, políticas e culturais(BRAH, 2006, p. 345).

Uma desconstrução viria ao encontro de uma análise mais aberta para uma quebra de hierarquias tanto políticas, econômicas e sociais, quanto de beleza e padrões de comportamento. No caso da entrevistada Janaina, ela conta que sua mãe a via triste e insatisfeita com o cabelo e inventava sempre penteados diferentes com adereços coloridos. Isso foi fazendo com que ela mudasse a maneira de pensar e começasse a também buscar formas de fazer ou deixar seu cabelo de uma forma que ela se sentisse bem e aceita no grupo.

Munanga (2015) enfatiza que os problemas que vivemos aqui no Brasil não estão vinculados à raça, mas sim ao racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente.Esta hierarquia e discriminação foram relatadas pelo fundador do movimento negro em sua entrevista:

> A gente não percebe e não vê nenhum negro lavando a cabeça e fazendo propaganda de xampu. Isso é uma demonstração que nosso cabelo é feio,que não está dentro do padrão. Isso é uma demonstração de racismo, que é um fato que, para quem não sente, é normal. Mas isso é uma forma de demonstrar superioridade, do cabelo loiro, do cabelo liso e dizer que o nosso é feio, que o nosso não é esteticamente perfeito dentro dessa nossa sociedade (Entrevistado - movimento negro – 26 de agosto de 2016).

O fundador do movimento negro santanense mostra uma preocupação com a propaganda que é feita em rede nacional, hierarquizando e discriminando determinado tipo de cabelo. Mas a entrevistada Gloria mostra-se também preocupada, mas com relação ao município. Ela comenta da discriminação de um tipo de cabelo que não seria considerado o ideal. Ela assim responde sobre se existe racismo em Santana do Livramento:

> Sim ainda mais agora que essas gurias estão usando aqueles cabelos assim sabe. E os outros, as pessoas, ai que feia, está horrorosa. Mas é da pessoa. Se ela gosta ninguém tem nada a ver. Dá para ver pelo jeito que a pessoa olha que está feio, ela não esta vendo que está ridículo. É dela, deixa, se ela gosta assim(Entrevistada Gloria – 16 de setembro de 2016)

A entrevistada Gloria ao relatar sua preocupação também acaba revelando que, a partir da sua fala, as mulheres santanenses estariam soltando os cabelos e a preocupação dela é que o racismo existe e vai aumentar agora que as mulheres decidiram usar o cabelo assim. Nesse momento ela faz um gesto com as mãos, erguendo-as acima da cabeça, mostrando como são os cabelos usados hoje em dia, ou seja, ela gesticula como se fossem maiores e mais altos. Isto mostra seu receio, mas acaba mostrando uma mudança de comportamento das mulheres da cidade. Quando questionada do seu próprio cabelo ela responde: “Sim. Gosto. Não tenho problema com meu cabelo” (Entrevistada Gloria – 16 de setembro de 2016).

As respostas e opiniões desta entrevistada mostram que esta jovem é muito articulada e se posiciona claramente e com firmeza com relação aos temas tratados. Ela usa seu cabelo natural, mas se mostra preocupada com as situações de outras mulheres, que, como ela, usam o cabelo dessa forma. Ela se mostra receosa com o que as outras poderão passar por considerar o municípioracista e com muita discriminação.

> Mesmo que reconheçamos que a manipulação docabelo seja uma técnica corporal e um comportamentosocial presente nas mais diversas culturas, para onegro, e mais especificamente para o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Estes embatespodem expressar sentimentos de rejeição, aceitação,ressignificação e, até mesmo, de negação aopertencimento étnico/racial. As múltiplas representaçõesconstruídas sobre o cabelo do negro no contextode uma sociedade racista influenciam o comportamentoindividual (GOMES, 2002, p. 44).

Como a pesquisa em questão trata da construção das identidades de adolescentes negras, e negras brasileiras, o que a autora coloca embasa as falas das entrevistadas. O processo que todas descreveram com relação a seu sentimento pelo cabelo e sua aceitação mostra-se carregado de conflitos. Elas estão em momentos diferentes deste processo, mas todas relataram os conflitos que vivem ou viveram, tanto com elas mesmas, quanto com o grupo social, pois algumas falaram que nunca tiveram nenhum problema de agressões na escola com relação a sua cor de pele, mas com relação ao cabelo sim. Uma perspectiva interseccional faz com que se possa analisar aquele contexto específico e sua complexidade, bem como é uma perspectiva que auxilia a compreensão das relações de poder e o quanto as jovens são influenciadas na realidade por vários elementos, ou seja, compreender o impacto no seu dia a dia de experiências vividas pelo fato de ser mulher, de ser negra, de morar num determinado bairro, de ser jovem e de ser de determinada classe social.

Das onze entrevistadas, quando perguntadas sobre se já tinham sofrido algum tipo de preconceito por alguma de suas características físicas, quatro entrevistadas disseram que nunca sofreram. Uma entrevistada ficou em dúvida e depois disse que achava que sim, mas não sabia ao certo. As outras seis entrevistadas disseram já ter sofrido algum tipo de preconceito com relação a alguma característica física sua. Três delas mencionaram a cor de pele e três mencionaram o cabelo, sendo que uma delas mencionou ter sofrido tanto pela cor da pele tanto com relação ao cabelo.

> Só o cabelo. Não lembro. Eu acho que quando criança porque agora não e não no fundamental não muito, mas criança sim. Foi na escola. Eu acho que foi uma das primeiras séries. Nem me lembro direito assim. Mas porque antes a escola não se importava muito. E quando tu crias mais idade ai é muito pouco. Sim, porque meus pais sempre me protegeram bastante. Até acho que por isso não ocorreu muito. Acho que foi minha irmã que foi na escola, porque minha mãe trabalha e tudo. Sim e ai solucionaram. (me pediram desculpas) Émais ou menos. Foi obrigada né(Entrevistada Janaina – 30 de setembro).

A entrevistada Janaina, mesmo narrando um fato ocorrido quando criança, ainda lembra opedido de desculpas e do fato de terem sido obrigados a se desculpar com ela. Isso pode fazer com que a rejeição de seu próprio tipo

de cabelo aconteça, pois vai tentar mudá-lo como uma forma de melhor aceitação no grupo. Como ressalta Gomes (2002), numa sociedade racista as representações sobre o cabelo acabam por atingir o comportamento individual.

Como relatado pela entrevistada Janaina, muitos adolescentes já estão num processo de aceitação, pois ela mesma diz que quando criança acontece, mas depois que “tu crias mais idade...” querendo dizer que agora ela não passa mais por esse tipo de situação constrangedora porque ela já aprendeu a lidar com isso. Algumas mostram uma relação bem natural com seu cabelo: “Não. Às vezes eu brigo com ele, mas... Acho bonito. Gosto mesmo do meu cabelo” (Entrevistada Ana – 25 de agosto de 2016). “Eu gosto do meu cabelo” (Entrevistada Beatriz – 30 de setembro de 2016). “Não tenho problemas com meu cabelo. Ele é lindo”(Entrevistada Débora – 09 de agosto de 2016).

No começo desta discussão sobre cabelo, as entrevistadas foram separadas em dois grupos. Esses grupos foram feitos de acordo com suas respostas a pergunta sobre o cabelo. Sendo assim, foram feitos um grupo das que disseram ter problema com o cabelo e outro das que disseram não ter essa preocupação.

As três entrevistadas que disseram ter uma relação negativa com o cabelo tinham problemas bem diversos. Uma tinha dificuldade em cuidá-lo, uma só se achava bonita se o cabelo estivesse de acordo com o que ela queria e a última alisou o cabelo dizendo que teria feito por praticidade, mas ela titubeia várias vezes ao tentar explicar e se mostra um pouco arrependida de ter feito. Dessas três a primeira e a última se mostraram articuladas e dispostas na tentativa de resolver um problema, mas em nenhum momento houve colocações de negação ou de não aceitação de si mesmas, pelo contrário, suas falas eram mais voltadas a um comportamento da juventude. Já a segunda mencionada, já sofreu agressões verbais na escola, e talvez isso ajude a analisar um pouco sua fala no momento que diz que, se o seu cabelo está bonito, ela está se sentindo bem e bonita. A sua beleza toda depende do cabelo.

Com essas colocações, mostra-se que as respostas a uma mesma pergunta podem ter perspectivas e visões diferentes.Essas respostas, antes

divididas apenas com relação ao que foi dito para responder a pergunta específica, agora podem ser novamente analisadas depois de compreender melhor suas falas ao longo de toda a entrevista.

Assim, três novos grupos podem ser constituídos. O primeiro grupo consta de oito entrevistadas que colocam não ter nenhum problema com seu cabelo hoje em dia. O importante de ressaltar nesse grupo é que o cabelo de sete das oito jovens é natural.

O segundo grupo consta de duas jovens que dizem não ter problema com seu cabelo. A diferença delas para o primeiro grupo é que as duas têm o cabelo alisado.Uma delas, além do cabelo alisado, tem o cabelo loiro e é a mesma entrevistada que se declara morena. Esse fato a deixa bem distante da outra integrante desse grupo, que mesmo com o cabelo alisado mostra-se ciente e conectada com as questões de ser mulher negra na sociedade santanense. Ela é sambista de uma escola de samba da cidade e é muito articulada, mesmo tendo apenas 17 anos.

O último grupo consta de uma adolescente que diz, ainda hoje, ter problema com o cabelo. Ela diz claramente que seu cabelo atrapalha o se “achar bonita” e que tudo começa por ele. Se o cabelo está feio, ela já se acha totalmente feia.

Todas elas, no processo de construção das suas identidades, tiveram ou têm ainda questões com o cabelo. O cabelo aparece como um elemento de forte influência na construção das identidades. Mas mesmo sendo um processo semelhante de aceitação do cabelo, é um processo totalmente individual.

> Em alguns casos, é o cuidado da mãe e a maneira comoa criança é vista no meio familiar, que lhe possibilitam a construção de uma autorepresentação positiva sobreo ser negro/a e a elaboração de alternativas particularespara lidar com o cabelo crespo(GOMES, 2002, p. 46).

Várias delas relataram que tiveram esse processo realmente auxiliado pela mãe, mostrando o empenho da mesma.

> As meninas negras, durante a infância, sãosubmetidas a verdadeiros rituais de manipulação docabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha oupelo adulto mais próximo. As tranças são as

> primeirastécnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas sãoeleitas pela então criança negra – hoje, uma mulheradulta – como o penteado preferido da infância (GOMES, 2002, p.43).

Os relatos mencionando as tranças mostram que, como enfatiza Gomes (2002), são realmente técnicas utilizadas pelas mães para fazer com que as crianças comecem a gostar de seu cabelo. Mas, ao contrário do que relata Gomes, algumas adolescentes pesquisadas estão muito felizes com as tranças e pensando em inová-las. O fato de algumas alunas usarem tranças foi relevante para a pesquisa, pois segundo Gomes (2002):

> Quando observamos crianças negrastrançadas, notamos duas coisas: a variedade detipos de tranças e o uso de adereços coloridos. Talprática explicita a existência de um estilo negro depentear-se e adornar-se, o qual é muito diferente das crianças brancas.Essas situações ilustram a estreita relação entreo negro, o cabelo e a identidade negra. A identidadenegra compreende um complexo sistema estético (GOMES, 2002, p. 44).

Com isso, pode-se perceber a importância do uso das tranças em uma cidade do interior gaúcho, de fronteira, onde o estilo negro não parecia ser aceito e era pouco visto. O elemento estético na construção das identidades aparece na fala das jovens e as experiências na escola ainda se sobressaem com relação ao local onde estão expostas às criticas. Mas, ao mesmo tempo, estão quebrando barreiras e estereótipos antes vistos de forma homogênea. Cabe a importância em se pensar as categorias como marcadas por práticas culturais e políticas cotidianas que não são fixas, nem já existentes e nem unificadas. “Pensar a experiência e a formação do sujeito como processos é reformular a questão da “agência”” (BRAH, 1996, p. 361).

O “eu” e o “nós” que agem não desaparecem. As nossas “histórias” coletivas da diferença como experiência pessoal escrevendo a biografia individual fazem parte dos nossos agenciamentos. As “diferenças” se articulam constantemente, mas, segundo Brah (2006) não podem ser “lidas” uma a partir da outra. A interseccionalidade dos elementos no momento da análise da entrevistada Fabiana, por exemplo, mostra que a sua história individual fez com que demorasse muito num processo de construção de identidade e que as histórias mesmo parecendo similares são muito diferentes e a forma como elas agenciam seus elementos em determinado momento também depende das histórias vividas por elas.

A entrevistada Fabiana ajuda a exemplificar esse fato. Ela somente agora, aos 22 anos, começou a se achar bonita, trazendo à tona o complexo elemento estético. A jovem relata que passou por um processo longo de aceitação, principalmente do cabelo, e agora que começou a usá-lo solto está se sentindo bonita, mas repete várias vezes como foi difícil “se animar” a usar o cabelo solto. Esta adolescente é a mesma que relatou o caso de racismo aos sete anos. Ela mostra fotos de várias formas de usar turbantes e adereços no cabelo. Ela relata da seguinte forma: “Tem a ver (quando tu aceitaste teu cabelo foi quando tu começaste a te aceitar como mulher bonita?). Hoje não tenho nenhum problema com o cabelo” (Entrevistada Fabiana – 15 de setembro de 2016).

Esta adolescente é a que mais demonstra uma mudança de comportamento em um curto período de tempo e a que parece se sentir mais a vontade em falar sobre isso, se sentindo aliviada e diz estar feliz em relatar fatos da sua vida. Ela comenta que antes achava a mulher branca bonita e ela feia. A partir de trabalhos feitos na escola e do apoio da mãe, ela começou um processo de tentativa de se conhecer e, a partir desse processo, ela criou coragem e soltou o cabelo. Segundo ela, isso aconteceu há um ano e agora tem prazer em postar em redes sociais seu cabelo e as maneiras criativas que ela tem usado para deixá-lo cada vez mais bonito. “Diante disso, podemosinferir que saber lidar, manusear e tratar do cabelocrespo está intimamente associado a estratégias individuaisde construção da identidade negra” (GOMES, 2002, p.46).

Outro tema que foi tratado na pesquisa foi sobre o que elas têm a dizer sobre as mulheres negras e brancas com relação à sua beleza, seus corpos e sensualidade. Elas foram separadas em dois grupos, novamente, como forma de melhor analisar as respostas. Um primeiro grupo que acha que as mulheres negras são mais sensuais que as mulheres brancas e um segundo grupo que acha que não há diferença. O primeiro grupo consta de quatro das onze entrevistadas. Duas delas respondem como a seguir: “Ah em alguns pontos eu acho que sim. Ah eu não sei explicar, mas eu acho as negras mais sensuais”(Entrevistada Elaine – 15 de setembro de 2016).

> Ah eu acho. Elas têm uma coisa a mais. Eu acho que geralmente também o homem gosta mais da morena. Bem de boa. Tem um cara que eu fico, só fico, não namoro com ele, que só gosta de morena não gosta de branca(Entrevistada Beatriz – 30 de setembro de 2016).

Segundo Louro (2000), os processos culturais pelos quais passamos fazem com que possamos definir o que é natural do que não é, produzindo e transformando a natureza, tornando-a histórica. A partir daí, os corpos ganham sentido socialmente. Esta autora fala de sexualidade e dos processos culturais e plurais que os indivíduos passam. Para ela “nada háde exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, oumesmo de natureza” (LOURO, 2000, p.5).

A forma como as adolescentes vêemos corpos das mulheres tem um sentido social e quando a entrevistada Elaine coloca que acredita que as negras são mais bonitas que as brancas, mas não sabe explicar, pode mostrar uma construção histórica que passou a ser natural para ela, ou seja, de simplesmente aceitar que as negras são mais bonitas e sensuais que as brancas.

Já a entrevistada Beatriz traz outros elementos para a discussão. Ela concorda com a outra entrevistada em dizer que as negras são mais bonitas e que tem algo a mais, sente-se valorizada por isso, agenciando essas identificações que são identificações contingentes. Mas ela acrescenta outro fato construído socialmente, o fato de os homens, segundo ela, preferirem as mulheres negras. Esta entrevistada, que se considera “morena”, quando responde a pergunta, explica dizendo que “elas” (as morenas) têm algo a mais, ou seja, ela fala como se não pertencesse àquele grupo.

Na sequência ela olha para a pesquisadora, que é branca, e diz “bem de boa” no sentido de que ela não está com isso querendo agredir ou ofender a pesquisadora, está querendo somente dar sua opinião. Mas, no final de sua colocação ela comenta estar saindo com um rapaz que gosta de morenas e não de brancas, onde ela viria a fazer parte do grupo que ela denominou “morenas”. E ao comentar esse fato ela ri e diz ter sorte, porque assim ele fica com ela, ou seja, assumindo ser morena. A “mulata” é um simbolo nacional construido socialmente de uma mulher desejável e de um objeto de pura sensação corporal (CORREA, 1996). Vários discursos, para Correa, ajudaram

a transformar a mulata em uma figura mitica, sendo a mulata puro corpo ou sexo.

“A civilização branca e a cultura européia impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2008, p. 30).Essa colocação de Fanon ajuda a compreender certas colocações da entrevistada Beatriz que parece buscar uma aceitação de sua família branca. Mas, se mostra feliz por ser negra, pois somente assim o adolescente começou a sair com ela, pois se fosse branca não teria chance com ele.

É no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, todas elas, as identidades sexuais e de gênero, bem como identidades de raça, denacionalidade, de classe, etc. (LOURO 2000).

A grande maioria, ou seja, sete das onze entrevistadas acreditam que não há diferença entre mulheres negras e brancas em se tratando de beleza, corpo ou sensualidade. Como respondem duas das jovens entrevistadas: “Acho que todas as mulheres dependendo de raça e cor são belas e cada uma tem a sua sensualidade”(Entrevistada Débora – 09 de agosto de 2016).

> Não. Eu acho que as duas têm, mas cada uma tem a sua qualidade. Não é porque eu sou negra e tu és branca que a gente, como vou dizer, cada uma usa a arma que tem, né (Entrevistada Fabiana – 15 de setembro de 2016)

Estes dois relatos são de duas jovens que se mostram articuladas e bem resolvidas,demonstrando uma vontade de participar em discussões. Elas lançavam perguntas que não eram para a pesquisadora diretamente, mas como forma de questionamento dos temas e de ampliação de um debate.

A entrevistada Fabiana passou por um processo de aceitação muito longo e hoje em dia se diz feliz consigo mesma, mas decidida a mudar certas construções históricas e culturais. Ela faz colocações sobre o estudo na escola, por exemplo, de como certas formas de tratar o outro ainda não mudaram e como ainda hoje existe diferença de tratamento entre as pessoas por causa da cor. Ela mostra-se forte, mas ao mesmo tempo, com medo e frágil em certos aspectos. As vivências farão com que ela se posicione, num sentido de confronto ou mesmo de aceitação da situação dada e aceita social e culturalmente.

“Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente auma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (LOURO, 2000, p. 6). O agrupamento social é um elemento marcante no processo identitário. Como eu me vejo e vejo o outro faz parte de um processo de pertencimento.

Muito do que as jovens desse grupo disseram, tem uma relação direta com aaceitação de seus próprios corpos e o comparativo entre as negras e as brancas aparecem de forma natural, no sentido de relatar diferenças sem inferioridade e superioridade, simplesmente diferenças. Para Fanon (1952) a preta que se sente inferior aspira a ser admitida no mundo branco. Isso poderia ser encontrado na fala da entrevistada Beatriz, mas não aparece em nenhum outro discurso, como exemplificado nas seguintes falas:

> Não sei. Acho que cada um tem o seu jeito de ser. Mas acredito que todo mundo seja igual. Não importa a cor. Claro que tem umas mais sensuais e outras menos. Umas mais tímidas, mas acho que todo mundo é igual(Entrevistada Laura – 30 de setembro de 2016).
>
> Eu acho que depende da mulher. Nada a ver com negra ou branca quando se trata de beleza (Entrevistada Ana – 25 de agosto de 2016).

Esta pesquisa busca compreender as construções das identidades das adolescentes negras levando em consideração vários elementos de uma forma interseccional. Onde elas moram, a relação com a mãe ou avó, o fato de ser mulher, o fato de ser negra, o fato de pertencer a determinado grupo social ou classe social. Tudo isso deve ser visto de forma onde um interfere, influencia e participa no outro. Não se pode analisar um fato isolado sem analisar os outros ao redor.Duas entrevistadas do primeiro grupo colocam o seguinte: “Eu acho que todo mundo é igual” (Entrevistada Gloria – 16 de setembro de 2016). “Não. Eu acho que toda mulher é sensual da sua maneira. Independente de cor. Não tem essa”(Entrevistada Iolanda – 16 de setembro de 2016).

As duas entrevistadas nunca passaram por situações de constrangimento ou preconceito por alguma característica física. Já no segundo grupo, teremos duas jovens se expressando assim: “Eu acho que são sim bem mais sensuais claro não diminui as brancas, eu me acho

linda”(Entrevistada Catarina – 09 de agosto de 2016). “Acho bem mais bonitas as negras”(Entrevistada Heloísa – 16 de setembro de 2016).

Essa discussão sobre beleza, corpo, cabelo e autoestima mostrou-se parte extremamente relevante na busca de uma compreensão de como as adolescentes negras de Santana estão construindo suas identidades. A entrevistada Janaina expõe suas ideias de forma simples e completa: “Por um lado sim, por outro não. Depende. Tem umas que sim, têm outras que não. A gente vê mulheres negras lindas maravilhosas e brancas também. Cada mulher é uma mulher”(Entrevistada Janaina – 30 de setembro de 2016).

Nós construímos nossos corpos de acordo com imposições culturais, segundo Louro (2000). Nossos corpos são a referência que ancora nossa identidade e o adequamos ao grupo que pertencemos, seguindo critérios estéticos, higiênicos e morais. A autora coloca que este processo não é um processo onde os sujeitos participam como meros receptores. Pelo contrario, “são participantes ativos na construção de suas identidades” (LOURO, 2000, p.17).

Analisando as entrevistas destas adolescentes pode-se perceber o quanto ainda é confuso e difícil a definição de cor/raça no Brasil. A implementação da lei, segundo os relatos dos professores, pode auxiliar nessa confusão de definições, bem como de outros temas ligados a negritude. Mas foi também relatado pelos professores a necessidade de uma maior atenção por parte dos responsáveis educacionais para um trabalho mais consistente.

A beleza que poderia ter sido um ponto superficial na pesquisa acabou se transformando em um ponto relevante na compreensão das construções das identidades das jovens, principalmente em se tratando do cabelo.

Mesmo a escola não sendo foco central da pesquisa, pode-se perceber o quanto esse espaço escolar é um cenário para várias batalhas na vida das agentes pesquisadas. A escola, mesmo sendo um espaço de preconceito, é também um espaço propicio para discussões e reflexões.

Segundo as falas das adolescentes o racismo ainda é muito presente na sociedade santanense e, em consequência, em suas vidas e o preconceito de

cor ainda se mostra em algumas situações relatadas. Para Fanon (2008), o preconceito de cor nada mais é do que:

> A raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta suas aquisições educativas e sociais (FANON, 2008, p. 110)

Para este autor, para que haja uma real e autêntica comunicação, tanto os pretos quanto os brancos devem se afastar de vozes desumanas de seus ancestrais.Pode-se adicionar a fala de Fanon o fato de, além de se afastar de uma herança negativa, as pessoas deveriam se posicionar com relação ao que sentem e pensam.

Todos estes fatores se fazem presentes, entrelaçam-se e influenciam na construção da identidade dos sujeitos da pesquisa. A questão de gênero é levantada por Guimarães (2012) no momento em que coloca que as dificuldades de falta de oportunidades, discriminação e pobreza acabam sendo mais pesadas e mais difíceis para as mulheres. Há uma mudança com relação a uma maior igualdade entre os sexos no Brasil. Mas, infelizmente, as estatísticas mostram que ainda as mulheres negras estão fora desta evolução. “Ou seja, a emancipação das mulheres parece ter ficado restrita às classes médias e altas, não atingindo as mulheres pobres, geralmente negras” (GUIMARÃES, 2012, p.76).

Nas entrevistas realizadas, a atitude e a autoestima puderam ser percebidas muito com relação ao cabelo e o quanto ele representa em suas tomadas de posições na sociedade. Adichie (2013), que trata de temas como feminismo, beleza negra, dentre outros, mais relacionados àNigéria e a África, relata que o que a deixa mais feliz atualmente é ver a geração de jovens africanas. Para esta autora, existem tantas jovens lindas com cabelo natural que a deixa muito feliz, e isso importa porque há uma nova confiança. Mesmo que esta constatação tenha sido feita em outro país e em outra região, uma confiança parecida foi percebida nas adolescentes entrevistadas em Santana do Livramento. Muitas delas trouxeram esta confiança de suas famílias, de

suas religiões e da escola. Esta, mesmo fazendo ainda muito pouco perto do que deveria ser feito, segundo as professoras entrevistadas, mostrou que influencia, através de suas atividades, na construção das identidades das adolescentes em questão.

A categoria “beleza, autoestima e gênero”, que foi feita para uma melhor análise e organização das ideias, traz a beleza como uma construção social. A beleza construída em relação a padrões aceitos e reforçados dentro da sociedade brasileira, onde as mulheres que não estão nesses padrões, estipulados, por esta sociedade, acabam por não se considerarem parte do grupo ou mesmo de não se acharem belas.Como consequência disso, as mulheres em geralacabam por buscar esse padrão. Essa busca em se enquadrar num padrão de beleza estabelecido acaba por afetar as mulheres negras, pois há uma desvalorização de sua estética em busca de uma aceitação na sociedade. O que pode ser percebido nessa pesquisa é uma relação com sua beleza, mostrando mudanças e reconhecendo-se como negras, vendo seu cabelo e características fisicas como forma de força política. As entrevistadas destacam o cabelo como uma das formas mais fortes de aceitação de sua beleza negra, sendo mencionada o quanto esta é desvalorizada socialmente e principalmente na fronteira. As jovens parecem estar refletindo sobre sua beleza e como é importante falar sobre a beleza da mulher negra num cenário onde não apareciam, segundo algumas das entrevistadas. Elas relatam que vivem em uma cidade racista, onde a estética negra e a aceitação de sua beleza influencia nas construções de suas identidades e carregam em suas falas a felicidade de serem representantes de mulheres que valorizam sua beleza. Destacam, também, a forma com que o cabelo é tratado pelas pessoas, fazendo com que ocabelo tenha um significado de símbolo, de luta e de resgate da beleza. Essas jovens em suas falas acabam por se posicionar também politicamente, pois estão construindo modelos a serem seguidos por outras adolescentes na cidade. Uma delas ressalta a dificuldade no mercado de trabalho e da frase “boa aparência” que ainda sente contando fatos ocorridos com membros de sua família, relatando casos acontecidos com a avó e a tia. Muitas entrevistadas, como mostrado nesta pesquisa, usam a sua autoaceitação e a sua estética para uma

mobilização contra o racismo e contra os estereótipos produzidos pela sociedade ao longo de muitos anos no país.

Não se quer aqui falar de padrão de beleza, mas sim abrir a discussão sobre como as adolescentes de Santana do Livramento se enxergam, sendo mulheres negras, e como lidam com essa beleza construída socialmente no Brasil, onde elas são deixadas de lado. Como essas jovens trabalham com esses conceitos e sentimentos muitas vezes arraigados nelas pela própria pressão social, onde o racismo e o sexismo desempenham um papel de mantenedores do padrão socialmente aceito.

Para Gonzales (1984), a interpretação tanto do sexismo como do racismo está vinculado ao local onde as mulheres negras se situam, ou melhor, ao local onde “são colocadas e mantidas”. A mesma autora coloca que a articulação com o sexismo pode produzir efeitos violentos nas mulheres negras. Com isso, traz uma forte necessidade de refletir sobre si mesmas e de sair dessa reprodução e repetição de modelos pré-estabelecidos.

Gonzales traz dois termos para a reflexão, que são: a consciência e a memória. A consciência seria onde o discurso ideológico aparece e a memória onde está a história não escrita. A consciência aparece como local onde se expressa o discurso dominante e seus efeitos numa dada cultura, nesse caso a cultura brasileira. A consciência tende a excluir a memória, a excluir o que a memória inclui. A consciência acaba por ocultar a memória, impondo o que a consciência traz como verdade. Gonzales chama esse jogo entre consciência e memória de um jogo dialético e que os negros devem perceber o quanto a consciência trabalha para que a sua história seja esquecida.

> A beleza negra está incluída nessa memória e quanto mais à consciência tenta mostrar outra verdade, mais difícil fica para os negros conseguirem se afirmar e se reconhecer como belos.É por isso que dizem que a gente tem beiços em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar a gente dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme

> prá clarear, esticando os cabelos, virando *leidi* e ficando com vergonha de ser preta (GONZALES, 1984, p.234)

O conceito de beleza que chega até as jovens do interior do Rio grande do Sul ainda pode ser o mencionado por Gonzales em 1984. Sendo assim, elas ainda podem mostrar um comportamento de dúvida entre aceitar-se enquanto negra e ver-se bela em oposição ao que é vendido como beleza no Brasil. Com isso, a mesma autora esclarece que esses fatos ajudam a entender "a ideologia do branqueamento e a lógica da dominação que visa à dominação da negrada mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais" (GONZALES, 1984, p. 237)

Muitas das jovens entrevistadas podem ter passado pelo processo de internalização de certos valores e padrões, mas muitas mostram a vontade da quebra de conceitos e padrões essencializados na sociedade brasileira do que é ser uma mulher bonita. Vendo a beleza como uma construção social, essas jovens mostram o quanto estão reelaborando e ressignificando conceitos.

Cada cultura mostrará e se preocupará com determinadas características que farão com que as jovens daquela comunidade se achem bonitas e pertencentes àquele grupo. Para Gilroy (2001) graças a uma movimentação e cruzamentos tanto de culturas por terra, no qual se diz que as culturas nacionais têm suas raízes, quanto pelo mar, o vendo como aquele que cruza o oceano e leva com ele culturas e faz surgir outras, que as culturas serão mais fluidas e menos fixas.

O livro "Atlântico Negro", de Paul Gilroy, traz essa ideia de experiências de cruzamento. Mesmo as culturas antigas podendo resistir, acontece um processo de "reconceitualização da cultura a partir do sentimento de sua desterritorialização" (GILROY, 2001, p.21). Segundo Gilroy (2001) a raça começa a deixar de ser vista e entra em cena outras formas geopolíticas e geoculturais, pois, para este autor, estas formas são, sim, o resultado da "interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem (GILROY, 2001, p.24). As interações fazem com que nossas identidades estejam todo o tempo sendo refeitas, em constante mutação.

As jovens, muitas vezes, mostram como as construções de suas identidades estão sendo feitas a cada experiência nova e em cada debate realizado, mostrando que são e serão identidades inacabadas.

Considerações

Esta pesquisa objetivou compreender como as adolescentes negras estão construindo suas identidades na periferia e no centro de Santana do Livramento e como elas se posicionam com relação ao racismo. Foram feitas entrevistas com onze alunas de duas escolas públicas do município supracitado como tentativa de entender este fenômeno social. Também foram entrevistados professores, diretores e fundadores de movimentos negros do município como forma de analisar outras perspectivas e como forma de complementar, com outros pontos de vista, os temas tratados.

Várias perguntas foram feitas como o intuito de tentar se aproximar de um entendimento sobre o tema e que influências as adolescentes sofreram e sofrem para a construção de suas identidades, como por exemplo, com relação à implementação da lei 10.639/03. Outros temas também foram questionados para saber sua participação na construção das identidades. Temas como escola, religião, beleza, autoestima e racismo.

A lei 10.639 de 2003 fez parte da pesquisa buscando saber até que ponto ela estava sendo um elemento importante nas construções das identidades das jovens entrevistadas. Todas elas disseram desconhecer a lei, mas todas disseram que participam de atividades na escola relacionadas com a história da África, cultura afro-brasileira, racismo, preconceito e desigualdade. Elas mencionam a participação de professores, alunos e diretores nas atividades, mostrando um grande comprometimento da instituição para que aconteça a implementação da lei, não havendo nesse caso, diferença entre os bairros.

Ambas as escolas dos dois bairros trabalham com a implementação da lei. As atividades são anuais, somente no mês de novembro. Mesmo precária e não sendo da maneira com que devia estar acontecendo, enquanto proposta na lei, a implementação da mesma através de trabalhos e atividades em novembro, está surtindo efeito nas construções das identidades das jovens pesquisadas. Elas relatam que meses antes já estão ansiosas em começar a pensar nas atividades que serão feitas, principalmente para a semana da consciência negra e o quanto essas participações fizeram com que tivessem

mais orgulho em ser negra. A partir das atividades houve uma mudança de comportamento e de ver a realidade em que se encontram.

Nove adolescentes relataram que, mesmo somente uma vez ao ano, os trabalhos fizeram com que refletissem e muitas mostraram indignação e vontade de mudar esse quadro hierárquico. As reflexões surgidas através das atividades relatadas pelas alunas mostram que a lei implementada na escola, como pede sua função de ação afirmativa, fez com que as alunas refletissem sobre a sua autoestima e começassem a repensar comportamentos e atitudes antes deixados de lado.

Isso mostra um papel fundamental da escola, através dessas atividades, nas construções das identidades das adolescentes negras entrevistadas nessa pesquisa. Das onze entrevistadas duas acharam que não fez nenhuma diferença de acordo com seus julgamentos e suas maneiras de pensar, pois já tinham um posicionamento com relação ao tema, dizendo que dentro da Umbanda já tem uma visão critica dos temas tratados. Uma entrevistada acha importante para a comunidade em geral, mas não para ela, pois não se identifica como negra. E as outras oito entrevistadas, além de acharem importante, relatam que fez diferença, pois mudou sua maneira de se comportar, agir, usar o cabelo e de se enxergar enquanto mulher negra.

Dessas oito entrevistadas, quatro delas percebem o racismo e o aceitam. Com isso, acabam por naturalizar situações vividas. Já as outras quatro entrevistadas desse grupo de oito conseguem enxergar o racismo e reagir. Elas se mostram indignadas e querem partir para uma mudança que surge de reflexões feitas na escola. Ou seja, quatro adolescentes não querem mais essa naturalização e aceitação, mas sim uma reação contra essa atitude enraizada na sociedade.

Outro fato relevante que aparece recorrente nas falas das jovens é com relação aos seus bairros de origem. Todas foram unânimes em dizer que há racismo no município e que há diferença entre os bairros com relação à forma com que ele aparece. Mesmo sendo duas escolas, uma do bairro Centro e outro do bairro Carolina, as onze jovens acabaram por ser de bairros totalmente diferentes. Essa diversidade de bairros acaba por enriquecer o

trabalho, pois enfatizam o elo forte com seus lugares de origem e o orgulho de ser de lá, relatando que é onde se sentem seguras e onde não percebem o racismo. Nota-se a importância do seu lugar de origem na construção das suas identidades.

Em se tratando de participação na construção das identidades das adolescentes, os movimentos negros do município não se mostraram presentes nas falas das jovens. Na verdade apenas uma, além de conhecer o trabalho do movimento negro, faz parte do grupo de dança afro do movimento negro das mulheres santanenses. Das outras dez entrevistadas, sete nunca ouviram falar de movimentos negros e três já ouviram falar, mas não sabem do que se trata. Mesmo os movimentos negros se mostrando muito atuantes no município em outros aspectos, nesse tema em especifico não houve participação significativa.

Outros elementos que influenciaram nas construções das identidades dessas adolescentes foram relacionados às participações em atividades vinculadas a cultura afro-brasileira. Das onze entrevistadas sete participam de escolas de samba, duas jovens participam de grupos de danças afro-brasileiras e uma delas já fez capoeira.

Alguns elementos se interseccionam no momento da fala das entrevistadas. Como já foi mencionado anteriormente, a escola e a implementação da lei aparecem como uma participação bastante ativa no processo de construção, bem como seu sentimento de pertencimento a determinado bairro. O vinculo com atividades relacionadas à cultura afro-brasileira também aparece fortemente, principalmente a religião de matriz africana, a Umbanda. Das quatro alunas umbandistas, três delas participam de escolas de samba e de grupos de dança afro. Já as únicas duas evangélicas do grupo de pesquisadas não estão ligadas e nem participam de nenhuma atividade vinculada à cultura afro-brasileira.

No tocante a religião e sua possível influência nas construções das identidades das alunas, as trajetórias das adolescentes vinculadas com a Umbanda se mostra bem diferente das adolescentes evangélicas e daquelas que disseram não ter nenhuma religião definida. As umbandistas disseram

tratar de questões raciais de uma forma natural, mas reflexiva dentro dos terreiros e principalmente com suas mães. A relação inter geracional e a religião se mostram de extrema influência nas alunas umbandistas.

Um fato a ser salientado que talvez possa explicar a intersecção entre a religião umbanda e um maior debate de temas raciais é que, além da umbanda ser uma religião de raiz africana, as alunas entrevistadas são trabalhadoras dos terreiros. Isso quer dizer que tem responsabilidades e assiduidade nesses ambientes e estão vinculadas a eles. Isso já não foi relatado pelas evangélicas que disseram ir ao culto quando possível e uma delas ainda disse que para ela tanto fazia, que hoje ela era do “Deus é amor”, mas que para ela “dava no mesmo”. Só duas das quatro alunas umbandistas verbalizaram que a Umbanda influenciou na construção de suas identidades enquanto mulheres negras e que dentro da Umbanda elas trabalharam questões raciais e outros temas como o racismo.

Quando questionadas sobre a existência ou não de racismo no município de Santana do Livramento, todas as onze jovens acreditam que sim. Sete delas relataram que alguém da família já sofreu racismo e quatro delas disseram terem sofrido na própria pele. A diferença que apareceu com relação ao racismo foi, na verdade, ligado a forma que elas reagiam a ele. Simplesmente aceitando e tomando-o como conduta naturalizada na sociedade, ou reconhecendo a existência do racismo e buscando práticas para combater estas atitudes tidas como naturais.

Das onze entrevistadas, tendo como base as entrevistas e seus discursos, pode-se separar em dois grupos. Um grupo de sete jovens que reconhece a existência do racismo, mas o vê como algo dado e naturalizado, ou seja, não sentem a necessidade de mudar nada. Já outro grupo de quatro jovens que além de perceber a existência do racismo estão se posicionando, se articulando para que mudanças aconteçam em todos os setores de suas vidas.

A partir dos discursos das entrevistadas pode-se compreender que algumas estão focadas em mudança de comportamentos e usam de expressões como a entrevistada Janaina que disse: “não deixei passar”

determinada situação. Com isso mostra que a situação aconteceu e ela reagiu a isso. Várias questões, situações constrangedoras, tristes e de sofrimentos descritas no decorrer das entrevistas foram de extrema importância, segundo constatado por elas, na vontade de que uma mudança aconteça e na sua autoafirmação enquanto mulher negra. O posicionamento crítico e atuante veio de situações de racismo vividas por elas ou por familiares e elas mesmas percebem que essas situações ajudaram a construir suas identidades.

O conflito aparece como parte da construção das identidades e muitas perceberam as nuances e aqueles atos politicamente corretos, mas que na verdade escondem pensamentos e condutas racistas.

A reprodução de um esquema já montado é recorrente nos discursos, bem como as diferenças como padronizadas. As diferenças, que são construções sociais, são levantadas em vários relatos principalmente com padrões de beleza, onde elas salientam o fato de estar fora do padrão. Os padrões são fortes e, sendo assim, elas sofrem devido a necessidade de tomadas de decisões como aceitar o cabelo natural, tido como fora do padrão ou alisá-lo, e tentar estar dentro do padrão desejado pela sociedade, por exemplo. Esses padrões podem, muitas vezes, impossibilitar as jovens de uma tentativa de mudança e ascensão social.

O preconceito com sua cor e cabelo faz com que algumas tentem se “embranquecer” enquanto que outras aparecem utilizando o cabelo como forma de luta e de batalha para novos tipos de padrões de forma geral. Esses conflitos mostram a importância do cabelo do negro, carregado de significados, e que expressa o conflito racial no país. As adolescentes, mesmo aquelas que se mostram dispostas a reação, tem receios e medos com relação ao que está por vir. Elas se mostram decididas a seguir lutando, mas comentam o receio de não serem aceitas, de serem agredidas, etc.

Outro ponto que foi relevante na construção das identidades de algumas entrevistadas foi com relação ao racismo dentro das próprias famílias. Algumas delas vêm de famílias interraciais e, com isso, pode-se entender o que elas descrevem, pois vivem situações dentro de suas próprias casas. Os relatos mostram trajetórias do poder do branco historicamente marcado no Brasil. As

práticas culturalmente aceitas são relatadas pelas adolescentes e, segundo elas, o que acontecia em suas famílias fez com que elas refletissem sobre o porquê de determinadas atitudes.

A autoafirmação aconteceu para elas, pois houve uma necessidade de se posicionar, ou abafando o que viam, ou lutando para acabar com atitudes racistas dentro de seus lares. Este posicionamento acabou por forçar um tomada de atitude no momento em que elas dizem não mais aceitar abafar situações, inibir reações ou induzir a si mesma e aos outros uma aproximação, às vezes forçada, de um padrão hegemônico. Não querem mais se apresentar "o mais branca possível". Algumas declaram que o cabelo é um símbolo de mudança, pois o mesmo sempre foi visto como uma forte marca de inferioridade. Hoje, elas usam seus cabelos como símbolo de uma nova visão positiva e de conscientização e de reflexão sobre "o ser negra". Muitas destas reflexões foram trabalhadas na escola. Descrevem a participação da escola e de suas mães ao se falar em cabelo e autoestima. Mas outras ainda, mesmo sentindo um incômodo, não pensam em mudanças.

Mas o que se pode compreender é que as vivências foram usadas de forma interessante indo ao encontro das discussões feitas na escola, onde elas relatam a importância dos debates em aula para um melhor entendimento do racismo e refletiram sobre seu papel e sua posição de aceitação ou não dessas práticas naturalizadas na sociedade.

A cor da pele, o corpo e o cabelo das jovens são elementos que fazem parte nas suas construções de suas identidades. A cor da pele é um elemento interessante nessa pesquisa, pois a percepção do que se é depende realmente de quem vê. Quer se dizer com isso que, as vezes, uma aluna se autodeclara de uma raça/cor/etnia e seus pais ou responsáveis a declararam de outra no momento de sua matricula na escola. Esse fato é ressaltado porque somente seis das onze meninas se declararam exatamente igual ao que seus pais também declararam na escola. A cor da pele variou dependendo de quem a declarava e os pais de algumas adolescentes declararam que elas eram mais brancas do que elas mesmas se autodeclararam, mostrando assim talvez ainda

uma tentativa de branqueamento ou de maior aceitação das filhas na sociedade.

Quando se trata de beleza, dez das onze jovens disseram que se acham bonitas, mostrando uma boa relação com seu corpo e cor de pele. Já no momento de falar sobre o cabelo, percebeu-se o quanto o cabelo tem uma importância fundamental na construção das identidades. Todas tiveram ou tem problemas com relação ao cabelo. Uma entrevistada disse que se sente bonita dependendo de como está seu cabelo. Oito das onze disseram que hoje já mantém uma relação boa com o cabelo e três disseram ainda estar tentando uma melhora com o intuito de se sentir bem com o mesmo. Um dado importante é que das onze entrevistadas nove delas tem seu cabelo natural. Isso mostra uma maior aceitação e uma busca de desconstrução de hierarquias já existentes.

Os conflitos e atitudes constrangedoras que elas passaram foram com relação à cor de pele e com o cabelo. Muitos conflitos ajudaram nessa vontade de mudar. Algumas citaram a expressão “soltar os cabelos” que, segundo elas, as mulheres negras do município estão soltando mais seus cabelos como uma forma de maior autoestima, um maior desejo de aceitação e de mostrar a beleza da mulher negra. Pode-se incluir aqui também o uso das tranças que foi muito mencionado nos discursos das jovens, bem como a participação ativa das mães nos processos de aceitação e mudança do cabelo.

Ao se comparar as mulheres negras com as mulheres brancas apenas quatro das onze jovens disseram que as negras são mais sensuais. As quatro jovens não souberam explicar o porquê da possível diferença. Pode-se assumir, com isso, que elas ainda estejam carregadas de pré-julgamentos e preconceitos de que a mulher negra é sensual, sedutora, etc.

Em suma, vários elementos mostraram-se fortemente presentes na construção das identidades das jovens entrevistadas, muitos deles indo ao encontro das hipóteses levantadas. Elementos como a relação com a mãe, o local de origem ou bairro, a importância do cabelo, o vínculo com a escola, e atividades que acontecem nela no processo identitário, foram tomando uma dimensão não esperada.

A lei se mostrou muito mais presente do que era esperado seguindo as hipóteses. Mesmo sendo ainda precária sua implementação, ela mostrou-se fundamental em vários discursos das jovens com relação à construção de suas identidades, bem como com relação ao racismo e ao como lidar com ele. Os campos de conflito acabam por fazer parte de suas identidades e a partir deles elas vêm construindo suas identidades. Essa luta contra o racismo e situações constrangedoras por que passam fazem parte do ser negro no Rio grande do Sul.

O processo de afirmação, negação, renegação são processos que constituem a construção das identidades. O ser negro no Rio Grande do Sul dialoga todo o tempo com o racismo. Elas reconhecem o racismo e mostram a importância da escola nesse diálogo, mesmo, em muitos casos, parecendo que reconhecem, mas não é combatido. O racismo tem efeito sobre essas jovens e muitas reações diversas podem vir desse confronto. O que parece que, em alguns casos, pela autoestima e confiança adquirida pelo apoio e participação dos elementos já citados, elas estão conseguindo, mesmo dentro do contexto de uma cidade de interior, que transformações aconteçam. Isto se deve muito às ações afirmativas, como a lei 10.639/03, que tem mudado suas histórias.

No caso da influência do movimento negro, esta não foi percebida na maioria das falas. Na verdade, o que foi relatado é que o mesmo vem fazendo um trabalho de maior autoestima da população e tentativa de dar oportunidades aos menos favorecidos em determinadas situações. Mas, no que diz respeito à influência na construção das identidades das jovens, isso não aparece nos discursos.

A construção do que é ser negro no Brasil ainda é muito forte na fala das adolescentes, onde muitas vezes elas não conseguem nem explicar porque defendem determinado comportamento. Mesmo assim, as alunas, depois da implementação da lei no seu espaço escolar, se percebem mais seguras e articuladas. Seus processos identitários, influenciados pelas atividades promovidas para aumentar a autoestima, fazem com que essas adolescentes negras terminem o ensino médio com perspectivas de mudanças e mobilidade social.

Referências

ADICHIE, Chimamanda N. **Africa needsfeminism**. Disponível em: belindaotas.com/ wp-content/uploads/NAW18_Ngozi-Adichie.pdf. Acesso em: 26/12/2016

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Disponível em: http://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf Acesso em: 10/01/2017.

ALBORNOZ, Vera do P. L. **Armour, uma aposta no pampa**. Sant´Ana do Livramento, Editora Palloti, 2000.

ANJOS, José C. dos. "A categoria raça nas Ciências Sociais e nas políticas públicas no Brasil". In: Santos, José dos; CAMISOLÃO, Rita de Cássia e LOPES, Vera Neusa (Org.). **Tramando falas e olhares, compartilhando saberes:** contribuição para uma educação anti-racista no cotidiano escolar. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 26. p. 329-376, 2006.

BRASIL Lei n º 10639/03, de 09 de janeiro de 2003. Legislação Federal. Sítio eletrônico internet – planalto. gov.br Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm> Acesso em : 10/02/2016

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Aspectos demográficos. Tabela 1.3 - Distribuição percentual da população residente, por cor. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2015/default_tab_xls.shtm>. Acesso em: 02/5/2016

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Educação e condição de vida. Media de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade por sexo e cor 1999.Disponívelem:www.ibge.gov.br/ home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/tabela3.shtm#a35. Acesso em: 12/03/2016

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico. Tabela 136. População residente por cor ou raça. Disponível em: www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela. Acesso em: 12/03/2016

CORRÊA, Mariza. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil**: um exemplo pessoal. Campinas: Cadernos PAGU, 2001.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Campinas: Cadernos PAGU, 1996.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos**. Teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DORFMAN, Adriana. **Nacionalidade doble-chapa**: novas identidades na fronteira BrasilUruguai. In: Álvaro Luiz Heidrich; BenhurPinós da Costa; Claudia Zeferino Pires; Vanda Ueda. (Org.). A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 241-270.

FANON, Frantz.**Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo F. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOMES, Nilma L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma L. e MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, NilmaL. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03. Acesso em: 26/12/2016

GOMES, Nilma L. **Cultura negra e educação**. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05. Acesso em: 26/12/2016

GOMES, Nilma L. **Movimento negro e educação**: ressignificando e politizando raça. Campinas: *Educ. Soc*, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012

GONZÁLES, Lelia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GROSFOGUEL, Ramón.**El concepto de «racismo» en Michel Foucault y Frantz Fanon:** ¿teorizar desde la zona del ser o desdela zona delno-ser? Bogotá: *Tabula Rasa. No.16: 79-102, enero-junio 2012*

GUIMARÂES, Antônio. S. A.**Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUIMARÂES, Antônio S. A.**Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**. Disponível em: www.ufrgs.br/.../Word/texto_stuart_centralidadecultura.doc. Acesso em: 24/12/2016.

HOFBAUER, Andreas**. Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: UNESP, 2007.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

LEITE, Márcia P., **Preconceito racial e racismo institucional no Brasil:** algumas reflexões. Disponível em: http://www.circulopalmarino.org.br/2012/05. Acesso em: 08/05/2016

LOURO, Guacira L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf. Acesso em: 11/02/2017

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de janeiro: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira L. “Nas redes do conceito de gênero”. In: LOPES, M. J. D.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R, (orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

MATTOS, Jane R. de "**Basília, Felicidade e Belisaria**": Fragmentos da escravidão em Santana do Livramento/RS
disponível em: http://www.webartigos.com/artigos/basilia-felicidade-e-belisaria-fragmentos-da-escravidao-em-santana-do-livramento-rs/40937. Acesso em: 10/04/2016

MEIHY, José C. S. B. **Os novos rumos da história oral**: o caso brasileiro. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041/21104. Acesso em: 10/01/2017

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo**: umaanálise comparativa sobre relacionamentos afetivos-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de dizer quem é negro no Brasil**. Disponível em: http://umnegro.blogspot.com.br/2008/05/kabengele-munanga-difcil-tarefa-de.html. Acesso em: 03/01/2017.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rieb/n62/2316-901X-rieb-62-00020.pdf. Acesso em: 04/01/2016

ORO, Ari P. **As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Debates do ner, ANO 9, N. 13 P. 9-23, JAN./JUN. 2008

PAIXÃO, Marcelo. **500 anos de solidão**: Ensaios sobre a desigualdade racial no Brasil. Curitiba: Appris, 2013.

QUIJANO, Anibal. ¡**Qué tal Raza**! Disponível em: http://alainet.org/active/929. Acesso em: 15/12/2016.

RIBEIRO, Djamila. **A questão das mulheres negras precisa ser central.** Disponível em: http://www.geledes.org.br/questao-das-mulheres-negras-precisa-ser-central/. Acesso em: 17/06/2016

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/busca_escolas.jsp. Acesso em: 08/06/2016

SILVA, Maria N. **A mulher negra**. Londrina: Revista Espaço Acadêmico, 2003.

SILVERIO, Valter e TRINIDAD, Cristina. **Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo?** Campinas: Educ. Soc. v. 33, n. 120, p. 891-914, jul.-set. 2012.Disponível em http://www.cedes.unicamp.br

SILVERIO, Valter. **Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil**. Disponível em:http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15560.pdf. Acesso em: 20/12/2016

SILVERIO, Valter R. **O multiculturalismo e o reconhecimento**: mito e metáfora. São Paulo: REVISTA USP, n.42, p. 44-55, junho/agosto 1999

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPOLLE, Marcus V. **A mobilidade social dos negros no Rio Grande do Sul**: os efeitos da discriminação racial nas trajetórias de vida. Porto Alegre: UFRGS. Tese de doutorado em sociologia, 2010.

TOLEDO, José R. **Mercado matrimonial favorece homens**. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/21/cotidiano/6.html. Acesso em: 19/04/2017.

Apêndices

Apêndice A - Modelo da entrevista semi-estruturada com as adolescentes

1. Me conta um pouco da tua história, onde nasceste, moraste em outra cidade ou bairro, tua rotina, tuas atividades de lazer.
2. Tu já ouviste falar em uma lei que obriga o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas?
3. Tu lembras de ter feito algum trabalho relacionado a esses temas? Em que disciplina? Em que ano escolar?
4. Se sim, tu achas que esse trabalho ou algum outro que tu possas relatar, te fez refletir sobre tua identidade negra?
5. Tu conheces o trabalho dos movimentos negros santanenses?
6. Tu participas de alguma das atividades promovidas pelos movimentos?
7. Tu acreditas que os movimentos negros de Santana façam um trabalho que venha ao encontro das construções das identidades negras na cidade?
8. Que relação tu tens com os movimentos negros?
9. Tu participas de algum grupo ou associação vinculada com a cultura negra? (exemplo: hip hop, capoeira, dança afro)
10. Tu já sofreste alguma injustiça ou preconceito relacionado a alguma característica física (exemplo: teu cabelo, tua cor de pele)? Como e onde foi?
11. Conheces alguém que já tenha sofrido algum ato de racismo?
12. Tu já sofreste algum ato de racismo na escola? Se sim, relate por favor.
13. Com relação aos uruguaios, há discriminação com os negros no lado uruguaio?
14. O que teu pai faz? E tua mãe?
15. Tu trabalhas? Se sim, com o que?
16. Quais são os teus planos para o futuro, já que estas no último ano?
17. Tens algum comentário que gostarias de colocar?
18. Gostaria de dizer algo sobre os temas tratados, racismo, identidade negra?

19. Se tu fosses pensar sobre os espaços e pessoas com quem te relacionas, o que tu achas que teve uma maior influência na construção da tua identidade negra? (a escola, a família, a religião, os amigos)
20. Na tua opinião, existe racismo em Santana do Livramento?
21. Qual a tua idade?
22. Qual a tua religião?
23. Qual o teu bairro? O que ele tem de positivo e negativo?
24. Tens alguns parentes uruguaios? E amigos?
25. Qual a tua cor?
26. Tens namorado? Ele é negro? Já namoraste um branco?
27. Tu participas de alguma escola de samba?
28. A tua família convive com negros? Tem festas no bairro, na rua, na família?
29. Quem é negro na tua família?
30. Qual a tua opinião sobre as cotas?
31. Qual é o teu padrão de beleza? Tu te achas bonita?
32. O que tu considera em uma mulher para dizer que ela é bonita? O cabelo, a cor da pele? Tu acha as mulheres negras mais sensuais que as mulheres brancas?

Apêndice B – Modelo da entrevista semi-estruturada com os fundadores dos movimentos negros

1. Me conta um pouco da tua história (onde nasceste, moraste em outra cidade ou bairro, tua rotina)
2. O movimento negro santanense foi fundado em 1990. Conta um pouco da historia desse movimento.
3. O movimento fortalece algum tipo de ação afirmativa?
4. Quais são as atividades promovidas pelo movimento?
5. Qual a tua participação no movimento negro?
6. Tu acreditas que o movimento faça um trabalho que venha ao encontro da construção das identidades negras na nossa cidade? Por que?
7. Tu participas de algum outro grupo ou associação vinculada com a cultura negra?
8. Tu já sofreste algum tipo de racismo na escola? Se sim, podes relatar o fato?
9. Tu já sofreste alguma injustiça ou preconceito relacionado a alguma característica física tua? Como e onde foi?
10. Conhece alguém que já tenha sofrido algum ato de racismo?
11. Qual a profissão do teu pai? E da tua mãe? E a tua?
12. Se tu fosses pensar sobre os espaços e pessoas com quem tu te relacionas, o que tu acha que teve um peso maior na tua construção da tua identidade?
13. Existe racismo em Santana? E entre bairros? E em Rivera?
14. Qual o teu bairro? Qual tua idade? Qual ta religião? Tu tens parentes uruguaios?

Apêndice C – modelo da entrevista semi-estruturada com professores e diretores

1. Me conta um pouco da tua história (onde nasceste, bairro, rotina)
2. Falando especificamente da lei 10 639/03 desde que ano a mesma está sendo implementada na escola e de que forma?
3. Tens algum trabalho a ser ressaltado? Em que disciplina? Em que ano escolar? Tu achas que esse trabalho proporcionou uma reflexão sobre o tema?
4. Tu conheces o trabalho dos movimentos negros na cidade?
5. Tu participas de alguma atividade?
6. Tu acreditas que os movimentos negros santanenses façam um trabalho que venha ao encontro da construção das identidades negras na cidade?
7. Tu participas de algum grupo ou associação vinculada com a cultura negra?
8. Já presenciou algum tipo de racismo na escola? Se já, o que aconteceu?
9. (se for negro ou negra) tu já sofreste algum preconceito por causa de alguma característica física tua?
10. (se for negro ou negra) o que teve maior peso na construção da tua identidade?
11. Qual a tua visão da relação entre negros e brancos na escola?
12. Qual a tua idade? Religião? Profissão? Profissão dos pais? Bairro? Nacionalidade? Tens parentes uruguaios?
13. Existe racismo em Santana do Livramento? Entre os bairros? Em Rivera?